

**FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS – FGV
ESCOLA BRASILEIRA DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA E EMPRESARIAL
CENTRO DE FORMAÇÃO ACADÊMICA DE PESQUISA
CURSO DE MESTRADO ACADÊMICO EM GESTÃO DE NEGÓCIOS**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**ANÁLISE TEÓRICO-METODOLÓGICA DAS MONOGRAFIAS DO CURSO DE
TURISMO DA UFMA QUE ABORDAM O ASSUNTO DA GESTÃO DE NEGÓCIOS
TURISTICOS NO PERÍODO DE 2001 A 2005**

SHEYLA YONARA DANTAS DE FARIAS

ORIENTADORA: PROF^a. DR^a. DEBORAH MORAES ZOUAIN

Rio de Janeiro
2006

SHEYLA YONARA DANTAS DE FARIAS

**ANÁLISE TEÓRICO-METODOLÓGICA DAS MONOGRAFIAS DO CURSO DE
TURISMO DA UFMA QUE ABORDAM O ASSUNTO DA GESTÃO DE NEGÓCIOS
TURISTICOS NO PERÍODO DE 2001 A 2005**

Dissertação apresentada ao Centro de Formação Acadêmica e Pesquisa no Programa de Mestrado da Fundação Getulio Vargas como requisito para a obtenção do título de mestre em Gestão de Negócios.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Deborah Moraes Zouain

Rio de Janeiro
2006

Farias, Sheyla Yonara Dantas de.

Análise Teórico- Metodológica das Monografias do Curso de Turismo da UFMA que Abordam o Assunto da Gestão de Negócios Turísticos no Período de 2001 A 2005

Sheyla Yonara Dantas de Farias – RJ, 2006.9

168.fs.

Orientadora: Profª Drª Deborah Moraes Zouain

Dissertação (Mestrado) – Centro de Formação Acadêmica e Pesquisa da Fundação Getúlio Vargas – FGV

1 Análise Metodológica 2 Gestão de Negócios Turísticos 3 Pesquisa I Fundação Getúlio Vargas II Título

CDD 338.4792

**FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS – FGV
ESCOLA BRASILEIRA DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA E EMPRESARIAL
CENTRO DE FORMAÇÃO ACADÊMICA DE PESQUISA
CURSO DE MESTRADO ACADÊMICO EM GESTÃO DE NEGÓCIOS**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Por: SHEYLA YONARA DANTAS DE FARIAS

**ANÁLISE TEÓRICO-METODOLÓGICA DAS MONOGRAFIAS DO CURSO DE
TURISMO DA UFMA QUE ABORDAM O ASSUNTO DA GESTÃO DE NEGÓCIOS
TURISTICOS NO PERÍODO DE 2001 A 2005**

Dissertação apresentada ao Centro de Formação Acadêmica e Pesquisa no Programa de Mestrado da Fundação Getulio Vargas como requisito para a obtenção do título de mestre em Gestão de Negócios.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Deborah Moraes Zouain

Aprovada em: _____ / _____ / _____

BANCA EXAMINADORA:

PROF^a. DR^a. DEBORAH MORAES ZOUAIN (ORIENTADORA)

2º Examinador (a)

3º Examinador (a)

4º Examinador (a) (Suplente)

Rio de Janeiro
2006

Este trabalho é dedicado a todos aqueles que refletem, fazem e encaram a pesquisa científica como um compromisso em construção e prática cotidiana, necessária, do processo educacional.

AGRADECIMENTOS

A DEUS em primeiro lugar pelo dom da vida e por ter sido meu grande sustentáculo, me possibilitando chegar até essa etapa de minha vida acadêmica.

A professora Doutora Débora Moraes Zouain pela firme orientação, o apoio e a amizade, fundamentais na continuidade de nossa formação profissional.

Ao coordenador do Programa de Mestrado em Gestão de Negócios da Fundação Getúlio Vargas, aos professores e aos demais funcionários por ter contribuído para minha formação científica e intelectual e em especial a professora Sylvia Constante Vergara.

A todos professores que participaram de minha formação durante minha vida até o presente momento.

Aos meus familiares pelo acompanhamento e incentivo na minha caminhada. A eles devo todo apoio necessário que muito me fortaleceu.

Ao meu marido Enio companheiro e amigo de sempre que me compreende e me faz amar.

A todos aqueles que direta e indiretamente contribuíram com este trabalho, cujos nomes aqui não aparecem.

Na área de turismo, como em qualquer outra área do conhecimento (...) o processo de desenvolvimento está estritamente ligado à pesquisa e ao ensino.

Mirian Rejowski

RESUMO

Este trabalho tem por finalidade analisar as características teóricas e metodológicas das monografias defendidas no curso de turismo da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, que tratam de assuntos voltados para a temática em Gestão de Negócios turísticos no período de 2001/2005. Trabalham-se as principais definições e conceitos relacionados à pesquisa, mostrando ser a pesquisa um ato não isolado, processual e sistematizado. Apresenta a importância e as funções da pesquisa afirmando que a mesma vem conquistando um certo espaço na vida acadêmica por melhorar as práticas educativas bem como contribuindo para melhoria de vida dos cidadãos, quando unida à tecnologia, além de apresentar a importância dos métodos de investigação nos vários níveis e fases. Aborda sobre a pesquisa nas diversas concepções na universidade de forma contextualizada. Aborda sobre a função social da pesquisa estimulando a divulgação científica, vinculando esta responsabilidade como débito social do pesquisador para com a comunidade científica. A pesquisa configura-se como um método descritivo - exploratório analisado segundo três matrizes: paradigmática, tipológica e o mapa conceitual que serviram como critério orientador, onde as monografias foram metodicamente analisadas em sua estrutura no nível teórico, apresentando as principais temáticas trabalhadas, as críticas e as propostas, bem como os autores mais citados e os tipos de documento mais pesquisados. No nível técnico são analisados a característica das pesquisas, as técnicas, instrumentos e procedimentos utilizados na coleta e análise dos dados. No nível epistemológico foram observados os critérios de validação, as concepções de causalidade e de ciência, e os pressupostos lógico – gnosiológicos. Os dados obtidos, analisados a luz do referencial teórico apontam para necessidade de um maior rigor científico e espírito crítico por parte dos pesquisadores.

Palavras Chaves: Pesquisa, Gestão, Negócios Turísticos, Monografias, Análise Metodológica, Universidade, Divulgação Científica.

ABSTRACT

This work has for purpose to analyze the theoretical and methodological characteristics of the protected monographs in the course of tourism of the Federal University of Maranhão - UFMA, that deal with matters gone back to the theme in administration of tourist businesses in the period of 2001/2005. they are Worked the main definitions and concepts related to the research showing to be the research an action no isolated, procedural and systematized. It presents the importance and the functions of the research affirming that the same is conquering a certain space in the academic life for improving the educational practices as well as contributing to improvement of the citizens' life when united to the technology, besides presenting the importance of the investigation methods in the several levels and phases. It approaches on the research in the several conceptions in the university of form contextualizada. It approaches about the social function of the research stimulating the scientific popularization linking this responsibility as the researcher's social debit to the scientific community. The research is configured as a descriptive method - analyzed exploratory second three head offices: paradigmática, tipológica and the conceptual map that you/they served as guiding criterion where the monographs form metodicamente analyzed in his/her structure in the theoretical level, presented the main worked themes, the critics and proposal as well as the authors more mentioned and the document types more researched. technician and epistemológico. In the technical level they are analyzed the characteristic of the researches the técnicas, instrumentos and procedures used in the collection of data and analyze of the data. In the level epistemológico the validation criteria were observed the causality conceptions and of sciences and the logical presuppositions - gnosiológicos. The obtained data, analyzed the light of the theoretical referencial appear for necessity of great researcher of critic spirit and rigity cientific

Key words: He/she researches, Administration, Tourist Businesses, Monographs, Análisis Metodológica, University, Scientific Popularization.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

BM – Banco Mundial

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CNPQ – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino

EUA – Estados Unidos da América

FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo

FHC – Fernando Henrique Cardoso

FMI – Fundo Monetário Internacional

ISO DP 690 (1987) - Bibliographic Referentces to Monographs and Sereials, and to
Construbitions in Monographs and Serials (Rereências Bibliográfiacas para
Monografias e Publicações Seriadas e para Contribuições às Mesmas).

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

MEC – Ministério da Educação e Cultura

NBR – Norma Brasileira de Referência

PET - Programa Especial de Treinamento

PNG – Programa Nacional de Graduação

PROAP – Programa de Apoio a Pós-Graduação

TCC - Trabalho de Conclusão de Curso

UDF – Universidade do Distrito Federal

UFMA – Universidade Federal do Maranhão

UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas

UDF – Universidade do Distrito Federal

USP - Universidade de São Paulo

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Comparação entre os autores DENZIN & LINCOLN (2001), COSTA (2001) e DENCKER (2001)	26
Quadro 2 - Comparação entre os autores REJOWSKI (1997), DENCKER (2001) e RITCHIE (1994).....	27
Quadro 3 - Relação das Monografias Seleccionadas Para Análise	120
Quadro 4 - Características das Abordagens Quantitativa e Qualitativa.....	122
Quadro 5 - Estrutura do Roteiro de Análise e Códigos para classificação	124
Quadro 6 - Resultado numérico dos métodos de coleta encontrados em nossa pesquisa (instrumentos de coletas de dados)	136
Quadro 7 - Resultado numérico dos métodos de análise de dados encontrados em nossas pesquisas	138
Quadro 8 - Resultados da Pesquisa por Tipo de Estudo com Base na Tipologia Apresentada por Rejowski (2002) com algumas Adaptações de nossa parte	139
Quadro 9 - Resultados da Pesquisa por Tipo de Análise com Base Tipologia Apresentada por Rejowski (2002), com Algumas Adaptações de Nossa Parte.....	140
Quadro10 - Resultados da Pesquisa sobre as Monografias que Abordam a Temática de Gestão de Negócios Turísticos do Curso de Turismo da UFMA por Assunto (temática) Utilizadas em nossa Pesquisa	140
Quadro11 - Resultados da Análise das Monografias	141
Quadro12 - Resultado da Pesquisa por Categorias de Análise.....	148

LISTAS DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Relação Ano/ Número de Fontes Pesquisadas	126
Gráfico 2 - Resultados Quantitativos das Análises Feitas sobre os Paradigmas Utilizados na Pesquisa	130
Gráfico 3 - Resultados Quantitativos das Análises Feitas sobre as Estratégias Utilizadas nas Pesquisas.....	134

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	15
2	DEFINIÇÃO E CONCEITOS RELACIONADOS À PESQUISA.....	20
	2.1 Importância e Funções da Pesquisa.....	21
	2.2 Importância dos Métodos de Investigação Científica.....	21
	3 Diversos Níveis de Investigação	22
3	A PESQUISA NAS DIVERSAS CONCEPÇÕES DA UNIVERSIDADE	28
	3.1 A pesquisa na universidade brasileira.....	31
	3.2 Contexto atual da pesquisa na graduação.....	36
	3.3 Pesquisa na Universidade no Século XXI: um olhar crítico - reflexivo	41
4	A FUNÇÃO SOCIAL DA PESQUISA: DIFUSÃO, DISSEMINAÇÃO E DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA	54
	4.1 Conceitos e Funções da Comunicação Científica.....	55
	4.2 A Responsabilidade do Pesquisador na Divulgação da Pesquisa	57
5	AS ATIVIDADES ACADÊMICAS E A FORMAÇÃO PARA A PESQUISA: O TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – OBJETO DE NOSSA ANÁLISE	59
	5.1 O Trabalho de Conclusão de Curso.....	65
	5.2 As contribuições da monografia segundo as concepções dos autores pesquisados na literatura	67
6	A PESQUISA EM TURISMO	73
7	A GESTÃO DE NEGÓCIOS TURÍSTICOS	76
	6.1 Importância para o País	78
	6.2 O Turismo como Fenômeno Econômico.....	78
8	EMBASAMENTO TEÓRICO- METODOLÓGICO PARA ANÁLISE DAS MONOGRAFIAS:.....	81
	8.1 A análise de conteúdo como recurso metodológico para a avaliação das monografias	81
	8.1.1 Primeira fase.....	81
	8.1.2 A segunda fase.....	83

8.1.3 A terceira fase.....	84
8.2 Caminhos Metodológicos: Delineamento do Estudo.....	85
8.3 Fundamentação Histórica e Epistemológica do Paradigma Quantitativo.....	86
8.4 Fundamentação Histórica e Epistemológica do Paradigma Qualitativo	94
8.4.1 Primeira fase.....	94
8.4.2 Segunda fase.....	99
8.4.3 Terceira fase.....	100
8.4.4 Quarta fase.....	102
8.4.5 Quinta fase.....	104
8.5 Intertextualizando o Processo Histórico da Investigação Qualitativa	106
8.6 Posicionamentos do Debate Quantidade <i>versus</i> Qualidade	107
8.7 Acareando os Enfoques Quantitativos e Qualitativos	112
9 CATEGORIAS E TIPOLOGIAS RELACIONADAS À ANÁLISE E	
INTERPRETAÇÃO DE DADOS.....	119
9.1 O Método	119
8.1.1 Universo da Pesquisa e Amostra.....	119
9.2 Instrumentos da Pesquisa:.....	123
9.2.1 Estruturação do Roteiro de Análise:	123
9.2.2 Objetivos do Roteiro de Análise.....	124
9.2.3 Validade e Confiabilidade dos Instrumentos de Pesquisas.....	125
10 APRESENTAÇÃO DOS DADOS E ANÁLISE	127
10.1 Análise dos Paradigmas da Pesquisa.....	127
10.2 Análise das Estratégias de Pesquisa	131
10.3 Análise dos Métodos de Coleta	134
10.4 Resultado Quanto à Análise dos Dados.....	136
11 ANÁLISE DA BIBLIOGRAFIA UTILIZADA (NÍVEL TEÓRICO)	143
11.1 Principais Temáticas Trabalhadas:.....	143
11.2 Autores mais Citados	143
11.3 Uso da Literatura Estrangeira.....	143
11.4 Principais Propostas.....	144

12 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	145
12.1 Principais descobertas e conclusões.....	147
12.2 Principais metodologias de investigação científicas aplicadas na pesquisa em Gestão de Negócios Turísticos	147
12.3 Discussão Final	148
12.4 Limitações	150
12.5 Sugestões para Pesquisas Futuras	150
13 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	152
ANEXOS.....	165
ANEXO A – INVENTÁRIO DE MONOGRAFIAS DO CURSO DE TURISMO DA UFMA QUE ABORDAM O FENÔMENO DA GESTÃO DE NEGÓCIOS TURÍSTICOS (SOMENTE AS SELECIONADAS)	166
ANEXO B – ÍNDICE POR TÍTULO DAS MONOGRAFIAS APRESENTADAS NO CURSO DE TURISMO DA UFMA QUE ABORDAM O ASSUNTO DA GESTÃO DE NEGÓCIOS TURÍSTICOS (PERÍODO 2001-2005)	171
APÊNDICES	173
APÊNDICE A - MAPA CONCEITUAL.....	174
APÊNDICE B – MATRIZ PARADIGMÁTICA	175

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho partiu de uma inquietação epistemológica sobre a pesquisa em gestão de negócios turísticos a respeito de quais tendências paradigmáticas seriam hegemônicas neste campo bem como as tipologias mais empregadas, considerando-se os enfoques quantitativos e qualitativos a partir dos trabalhos produzidos na UFMA no período 2001 – 2005.

A investigação científica é um ato de construção, onde cada elemento envolvido não é apenas mais um dado, mais uma informação, no entanto, contribui de maneira singular para o desenvolvimento de uma ou mais respostas adequadas ao problema suscitado pelo pesquisador. É inquestionável a importância da pesquisa científica em todos os ramos do conhecimento e, por conseguinte, a sua aplicação e/ou reflexão frente à busca da verdade como processo e essa busca caracteriza-se como a finalidade da própria pesquisa científica. Desta maneira cabe ao investigador uma contínua ação-reflexão-ação sobre o sujeito pesquisado e demais variáveis a ele pertinentes, entendendo-se que a pesquisa desenvolve-se ao longo de um processo que abrange inúmeras fases, desde a adequada formulação do problema até a satisfatória apresentação dos resultados .

Os conhecimentos são sempre relativamente sintetizados sob certas condições ou circunstâncias, dependendo das teorias, dos métodos, das temáticas que o pesquisador escolhe para trabalhar. Na prática de pesquisas entre nós muitas coisas confusas são encontradas. É comum os trabalhos reivindicarem estatutos de científico, com discrepâncias gritantes entre teorias e métodos. Aponta-se esta ou aquela referência teórica de fundo e descrevem-se procedimentos de pesquisa numa estrutura que nada tem haver com a referência declaradamente adotada, cheias de incongruências epistemológicas. Mas o que se observa em muitos trabalhos é a utilização mecânica, ritualística ou formal de meios de investigação, no mesmo esquema das ciências experimentais em seus primórdios, com pretensas interpretações á luz de uma abordagem teórica que não se coaduna com os procedimentos adotados e realizados.

Os métodos nascem do embate de idéias, perspectivas, teorias, com a prática. Eles não são somente um conjunto de pessoas que ditam o caminho. São também um conjunto de crenças, valores e atitudes. Há que se considerar o aspecto interiorizado do método, seu lado intersubjetivo, e, até em parte, personalizado pelas mediações do investigador, ou seja, os métodos, para além da lógica, são vivências

do próprio pesquisador com o que é pesquisado. Não são externos, independentes de que lhe dá existência no ato de praticá-lo.

No exercício da pesquisa certas orientações e regras existem e são úteis e necessárias como referentes de avaliação e plausibilidade das análises. Mas, se não forem apropriadas e integradas pelo pesquisador em suas formas de pensar e agir, num certo conjunto lógico-vivencial, num estado de espírito que leva um certo tipo de olhar, de perspectiva ante os eventos, estas orientações e regras tornam-se estéreis, porque mecânicas: levam tão-somente à repetição, à imitação e não à apreensão criativa e consistente dos entrelaçamento de fatos e dados em seus significados: também não levaria à discussão e conscientização de seus limites.

Isto só é possível pela apropriação transformadora, personalizada, das regras, formas de trabalho e orientações já formalizadas, ou seja, os métodos de trabalho precisam ser vivenciados em toda sua extensão, pela experiência continuada, pelas trocas, pelos tropeços, pelas críticas, pela sua interação mediada pelo próprio modo de ser do pesquisador enquanto pessoas. Sem isso, tem-se a rotina, o bom seguidor de receitas que produz trabalhos cuja conclusão já se conhece antes de terminar. Abordagem e o método revelam-se nas formas de pensar e de fazer ao transcorrer na própria pesquisa, e não por declarações abstratas de adesão a essa ou aquela perspectiva.

Segundo GATTI (2004), em muitos estudos são observados autores declarando que vão trabalhar em uma perspectiva fenomenológica ou materialista-histórica e aparece, por conseguinte, um capítulo descrevendo um objeto, campo de pesquisa, teoria e método segundo a sua mais tradicional perspectiva das abordagens lógico-empiristas, ou seja, há uma incoerência epistemológica entre teoria e método.

Assim despertou em nós a curiosidade científica e conseqüentemente propomo-nos a investigar o seguinte problema:

Há coerência teórico-metodológica nas monografias que tratam da gestão de negócios turísticos da UFMA?

Algumas questões elencamos como problematizadoras que servirão de pressupostos norteadores do nosso trabalho tais como:

- Quais as características dos trabalhos monográficos que tratam da gestão de negócios turísticos defendidos no curso de turismo da UFMA no período de 2001 a 2005?

- Que técnicas e instrumentos predominam na coleta de dados?
- Que procedimentos são mais utilizados no tratamento dos dados?
- Que critérios de validação científica são mais utilizados?
- Qual paradigma predomina na pesquisa em gestão de negócios turísticos?

O processo de formulação do nosso problema resulta de uma preocupação com o desenvolvimento da pesquisa científica que envolve as principais tendências metodológicas e tipológicas mais utilizadas no Curso de Graduação em Turismo da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, com especial atenção àquelas que trabalham a gestão de negócios turísticos. Abrimos espaço para que a discussão dos resultados obtidos possa enriquecer concretamente o “saber e o fazer científicos” no campo da pesquisa.

Entendemos o paradigma quantitativo, embora com raízes no positivismo, como uma pesquisa com finalidade específica, por isso segue um padrão proximalmente linear, estabelecendo cada passo de sua trajetória numa perspectiva objetivista, culminando na obtenção de resultados possíveis de serem verificados e reverificados em sua confiabilidade e fidedignidade.

Como paradigma qualitativo entendemos um enfoque investigativo, cuja preocupação primordial é compreender o fenômeno, descrever o objeto de estudo, interpretar seus valores e relações, não dissociando o pensamento da realidade dos atores sociais, onde pesquisador e pesquisado são sujeitos correntes, e por consequência, ativos no desenvolvimento da investigação científica.

As instituições acadêmicas têm como um de seus atributos principais, a comunicação dos conhecimentos gerados, que servirão para o crescimento da ciência e abertura a novas frentes de estudo e pesquisa. A geração desses conhecimentos, disseminados por canais formais ou informais da comunicação científica, nos diferentes formatos, constitui a denominada “produção científica”. A produção científica é também conhecida como produção intelectual, produção acadêmica, produção do conhecimento, expressões essas que abarcam as produções bibliográficas, técnica e artísticas realizadas por determinada comunidade. Vale destacar que essa produção não deve ser considerada apenas fruto de interesse local ou pessoal de pesquisadores, mas, também das demandas sociais.

As fontes de origem dessa produção normalmente são os Programas de Pós-Graduação (níveis Mestrado e Doutorado) das universidades, que são

considerados o maior pólo gerador da produção científica brasileira. A CAPES, como agência nacional na coordenação dos programas de pós-graduação no Brasil, dá à produção intelectual a “denominação genérica da produção bibliográfica, produção técnica e produção artística realizadas pelos docentes, discentes e demais participantes dos programas”. (CAVALCANTI e col., 2000, p.5)

A escolha do canal para divulgação do conhecimento produzido varia de pesquisa para pesquisa ou mesmo de área para área. No entanto, as comunidades acadêmicas têm a publicação como o meio mais reconhecido para a divulgação dos estudos das pesquisas, transformando-os em uma “forma motriz, na medida em que é recuperada e divulgada, impulsionando o desenvolvimento intelectual e a realimentando o ciclo da geração do conhecimento” (ALVES, citado por CAVALCANTI e col., 2000, p.7).

Na comunidade acadêmica “existe uma forte pressão para publicar, uma vez que a progressão na carreira nas universidades e institutos de pesquisa tem como base de avaliação a produtividade científica” (CAVANCANTI e col., 2000, p.19). A produção intelectual gerada e divulgada pelos documentos. vem sendo avaliadas com propósitos diferenciados. Assim, as avaliações têm servido como subsídio atendendo a requisitos estabelecidos para: credenciamentos, obtenção de fundos de agência de fomento; progressão na carreira acadêmica e ascensão profissional do pesquisador; adquirir melhor “status” intelectual e o reconhecimento profissional pelos pares; em concursos seletivos; entre outros.

Além disso, os estudos avaliativos da produção intelectual têm também permitido delinear campos ou áreas específicas do conhecimento, detectando tendências temáticas, metodológicas, e mesmo evolução do conhecimento em frações temporais e espaciais. São estudos chamados bibliométricos e cienciométricos que permitem não só o reconhecimento do que está sendo pesquisado, mas, e, principalmente, como essa produção pode estar influenciando o meio científico, com o estabelecimento de padrões que permitem traçar metas ou ações com tomadas de decisões em programas de políticas científicas.

A literatura internacional tem mostrado um crescente interesse em desenvolver trabalhos aplicando as técnicas bibliométricas e cienciométricas, na avaliação da produção gerada em áreas específicas ou por determinada comunidade. Para MACIAS-CHAPULA (1998, p.131) "a bibliometria é o meio de situar a produção de um país em relação ao mundo, uma instituição em relação ao

seu país e, até mesmo, cientistas em relação às suas próprias comunidades". A cienciometria analisa o processo de produção científica no contexto geral do pesquisador, como a natureza do trabalho produzido, as influências sociais e econômicas e as descontinuidades que se impõem no decorrer do seu desenvolvimento.

A escolha da UFMA como objeto de pesquisa para esse trabalho foi feita considerando-se que a mesma é uma universidade voltada para a pesquisa científica e tecnológica e que dá grande ênfase à formação de novos pesquisadores, ainda na graduação.

2 DEFINIÇÃO E CONCEITOS RELACIONADOS À PESQUISA

O emprego do termo pesquisa exige esclarecimentos sobre o seu entendimento. Neste trabalho, a partir de afirmações de alguns autores sobre o assunto como SEVERINO (2000), DEMO (2000) e LUCKESI et al. (1998), pensa-se a pesquisa como uma atividade intelectual e um labor que resulta da relação do homem com o mundo, como um observador, indagador e interventor. Observador porque percebe os sinais emitidos pela realidade que o cerca, conseguindo identificar as situações que fogem do esperado. Indagador por que pergunta a si mesmo porque tal fenômeno ou situação está acontecendo, busca semelhanças e singularidades nessas manifestações. Interventor porque se sente impelido a dar respostas a essas inquietações.

A pesquisa é um labor porque demanda esforço pessoal na busca de informações sobre o fenômeno observado, que toma tempo e que esgota aos que a ela se dedica. Dependendo do propósito do pesquisador, o trabalho resulta em esclarecimento ou intervenção sobre o problema; dessa forma, a pesquisa é uma atividade que envolve todos os aspectos do ser humano: o intelectual, o emocional, o fisiológico e o interacional. A pesquisa também é entendida como labor por DYNIEWICZ & MARTINS (1998) que, ao incentivar os alunos a escreverem suas experiências, transformando-as em obra de arte, ressaltam que elas resultam de exaustivo labor técnico e científico.

A pesquisa, para DESLANDES (1994), é atividade básica da ciência na sua indagação e construção da realidade. É a pesquisa que alimenta a atividade de ensino. SOUZA & GUTIÉRREZ (1990, p. 135) explicam que "*a pesquisa científica é um meio controlado, sistematizado de buscar respostas às dúvidas, aos problemas confrontados pelo homem no seu viver*". Assim podemos afirmar com DEMO (2000, p. 16) que a pesquisa não é "*ato isolado, intermitente, especial, mas atividade processual de investigação diante do desconhecido e dos limites que a natureza e a sociedade nos impõem; conhecimento é processo diário que não começa e nem acaba*".

O trabalho de pesquisa, independente do referencial teórico do observador, exige sistematização: a partir de evidências define o problema, busca informações esclarecedoras para o problema, analisa as informações com o auxílio de um referencial teórico e divulga o conhecimento produzido, enfim planeja ou

relata as etapas da pesquisa, como descreve DESLANDES (1994), MARCONI (2000), POLIT & HUNGLER (2001) e MATTAR NETO (2002).

DEMO (2000, p. 29) citando Ladiere, diz que: "*A pesquisa é compreendida como diálogo crítico com a realidade no seu dia-a-dia e como raiz política da constituição de espaço próprio, com projeto próprio de vida*". Consideramos, então, a pesquisa como uma atividade intelectual e um labor, a qual exige o domínio de temas de várias disciplinas acadêmicas. Assim, o conteúdo de Metodologia de Pesquisa torna-se interdisciplinar.

2.1 Importância e Funções da Pesquisa

CIANCIARULLO & SALZANO (1991) ressaltam que a pesquisa no Brasil está passando por importantes transformações que se refletem nos espaços que vem conquistando e na sua inserção no contexto de trabalho caracterizado por uma tendência para pesquisas de cunho qualitativo.

A pesquisa é fundamental para a vida acadêmica; ela permite a construção de um corpo de conhecimento específico e propicia a melhoria das praticas educativas (CASSIANI & PASSARELLI, 1999). Os autores informam que são funções da pesquisa: buscar soluções para os problemas vivenciados no cotidiano, gerar e validar conhecimentos necessários e úteis à prática profissional. ROCHA & BOEMER (1992) acrescentam que é função da pesquisa buscar, através de caminhos metodológicos coerentes, a construção de melhores condições de existência para o homem. Estas autoras informam que a pesquisa terá maior impacto social, à medida que se engajar em projetos integrados que visem dar solução aos problemas primordiais enfrentados pelo homem atualmente como: pobreza, aquecimento global, destruição de florestas e da camada de ozônio. ALMEIDA (1992) também aponta para a necessidade da pesquisa ser um processo de trabalho coletivo dizendo que a pesquisa como processo isolado tem poucas possibilidades de existir e de responder às necessidades dos homens. Ainda alerta para a importância de a produção científica ser organizada em torno de linhas de pesquisas e grupos de pesquisadores, criando com isso condições para a pesquisa cumprir uma de suas funções que é a melhoria das condições de vida da população.

2.2 Importância dos Métodos de Investigação Científica

O método científico pode ser definido como o conjunto de princípios e regras ou estratégias, que guiam um determinado indivíduo em um processo de

pesquisa, a buscar conhecimento empírico de forma eficiente. Encontram-se intrínsecas ao método as bases filosóficas que o sustentam. Em geral, os cientistas encontram-se mais envolvidos com a execução da pesquisa do que com a discussão a respeito das bases filosóficas existentes por trás desses princípios. Esta última fica como tarefa para os pensadores e filósofos. No entanto, certos autores dedicam-se à discussão de conceitos filosóficos buscando adaptá-los e transformá-los em estratégias de pesquisa objetivas e pragmáticas, possíveis de serem facilmente compreendidas pelos pesquisadores e aplicáveis, através de suas técnicas correspondentes, nas diferentes áreas do conhecimento.

Assim, regras e princípios fortemente fundamentados nos conceitos filosóficos encontram-se disponíveis aos pesquisadores na literatura, em uma linguagem clara e que, se seguidos com cuidado, conseguem reduzir as possibilidades de erro e aumentar a confiabilidade e validade dos resultados de uma pesquisa.

Não existem regras fixas que produzam resultados completamente livres de erros ou desvios, bem como, nenhuma área do conhecimento está limitada a um conjunto fixo de métodos. A ciência é dinâmica e, portanto, novos métodos podem ser desenvolvidos ou aprimorados. Assim, como diferentes disciplinas utilizam-se de diferentes métodos de pesquisa, em áreas multidisciplinares como Gestão de Negócios, Turismo além de outras, o conhecimento do método é de extrema importância para uma boa condução de um processo de pesquisa bem como a avaliação. Neste respeito, GOELDNER & RITCHIE (2002; 384) concluem que "a avaliação é um elemento central da atividade de pesquisa (...), e a falta de padrão ou de definições precisas tem prejudicado o seu desenvolvimento. Sem definições, a avaliação não pode ser desenvolvida e os dados não podem ser gerados nem comparados entre um estudo e outro".

2.3 Diversos Níveis de Investigação

Os termos "pesquisa qualitativa" e "pesquisa quantitativa" são utilizados para classificar o tratamento metodológico empregado em trabalhos científicos, monografias, dissertações e teses. Entende-se por qualitativa, a pesquisa que lida com o dia a dia do indivíduo em seu ambiente de trabalho, em suas relações e atividades. Sua finalidade é buscar entendimentos, extrapolações para situações similares e bases que irão fundamentar a criação de hipóteses. Por quantitativa entende-se aquela que lida com hipóteses pré-estabelecidas, amostras e

probabilidades. De acordo com COSTA (2001; 39) "busca estabelecer relações de causa-e-efeito entre as variáveis, de tal modo que as perguntas 'quanto?', em que 'proporção?', em que 'medida?' sejam respondidas com razoável rigor."

Em uma pesquisa quantitativa são utilizados métodos estatísticos e a finalidade é buscar determinações causais, previsões e generalizações dos resultados. A pesquisa qualitativa tem uma longa história. No entanto, foi no campo da sociologia que o trabalho da Escola de Chicago, nos anos 20 a 30, estabeleceu a importância deste tipo de pesquisa para o estudo do homem na sociedade (BROMLEY, 1986). A partir daí, diversas outras áreas passaram a interessar por esse tipo de pesquisa.

Os métodos qualitativos e quantitativos não são excludentes entre si (BRANNER, 1992). Em realidade, tanto a pesquisa qualitativa pode lidar com medidas estatísticas como a quantitativa pode buscar resultados menos pontuais. A finalidade dos dois métodos é a contribuição que cada um deles, combinados ou não, podem trazer para as diversas áreas do conhecimento. A discussão entre cientistas defensores dos métodos qualitativos de pesquisa versus os quantitativos ainda não desapareceu (PATTON, 1990), mas, a partir da década de 70, esta divergência diminuiu e a interação entre ambos os métodos começou a ocorrer.

Pesquisadores de linha quantitativa como D. Campbell e Cronbach começaram a valorizar suas possibilidades de pesquisa nas ciências sociais. Cronbach chegou a afirmar que pesquisas estatísticas não são capazes de apreender por completo os diversos efeitos decorrentes das interações que ocorrem em um ambiente social.

Segundo REJOWSKI (1997, 11) "não se tem um quadro geral de métodos e técnicas utilizadas nas pesquisas turísticas". Há uma infinidade de procedimentos metodológicos que variam conforme a disciplina na qual o estudo se insere podendo assim, englobar a economia, a geografia, a sociologia e a administração entre outras áreas. A pesquisa científica em Gestão de Negócios, em Turismo, como em qualquer outra área, pode ter como paradigma predominante o método quantitativo ou o qualitativo ou mesmo ambos. De acordo com DENZIN & LINCOLN (1998) tais definições, ou seja, quantitativa e qualitativa são boas, porém, simplesmente muito limitadas, e por si só, incompletas.

Uma das considerações feitas por REJOWSKI (1997) foi à deficiência metodológica encontrada nos trabalhos na área de turismo, por ela examinados, fato

que nos incentiva ainda mais na discussão deste tema. Esta visão geral possibilitou a formação de uma base razoavelmente consistente das diversas teorias e métodos utilizados no meio acadêmico que serviu de suporte para a pesquisa empírica deste trabalho. No entanto, este trabalho possui uma forte influência dos conceitos apresentados por DENZIN & LINCOLN (2001), principalmente pelas Fases das Pesquisas, e por isso, serão exploradas com maior profundidades.

Definem-se, a seguir, cada uma destas Fases onde se buscou conciliar as taxonomias e definições dadas pelos autores a serem citados a seguir:

Fase 1 - O pesquisador. A fase 1 indica a profundidade e complexidade da perspectiva de pesquisa tradicional e aplicada na qual o pesquisador se insere. Neste ponto, o pesquisador se confronta com questões éticas e políticas, dependendo de seu objeto de investigação. Ressalta-se que esta Fase não foi analisada neste trabalho, uma vez que depende de um amplo contato e interação com o pesquisador.

Fase 2 - Paradigma e Perspectiva teórica. Tem-se como definição da palavra Paradigma (Merriam Webster) "arcabouço teórico e filosófico de uma disciplina ou escola científica, na qual teorias, leis e generalizações em como os experimentos que os sustentam são formulados".

Assim, os paradigmas abrangem um ou mais métodos de pesquisa. Tais ações buscam alcançar os resultados para as questões de uma pesquisa da melhor forma possível. Na perspectiva da pesquisa qualitativa, o paradigma corresponde à forma como o investigador vê o mundo e atua sobre ele, ou seja, "*um conjunto de crenças que guiam as ações*" (GUBA, 2001). O termo paradigma contém as premissas epistemológicas, ontológicas e metodológicas do pesquisador.

Fase 3 - Estratégias de Pesquisa e paradigmas interpretativos. A estratégia de pesquisa consiste de um conjunto de habilidades, pressupostos e práticas que pesquisadores utilizam quando fazem a passagem dos seus paradigmas teóricos para o mundo empírico. As estratégias de pesquisa são determinadas a partir da questão da pesquisa. Para MORSE (2001. p. 220) "Estratégias de pesquisa são meramente instrumentos; é responsabilidade do pesquisador entender as variedades e diferentes propósitos de cada estratégia existente, para assim, apreciar de antemão as ramificações em selecionar um método ao invés de outro". Cada estratégia fornece algo que melhor avalia aspectos da realidade.

Fase 4 - O método de coleta e análise de dados. O método de coleta é a forma juntamente com o instrumento que será utilizado na coleta dos dados necessários para a pesquisa. O método de coleta influencia significativamente no resultado e, portanto deve ser suportado por um instrumento acurado. A análise qualitativa lida com narrativas e descrições. Trabalha com fatos, os organiza, quebra em unidades mais flexíveis, sintetiza-os, busca características ou categorias, identifica o que é importante e o que deve ser apreendido. (PATTON, 1990) A análise qualitativa requer criatividade para enfrentar o desafio de transformar fatos crus em categorias lógicas e significativas que possam ser examinadas de forma holística e também, para encontrar uma forma de divulgar tais interpretações a outras pessoas. A análise quantitativa é feita através dos resultados gerados por estatísticas aplicadas à pesquisa.

Fase 5 - A apresentação e interpretação dos resultados. A última fase da pesquisa compreende:

- 1) Arte da Interpretação e Apresentação** - onde o pesquisador usa de Critérios de análise textuais;
- 2) A Arte e políticas de interpretação** - onde são utilizadas a escrita interpretativa, a análise política, a avaliação e a pesquisa aplicada.

Esta pesquisa não analisará as monografias no que diz respeito à apresentação e interpretação dos resultados. Juntamente com a Fase 1, estes seriam temas de análise para futuras pesquisas. Assim, pela Pesquisa Bibliográfica, tentou-se entender as diferenças e semelhanças encontradas entre os diversos autores que escreveram sobre Metodologia de Pesquisa.

Os quadros 1 e 2 demonstram as fases da pesquisa de forma comparativa entre os renomados autores que trabalham as questões teórico-metodológicas da pesquisa, dando-se ênfase aos paradigmas às estratégias e coleta e análise de dados (fases 3 a 5, respectivamente).

Quadro 1- Comparação entre os autores DENZIN & LINCOLN (2001), COSTA (2001) e DENCKER (2001).

Autor	Fase 1 O pesquisador como um sujeito multi- Cultural	Fase 2 Paradigmas	Fase 3 Estratégia	Fase 4 Coleta e Análise	Fase 5 Arte, prática e políticas de Interpretação e apresentação
Denzin & Lincoln (2001)	História e tradições de pesquisa, Conceituação do eu e o outro, ética e políticas de pesquisa.	Positivismo, pós-positivismo, Interpretativismo, construtivismo, hermenêutica, feminismo, discursos racionais, teoria crítica e modelos marxistas, estudos e modelos culturais, histórico, demográfico, desconstrutivo e teórico	<i>Study design</i> , estudo de caso, etnografia, observação participante, <i>Grounded theory</i> , história de vida, testemunho, método histórico, pesquisa ação, aplicada e pesquisa clínica.	Entrevista, observação, artefatos, documentos e registros, métodos visuais, auto-etnografia, Focus groups, etnografia aplicada análise de dados por computador, análise textual, métodos de gerenciamento de dados.	Critério de Julgamento adequado, práticas e políticas de interpretação, escrita interpretativa, política de análise, tradições de avaliação.
Costa (2001)	-	Exploratória Descritiva Causal	Estudo de Caso Pesquisa bibliográfica Documental Pesquisa ação Etnografia, Fenomenologia, Etnometodologia	Questionário Formulário Entrevista	Experimental Observacional Correlacional Quadros de saída e Interpretação dos resultados
Dencker (2001)	-	(setor do conhecimento) Monodisciplinar Multidisciplinar Interdisciplinar	(processo de estudo) Estrutural Histórica Comparativa Funcionalista Estatística Monográfica	Pesquisa de dados Observação (bibliográfica e documental, questionário, formulário, entrevistas, histórias de vida, biografias. Levantamento, sondagens, surveys Pesquisa monográficas Construção de tipos, Construção de modelos Tipologias e classificações	

Quadro 2 – Comparação entre os autores REJOWSKI (1997), DENCKER (2001) e RITCHIE (1994).

Autor	Fase 1 O pesquisador como um sujeito	Fase 2 Paradigmas	Fase 3 Estratégia	Fase 4 Coleta e Análise	
Rejowski (1997) Análise a posteriori de acordo com os resultados encontrados em sua pesquisa	-	(tipo de pesquisa) Exploratória Descritiva Explicativa	(tipo de estudo) Estudos de caso Estudos compreensivos Estudos normativos Análise Inventários Estudo prognóstico Estudo comparativo Estudos históricos Modelos Programa Classificações	(tipo de análise) comparativa desempenho consumidor mercadológica crítica diagnóstico comunicação econômica cLIMAtológica	-
Dencker (2001)	-	(fins científicos) descritivos e explicativos	(dimensão espacial) seccional ou sincrônica (sobre um dado momento) longitudinal ou diacrônica (momentos distintos do atual)	(administração ou aplicação) entrevista pessoal, questionário por correio, pesquisa por telefone, por computador, etc.	-
Ritchie (1994)	-	Exploratória Descritiva Causal	Survey Estudo de Caso Experimentos em Laboratório Experimentos no campo	Observação participante e não Participante Comunicação direta por questionário, entrevista ou projetiva dados secundários.	-

3 A PESQUISA NAS DIVERSAS CONCEPÇÕES DA UNIVERSIDADE

O estudo das diferentes idéias de universidade é importante para este trabalho, pois evidencia como o papel adquirido pela pesquisa científica dentro de uma instituição varia de acordo com sua concepção, interferindo na formação de homens, de profissionais e de cidadãos.

Como instituições sócio-culturais, criadas e caracterizadas por um conjunto de papéis e funções, as universidades refletem o contexto econômico, político e cultural no qual estão inseridas. Devido a esse fato, assumiram, nos diversos países em que surgiram, diferentes finalidades. Segundo DRÉZE & DEBELLE (1983), as concepções de universidade moderna podem ser distribuídas em dois grandes grupos: o da Universidade do Espírito ou Liberal, que desenvolve uma idéia de universidade a partir de especificidades próprias da instituição, e o da Universidade Funcional ou do Poder, cuja concepção de universidade surge em relação aos serviços que presta a uma nação. O grupo da Universidade do Espírito ou Liberal é composto por três modelos que assumem diferentes características: o modelo da Universidade Inglesa, o da Universidade Alemã e o da Universidade Norte-Americana.

A Universidade Inglesa, pensada por Newman, tem como finalidade tornar-se o local do ensino universal, partindo do pressuposto de que a aspiração ao saber é natural ao homem. Neste modelo não cabe à Universidade buscar o saber prático, funcional, útil, que caracteriza a formação profissional. O papel da Universidade é o de transmitir um saber intelectual, sendo esta uma tarefa autônoma, sem vínculo com a pesquisa científica, que se constituiria em atividade secundária. Para Newman, apud, (DRÉZE & DEBELLE,1983), o homem é melhor profissional quando adquire conhecimento e não quando o produz, e assim, a pesquisa deve ser feita fora da Universidade.

O modelo alemão tem como principal representante Humboldt, apud, (DRÉZE & DEBELLE,1983), é baseado no princípio de que a humanidade aspira à verdade, porém, na impossibilidade desta ser adquirida na sua totalidade, deve ser incessantemente procurada em todas as direções possíveis. Para prosseguir na busca da verdade, a Universidade precisa reconhecer a pesquisa científica como tarefa principal, orientando-se para a unidade do saber e para a unidade da pesquisa e do ensino (DRÉZE & DEBELLE,1983).

A pesquisa, orientada por uma reflexão filosófica, coexiste com o ensino, que não deve ser entendido como instrução. O ensino universitário passou a ser concebido como uma “aprendizagem da atitude científica”. DRÉZE & DEBELLE (1983, p. 50) fazem uma análise desse modelo: Essa atitude subentende qualquer atividade intelectual válida; é indispensável na vida profissional como na vida científica; não se adquire senão ao contato da pesquisa viva. Esta concepção exigente do ensino universitário implica, portanto, que os estudantes sejam formados num ambiente de pesquisa.

Esta formação, em que há unidade entre a pesquisa e o ensino, é benéfica para professores, alunos e instituições. Tal união garante maior autonomia das instituições e das disciplinas, estimula a reflexão pessoal de professores e estudantes e pode se constituir no ponto de partida de uma educação permanente do estudante, o qual passa a ser ativo no seu processo de aprendizagem. DREZE & DEBELLE (1983, p.53-54) verificam que, nesse contexto:

Na medida em que desenvolve a atitude de pesquisa, a universidade ultrapassa a simples instrução para dar uma verdadeira formação. Com efeito, a atitude científica autêntica tem a dimensão ética e desenvolve as qualidades morais: primeiro pela educação para a objetividade, para a aceitação da crítica, para a reflexão pessoal, (e, portanto, para a independência e a responsabilidade); em seguida, pela experiência; enfim, e sobretudo pelo risco do conhecimento que supõe a coragem de querer descobrir e, assim, tornar-se outro. Uma comunidade de pesquisadores torna-se, então, indiretamente, mas automaticamente, um meio de formação (DRÉZE & DEBELLE, 1983, p. 53-54).

Dessa forma, para Humboldt, a Universidade prepara melhor o homem para ser um profissional quando lhe fornece uma formação científica, pois, “planta” nesse sujeito o germe da curiosidade. Nas Universidades alemãs as diversas ciências estavam reunidas numa faculdade de filosofia composta pelos grupos de ciências fundamentais. Já o ensino das matérias que desenvolviam atividades de pesquisas estava confiado aos institutos anexos. Preocupada em desenvolver os vocacionados para a atividade intelectual, ela buscava autonomia institucional, ou seja, liberdade acadêmica e administrativa. Assim, como apontado por DRÉZE & DEBELLE (1983, p. 57) em sua análise sobre o modelo, a Universidade Alemã “se tornou um centro intelectual de alta qualidade, eminentemente propiciado à pesquisa”.

O terceiro modelo de Universidade Liberal, o da Universidade norte-americana, tem como ponto de partida a aspiração da sociedade ao progresso. A finalidade da Universidade é a de constituir-se em um instrumento eficaz para o progresso da nação e da sociedade, o que implica conferir-lhe um caráter utilitário. É um local onde *“a cultura e a ciência desemboquem na ação e encontrem a vontade de progresso em vez de serem consideradas como fins em si mesmas”* (DRÉZE & DEBELLE, 1983, p. 65).

O papel desta instituição, no entanto, não se limita à realização de pesquisa científica e do ensino à juventude, mas é também o de unir duas gerações para uma reflexão inventiva sobre as formas de saber. Dessa forma e dentro desta concepção, é possível cumprir as tarefas da Universidade: realizar pesquisa fundamental e interdisciplinar que alarguem o limite da ciência; promover aquisição de conhecimentos de forma imaginativa que possibilitem uma auto-educação permanente e, finalmente, fazer com que o ensino e a pesquisa sejam meios de execução para descobertas que podem favorecer e acelerar o progresso, fundindo atividades de todos os domínios com esse fim.

Assim, o modelo de Universidade americana, pensada por Whitehead, funda-se na simbiose da pesquisa e do ensino a fim de atingir, também através da extensão, ou seja, da aplicação desta pesquisa, o progresso da nação. DRÉZE & DEBELLE (1983, p. 77), analisando a influência da concepção de Whitehead, afirmam que as Universidades americanas adquiriram uma posição: *“Mais próxima da sociedade e de suas necessidades no plano das preocupações e das formas novas de serviço, permanecendo ao mesmo tempo, autônomas, no plano das condições de vida e de trabalho da comunidade”*.

O segundo grupo de Universidades, apresentado como Funcional ou do Poder é composto por dois modelos: o Francês, e o da Universidade Soviética. Criada por Napoleão Bonaparte para servir ao estado, a Universidade Francesa, está ideologicamente subjugada ao poder, assumindo a função de conservar a ordem social pela difusão de uma doutrina comum, através, principalmente, da instrução.

O objetivo de uniformidade da instituição pode ser observado nos vários níveis da sua organização, na dependência da autoridade de uma só pessoa para elaborar e reformar programas e métodos de ensino, regulamentar políticas de

investimentos e nomear professores. Formou-se uma instituição praticamente sem autonomia.

Diante desse quadro, é evidente que pesquisa e questionamento permanente do conhecimento, tiveram pouco espaço para ser desenvolvidos, por sua incompatibilidade com os pressupostos determinados por Napoleão em relação ao ensino superior (DRÉZE & DEBELLE, 1983, p. 90) .

Dessa forma, a Universidade adquiriu um caráter quase exclusivo de orientação profissional do ensino centrado nas atividades diretamente úteis ao Estado.

O modelo Soviético, tal como o napoleônico, tem em si uma função política dentro do Estado. Com relação ao ensino, a Universidade tem por tarefa essencial: contribuir para o crescimento econômico da nação através de sua inserção no processo global de produção; difundir conhecimentos científicos e políticos; dar subsídios para uma educação permanente. Totalmente dependente do poder político, a instituição universitária organiza o ensino e a pesquisa em função das necessidades da economia nacional.

Na Universidade soviética a pesquisa só está presente em função de objetivos precisos, relativos às necessidades econômicas, militares ou de prestígio do Estado (DRÉZE & DEBELLE, 1983). O que se percebe é que os três modelos de Universidade Liberal (Inglês, Alemão e Americano), ilustram “a contribuição original que a universidade pode trazer a uma sociedade, pela busca de um ideal bem definido”. Já as universidades de poder aparecem como “*um instrumento que o Estado utiliza, ciosamente, para o fim que considera importante*” (DRÉZE & DEBELLE, 1983, p.120).

É importante ressaltar que todos esses modelos de Universidade, desde que foram criados, já passaram por profundas reformas, pela necessidade de se adaptar entre outros fatores, às imposições e desafios que o desenvolvimento tecnológico criou, e hoje se encontram diferentes de suas matrizes. No entanto, as idéias gerais dentro de cada grupo ainda estão presentes.

3.1 A pesquisa na universidade brasileira

A reflexão sobre as diversas concepções de universidade moderna fornece subsídios para que a constituição das instituições brasileiras de ensino superior seja melhor compreendida. Segundo TEIXEIRA (1977), a Universidade brasileira foi, e é, muito influenciada pelas idéias vindas de outros países.

O que andamos fazendo com o nosso ensino superior nunca representou originalidade, mas cópia ou eco dessas idéias de universidade que, em diferentes épocas, flutuaram e dominaram em seus respectivos tempos (TEIXEIRA, 1977, p. 69).

A história do Ensino Superior brasileiro, desde a sua origem, ainda no período colonial, até os dias atuais, mostra que sua idéia central sempre esteve mais direcionada à formação profissional de estudantes à semelhança do modelo Francês. As observações de TEIXEIRA (1977, p. 72) sobre as universidades brasileiras da década de 30, confirmam essa influência: Em rigor, a universidade, entre nós nunca foi propriamente humanística nem de pesquisa científica, mas simplesmente profissional, à maneira de algumas universidades mais antigas. Na realidade, nem influência inglesa, nem influência americana, mas franceses e certos lampejos germânicos são as forças mais visíveis.

TEIXEIRA aponta que o ensino superior brasileiro, que surgiu no Brasil depois da mudança da corte portuguesa para o Rio de Janeiro, delineou-se, principalmente, para a ciência aplicada e para a formação profissional, em faculdades isoladas, espalhadas em diversas partes do território nacional. Esse modelo foi o mesmo determinado pela reforma Pombalina, em 1772.

Foi somente no começo do século XX que o debate acerca das questões sobre a universidade se aprofundou, sem, no entanto, modificar a idéia de escolas profissionais. Estas continuaram a existir à maneira napoleônica, assegurando mais espaço à formação profissional do que à investigação científica.

Segundo PAIM (1981), a idéia de que a universidade é o lugar da ciência constitui algo muito tardio na cultura brasileira. O principal objetivo desta universidade foi o ensino profissional, prático e, em segundo plano, a organização da pesquisa, com o fim de contribuir para o progresso da nação.

Foi somente na década de 30, no governo do presidente Getúlio Vargas, que esta visão de universidade para o ensino profissional começou a ser repensada e muitas alterações se processaram em todos os níveis de ensino. A instituição superior foi discutida novamente através do Estatuto das Universidades Brasileiras de 1931. Este vinha traduzir opiniões que eram consenso entre cientistas e educadores brasileiros e também refletir a posição do Estado em relação aos rumos que deveriam ser tomados pela educação superior, tendo em vista a nova ordem econômica e social. O Estatuto delineou várias diretrizes para o Ensino Superior,

entre elas a de promover ambiente para vocações especulativas e desinteressadas, ou seja, para a ciência pura, firmando, pela primeira vez, uma concepção mais ampla de universidade no país:

Art 1º O ensino universitário tem como finalidade: elevar o nível da cultura geral; estimular a investigação científica em quaisquer domínios dos conhecimentos humanos; habilitar ao exercício de atividades que requerem preparo técnico e científico superior.

Assim, foi somente nesse período que se firmou no Brasil a idéia de uma universidade que assegurasse o desenvolvimento da pesquisa. A fundação da Universidade de São Paulo (USP) em 1934, surgiu como a primeira Universidade cuja idéia principal se pautava na formação humana do estudante, centrada no tripé ensino, pesquisa e extensão (CARDOSO, 1982). Essa vinculação fica mais evidente quando analisamos os princípios que nortearam a criação dessa Universidade. Segundo Fernando de Azevedo (CARDOSO, 1982), são eles:

- organizar um centro de altos estudos que formasse as elites e que fizesse da universidade um centro de criação e elaboração do conhecimento em todas as áreas;
- criar o ensino público;
- defender a autonomia didática e administrativa da universidade; que subiu ao poder depois da revolução de 1930 e se manteve nele até 1945;
- constituir uma Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras (FFCL) que integrasse as diferentes áreas do saber, a qual seria o eixo de toda a universidade, local da “ciência pela ciência” e do espírito de pesquisa e investigação, ou seja, onde se desenvolveriam os estudos de cultura livre e desinteressada.

Outra Universidade fundada nessa época foi a Universidade do Distrito Federal (UDF), situada no Rio de Janeiro e fundada em 1935. Centrada na formação da mentalidade da nação, estimulava a cultura, encorajando a pesquisa científica, e formava profissionais e técnicos nos vários ramos. Enfatizando a diretriz essencial da universidade, TEIXEIRA (1977, P. 74) assim define os encargos da nova instituição no seu discurso em 1934:

A função da Universidade é única e exclusiva. Não se trata somente de difundir conhecimentos. O livro também os difunde. Não se trata somente de conservar a experiência humana. O livro também a

conserva. Não se trata somente de preparar práticos ou profissionais de ofícios ou de artes. A aprendizagem direta os prepara, ou, em último caso, escolas muito mais singelas do que as universidades. Trata-se de manter uma atmosfera de saber, para se preparar o homem que o serve e o desenvolve. Trata-se de conservar o saber vivo e não morto, nos livros ou no empirismo das práticas não intelectualizadas. Trata-se de formular intelectualmente a experiência humana, sempre renovada, para que a mesma se torne consciente e progressiva. Trata-se de difundir cultura humana, mas de fazê-lo com inspiração, enriquecendo e vitalizando o saber do passado com a sedução, a atração e o ímpeto do presente. O saber não é um objeto que se recebe das gerações que se foram, para a nossa geração; o saber é uma atividade de espírito que se forma lentamente ao contato dos que sabem.

O que se vê é a preocupação em promover a cultura desinteressada e assegurar a preparação para a carreira intelectual, predominando, conforme menciona TEIXEIRA (1977), o desejo do exercício da liberdade de pensamento e da crítica, através de princípios como: a associação entre ensino e pesquisa;

Dessa forma, nota-se que somente na década de 30 se discutiu a existência de educação superior diferente da proposta por Pombal, ou seja, uma universidade que apresentasse uma idéia não centrada somente na formação profissional do jovem mas também na formação humanística e científica do estudante. No entanto, a história das universidades brasileiras mostrará que poucas foram criadas a partir dessa concepção. No contexto da universidade que se assenta no plano do ensino e da pesquisa, a formação científica do universitário é valorizada, o aluno adquire uma postura mais ativa, possibilitada pela valorização da pesquisa.

A importância da investigação científica na universidade se evidencia quando são analisados os fins dessa instituição. Desde a Lei da Reforma Universitária, de 1968, a pesquisa, o ensino e a extensão, vêm sendo definidos como finalidades básicas da mesma. Atualmente, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 1996 (LDB, Lei 9394), também ressalta a importância do pesquisar na universidade, no sentido de incentivar a promoção e divulgação dos conhecimentos culturais, científicos e tecnológicos.

Conforme SANTOS FILHO (2000) descreve, um dos desafios da universidade no contexto atual é o resgate do seu caráter de formadora da investigação científica, o que sugere o compromisso da educação superior em fornecer uma sólida preparação científica tanto para docentes como para discentes.

Reunindo todas as áreas de conhecimento em um só campus, a Universidade Estadual de Campinas - Unicamp estaria integrada ao desenvolvimento de atividades interdisciplinares de pesquisa, ensino e extensão.

Para atingir essa integração e com o fim de controlar a qualidade da produção científica, a Universidade Estadual de Campinas - Unicamp foi estruturada como uma universidade pequena, firmando-se, em poucos anos, como uma das principais entre as universidades brasileiras e latino-americanas, consolidando-se na área da pesquisa avançada e de interesse social isto podemos ver nas palavras de ZEFERINO VAZ:

... a universidade não pode dedicar-se apenas ao ensino profissional, à investigação científica e ao conhecimento da filosofia e da estética. No conjunto heterogêneo dos cursos que a compõem ela há de criar uma unidade espiritual através da cultura de orientação humanística, dirigindo a formação da personalidade de seus alunos no sentido de criar neles uma consciência nacional, assim como para o enaltecimento dos valores morais que se oponham à crescente mecanização do espírito e ao utilitarismo frenético de nossos dias (apud MENEHEL, 1994, p. 149).

Seu objetivo era formar um pólo de desenvolvimento tecnológico que suprisse a demanda das indústrias e empresas. Para tanto, promoveria atividades de ensino, pesquisa e extensão. Para ZEFERINO VAZ (apud MENEHEL, 1994), a universidade não poderia se limitar à transmissão de conhecimento, ao contrário, ela deveria ser criadora de cultura a fim de resolver problemas específicos da comunidade.

Os governos Federal e Estadual concederam, na década de 70, grande apoio financeiro a várias instituições de ensino superior e Institutos de Pesquisa para a execução de investigações científicas e programas de ciências e tecnologia. Este apoio permitiu à Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, à Universidade de São Paulo - USP, além de outras, não só formar equipes de cientistas gabaritados, investindo em recursos humanos, mas também consolidar uma estrutura de pesquisa. Alguns setores considerados prioritários pelo governo, como telecomunicações, informática e fibra óticas também contaram com recursos da iniciativa privada, agilizando ainda mais o desenvolvimento dos trabalhos. Tais Universidades, ao mesmo tempo em que atendiam ao governo militar, conduzindo a Universidade para projetos de pesquisa dedicados à produção de tecnologia, abriam as portas para a massa crítica em ciência para pesquisar com tranqüilidade, sem controle ideológico e longe de perseguições militares.

3.2 Contexto Atual da Pesquisa na Graduação

As atuais discussões sobre as universidades brasileiras colocam em foco, além de outros aspectos, a importância da atividade de pesquisa desinteressada e da formação científica para os estudantes de graduação, respondendo, numa era de rápidas, constantes e profundas mudanças, às novas conjunturas sociais. Segundo RODRIGUES, 2002, p. 65:

Os desafios atuais da sociedade exigem qualificações cada vez mais elevadas, ampliando-se as necessidades educacionais da população. Diante desse cenário, cresce a importância dos cursos de graduação, entendendo-se que a responsabilidade das IES com a formação do cidadão não pode se restringir a preparar o indivíduo para o exercício de uma profissão, como se fosse suficiente integrá-lo ao mundo do trabalho. Essa formação exige o compromisso com a produção de novos conhecimentos e o desenvolvimento da capacidade de adaptar-se às mudanças.

A LDB (Lei 9394/96) aponta para um amplo entendimento da responsabilidade da universidade na formação do estudante de graduação.

No art. 43, inciso I, a lei estabelece que a educação superior tem por finalidade “estimular a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo”.

O inciso II aborda a participação do indivíduo no desenvolvimento da sociedade brasileira e a sua formação contínua.

Já o inciso III preconiza que o incentivo ao trabalho de pesquisa e investigação científica desenvolva “o entendimento do homem no meio em que vive”.

O inciso IV estabelece ser a finalidade da educação superior “estimular o conhecimento dos problemas do mundo presente, em particular os nacionais e regionais, prestar serviços especializados à comunidade e estabelecer com esta uma relação de reciprocidade”. Além disso, o artigo 52 expressa que “as universidades são instituições pluridisciplinares de formação de quadros de profissionais de nível superior, de pesquisa e extensão”, expressando com clareza a importância da investigação científica nestas instituições.

Assim, a função da universidade é promover a autonomia de pensamento e de reflexão crítica, não se podendo mais admitir uma prática docente que venha reforçar a passividade em vez de despertar a espontaneidade e o espírito de criatividade do aluno. Desse modo, pode-se constatar, de acordo com VON ZUBEN (1995), que já é consensual a importância de um projeto pedagógico que atribua um

papel relevante à formação de novos pesquisadores para a concretização de uma universidade criativa e não conservadora, reprodutora ou meramente informativa.

O parecer 776/97, que oferece orientações para as diretrizes curriculares dos cursos de graduação, assegura, entre outros elementos, a implementação de programas de iniciação científica nos quais o aluno desenvolva sua criatividade e análise crítica. O parecer estabelece: Os cursos de graduação precisam ser conduzidos, através das Diretrizes Curriculares, a abandonar as características de que muitas vezes se revestem, quais sejam as de atuarem como meros instrumentos de transmissão de conhecimento e informações, passando a orientar-se para oferecer uma sólida formação básica, preparando o futuro graduado para enfrentar os desafios das rápidas transformações da sociedade, do mercado de trabalho e das condições de exercício profissional (parecer 776/97, p.2).

As diretrizes curriculares para os cursos de graduação preconizam os princípios gerais do ensino superior. Entre eles, tem-se a “valorização da pesquisa individual e coletiva” e o “incentivo à formação geral, necessária para que o futuro graduado possa vir a superar os desafios de novas condições de exercício profissional e de produção do conhecimento”.

Na mesma linha, o PNG (2001) aponta para a importância da pesquisa na graduação por se constituir num espaço onde o aluno atue como sujeito de sua aprendizagem. Evidencia-se, assim, a importância da prática da pesquisa: Aprender a aprender; desenvolver processos teórico-epistemológicos de investigação da realidade, utilizando informações de forma seletiva. E isso só acontecerá, de forma efetiva, pela integração dos diversos níveis de ensino, em especial, da graduação com a pós-graduação (PNG, 2001, p. 10).

Segundo o PNG (2001, p. 12) todo esse processo deve estar articulado com as demandas sociais, atingindo, dessa forma, a indissociabilidade entre a pesquisa, o ensino e a extensão, condição para o exercício profissional criativo: aquele que não se exaure nos rápidos processos de obsolescência que afetam, hoje, todo exercício profissional. Todos esses documentos refletem discussões sobre a relevância da pesquisa para os estudantes de graduação.

Atualmente muitos autores (BEO TTI, 1995, BOTOMÉ, 2000, CALANZAS, 1999), vêm ressaltando a importância da formação científica na universidade alcançada, principalmente, através da pesquisa, pois há a possibilidade de se produzir conhecimento envolvendo atividades importantes para qualquer

universitário, como leituras programadas, orientações, seminários internos e externos, entre outros eventos que constituem a agenda básica de trabalho dos que se incorporam à Iniciação Científica, visando criar uma postura de estudos e socialização do conhecimentos científicos e tecnológicos (CALANZAS, 1999).

BETTOI (1995) acredita que a formação do pesquisador deve iniciar-se na graduação, momento em que a atividade de pesquisa desempenha um papel insubstituível na construção do compromisso com a produção e construção do saber. Segundo BOTOMÉ (2000, p. 20) o método científico, entendido como iniciação à ciência, não deve restringir-se a um conjunto de técnicas que os alunos dominam para organizar, tratar ou analisar dados. Deve ser, antes, uma maneira de se utilizar critérios inerentes ao processo científico para lidar com os problemas, com as dificuldades do profissional de nível superior.

A utilização desses recursos do processo científico – o fazer da ciência – deve permitir um permanente aprendizado a partir da experiência realizada como trabalho na sociedade. Esta é uma base importante, que possibilita a desejável capacidade de aprender a aprender pelo aluno. As aptidões científicas para lidar com o desconhecido e com o conhecimento existentes são, nesse sentido, aspectos importantes do ensino superior.

Assim, a formação de novos pesquisadores é concebida, conforme preconiza DAMASCENO (1999), como um processo que se integra à vida acadêmica, e não apenas como uma atividade livresca baseada na acumulação de informação. A autora descreve que:

Desse modo, todo esforço é realizado na perspectiva de superar a dissociação entre a pesquisa e as demais atividades universitárias. Enfatiza-se, portanto, a integração entre estes campos como condições para que o iniciante assuma efetivamente o papel de investigador (DAMASCENO, 1999, p. 17).

Para BOTOMÉ (2000), as aptidões científicas são necessárias, na medida em que, cada vez mais, é importante produzir conhecimento sobre os fenômenos e situações que constituem o cotidiano dos profissionais de nível superior, como também é importante aprender a derivar, das pesquisas e descobertas científicas de vanguarda, novos procedimentos de trabalho.

A formação científica precisa incluir aptidões que tornem as pessoas mais independentes e capazes de atualizar-se e de aperfeiçoar-se a partir da própria experiência profissional. Esta pode se constituir num objeto de estudo e de investigação para quem foi bem preparado para produzir conhecimento científico no

exercício profissional. Dessa maneira, a formação científica do profissional de nível superior deveria ser uma das preocupações mais fortes na criação dos projetos pedagógicos de cada curso de graduação na universidade.

CALAZANS (1999) é outra autora que menciona a importância de se juntar esforços para o desenvolvimento de habilidades e capacidades que, a partir de apreensão de teorias, metodologias, atitudes e compromissos dos aprendizes, contribuam para a formação do pensar científico de alunos de graduação. Nesse sentido, a atividade de pesquisa adquire um papel de prática pedagógica.

Assim, conforme ADES (1981) afirma, a pesquisa adquire função formativa e os universitários têm o direito de vivenciá-la. É uma formação imprescindível, que leva o aluno a aprender a aprender, a criar e a produzir conhecimento científico (DEMO, 1991). A pesquisa é indispensável no ensino superior por ser um saber vivo, em contínua reelaboração e tematização. Dessa forma, a pesquisa traz inúmeros benefícios aos jovens universitários, ao se constituir em um excelente instrumento educativo, que possibilita ao estudante a participar do processo de produção do conhecimento científico de sua área de formação (ALMEIDA, 1995).

Alguns autores (BAZIN, 1983; ALMEIDA, 1995) descrevem que a pesquisa na graduação pode ser um caminho para a autonomia intelectual do jovem, que passa a ter a possibilidade real de exercer sua criatividade, construir um raciocínio crítico e modificar o que recebe. Além disso, a atividade de pesquisa habilita o cidadão a refletir e agir mais adequadamente diante de situações político-econômicas que envolvam o contexto global da universidade. DEMO (1991) e ALMEIDA (1995) sugerem que, por meio da pesquisa, o aluno aprende a lidar com a provisoriedade do conhecimento.

Estes autores acreditam que com a investigação científica, se evidenciam, ao pesquisador, as contradições da realidade e as várias formas de percepção do real.

Outro benefício da pesquisa para o aluno é que ela pode permitir a articulação entre os vários conhecimentos, ou seja, a pesquisa pode se constituir em um dos caminhos para a execução de projetos interdisciplinares, que envolvam, também, a superação da dicotomia Teoria e Prática (BARIANI, 1998, BRIDI, 2000).

Além disso, a pesquisa pode proporcionar ao estudante momentos de grande satisfação. SNYDERS (1995), ao buscar quais seriam os momentos da vida

acadêmica que proporcionam aos estudantes “alegrias” e “não alegrias”, verificou que os jovens, na trilha por caminhos ainda não desvendados, conhecem a alegria da investigação, das rupturas, das continuidades e dos novos conhecimentos. Para este autor, a pesquisa se constitui em uma das experiências vividas na universidade que levam ao amadurecimento, ou seja, ao desenvolvimento pessoal do aluno por favorecer a participação ativa dos mesmos, na construção e produção do conhecimento.

O aluno fica feliz quando lhe abre o domínio da pesquisa: depois de tantos e tantos exercícios escolares, chegar a uma expressão pessoal; ao mesmo tempo tomar consciência da própria individualidade, afirma-la, empregá-la; seus próprios critérios, suas maneiras de pensar e de sentir: refletir sobre uma dada questão é ao mesmo tempo refletir sobre si mesmo. Primícias de originalidade, ora de um indivíduo, ora de um grupo criativo. E termina concluindo:

Dentro das fronteiras da universidade é a pesquisa pessoal e a formação na pesquisa que constituem o caminho para a originalidade – e esta é a marca própria do ensino superior, é o seu ensino. Certamente já se tratou muito disso na escola, mas a maturidade mais segura dos alunos, a concentração num único domínio, as margens de tempo que eles podem dispor, pelo menos nos casos propícios, são capazes de favorecer consideravelmente suas realizações (SNYDERS, 1995, p. 123).

PACHANE (1998), no seu estudo sobre a contribuição da experiência universitária no desenvolvimento pessoal do aluno, verificou que, dentre os espaços de participação do estudante no contexto universitário, a realização de trabalhos de pesquisas é a que mais abre possibilidades ao aluno, sendo uma de suas principais satisfações, em especial pela possibilidade de realizar um trabalho prático, gratificante em termos pessoais e que pode ser remunerado.

Mas, será que o reconhecimento dos estudantes sobre os benefícios da Iniciação Científica é igual para os universitários de diferentes áreas de ensino e pesquisa? Será que os estudantes das diferentes áreas ingressam nos programas de Iniciação Científica com as mesmas expectativas ou pelos mesmos motivos? Antes de tentar responder a essas perguntas é necessário verificar como se estruturam os programas de Iniciação Científica no Brasil, pois, como descrito na revista Unicamp vestibulando 2001 (2001 p. 30): durante a graduação, a porta de entrada para o fascinante universo da pesquisa é a iniciação científica, precioso instrumento de formação acadêmica.

3.3 Pesquisa na Universidade no Século XXI: um olhar crítico - reflexivo

Historicamente, desde a criação da universidade no Brasil o ensino tem tido papel preponderante. A pesquisa quando existia era esporádica, diretamente ligada à personalidades que constituíam uma exceção, ligadas a interesses individuais ou de grupos ligados à sociedades científicas. Com a Reforma Universitária de 1968, o ensino superior apareceu indissociado da pesquisa. Portanto as atividades de pesquisa, no Brasil, tiveram surgimento muito recente; a partir dos anos 1960 a pesquisa passou a destacar-se no cenário da universidade brasileira, sempre considerada como elemento chave para o desenvolvimento do país. O impulso para o seu desenvolvimento tem início com a criação do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES em 1951 e da Fundação de Amparo a Pesquisa no Estado de São Paulo - FAPESP em 1952.

A pesquisa sempre esteve organizada numa concepção positivista da ciência, fragmentada, descontextualizada, desproblematizada, associada, quase que exclusivamente, à quantidade, constituindo-se num dos elementos centrais e legitimadores da universidade. Influências políticas e interesses econômicos marcaram o desenvolvimento incipiente da pesquisa em nosso país, desde o descobrimento até a década de 1960, caracterizando-o como um país sem expressão, neste campo, no cenário mundial; a nosso ver, tal fato constitui-se em uma das causas de nossa subordinação a países centrais.

Ao longo de vários anos, atitudes de descrença na ciência na universidade pública brasileira persistiram em altos escalões governamentais, principalmente em setores responsáveis pela definição de políticas de desenvolvimento nacional. No âmbito da pesquisa, a partir da Segunda Guerra Mundial, especialmente devido ao sucesso de alguns projetos encomendados pelo governo americano como preparação para a guerra, os próprios pesquisadores das universidades foram se articulando e começou um movimento de 'busca de trabalho e realização de projetos interdisciplinares'. Esse movimento veio se consolidando a partir da década de 1960, com certas disciplinas, e foi progressivamente se ampliando. (SANTOS FILHO, 2000, p.41)

A história conferiu um perfil passível de alteração por um esforço deliberado de mudança. Nos finais dos anos de 1960 e início dos anos de 1970, o governo federal, preocupado com o atraso científico e tecnológico do país, resolveu

investir maciçamente na formação de pessoal pós-graduado - as universidades credenciadas a manter cursos de pós-graduação receberam apoio crescente para desenvolver infra-estrutura. Houve multiplicação de bolsas e a função essencial destes cursos estava voltada para a formação de pesquisadores.

Mesmo assim, vale lembrar que a história recente da ciência e tecnologia se inaugura, no Brasil, como um momento de rara violência: trata-se do radical alijamento de alguns dos mais importantes expoentes da pesquisa e da criação nacionais, levados, por sua oposição ao regime militar, a abandonarem de uma hora para outra sua atividade pública de pesquisa e de formação das novas gerações e, em muitos casos, o próprio país. Por muitos anos, pagou-se muito caro o preço da clandestinidade de cada um daqueles que, em situação normal, deveriam permanecer nos postos de liderança que alçaram por seus méritos, fazendo frutificar os investimentos sociais neles realizados (SILVEIRA; VALLE; ALVES, 1998, p.20).

O apoio do governo parece não ter sido suficiente para manter o desenvolvimento científico em cada região do país. A política de pesquisa, assim como de pós-graduação, ficou a cargo do CNPq e da CAPES, através de comitês formados por membros da comunidade acadêmica, que instituíam valores, diretrizes e estratégias adotadas pelas instituições universitárias. Nem sempre as diferenças regionais ou de áreas de pesquisa foram totalmente contempladas.

Dos investimentos do Banco Mundial - BM em ciência e tecnologia muito pouco foi destinado para as universidades e para a pesquisa básica; os empréstimos beneficiaram a pesquisa tecnológica, especialmente, em países vendedores de tecnologia. Segundo LEHER (1998, p.227), “a adequação dos ‘pacotes tecnológicos’ de pesquisa à realidade do comprador, beneficia evidentemente, os exportadores de tecnologia e os grupos econômicos capazes de importá-la”. É o que tem caracterizado o modelo de desenvolvimento em geral: a absorção de pacotes tecnológicos vindos de fora. Enfim, importa saber até que ponto os pesquisadores brasileiros conseguem romper com este círculo, e se há experiências ou tentativas para tanto.

A partir dos anos de 1980 teve início um processo de sucateamento e mercantilização da pesquisa, do ensino e da extensão levado a cabo pela política neoliberal do atual governo Fernando Henrique Cardoso – FHC, afetando consideravelmente o processo de formação de pesquisadores; a ciência e a tecnologia deixaram de ter papel preponderante nos programas de desenvolvimento

do país. Há nítida tendência a submeter o conhecimento produzido a projetos particularistas. SCHWARTZMAN et al. (1995, p.14) afirmam que “a partir da década de 1980 o sistema de ciência e tecnologia entra num período de grande instabilidade, caracterizado por turbulências nas instituições de gestão, acentuadas pela crescente burocratização e incerteza quanto às suas dotações orçamentárias”.

Neste contexto, SILVEIRA, VALLE e ALVES (1998, p.22) explicitam que a pesquisa brasileira entrou em declínio pela contradição propriamente indissolúvel entre, por um lado, as exigências ferozes da rentabilidade, do mercado, da produtividade empresarial, da administração de resultados e, por outro, a formação para a pesquisa, especialmente em um país que não pode se orgulhar, infelizmente, de haver garantido um mínimo de qualidade aceitável em seus cursos de primeiro, segundo e terceiro graus.

Na busca por recursos, a universidade é constrangida a tomar atitudes agressivas; é violentamente coagida a atuar como empresa usando, inclusive, técnicas de propaganda e marketing. Sob forte influência do governo e da sociedade, a universidade anestesiada pelos meios de comunicação traz para o campus a especulação que caracteriza o mundo dos negócios, juntamente com as manobras de um mundo hostil. A idéia vigente é que se não fizermos sentido para o mercado podemos ser descartados. Aceitamos uma parafernália de imposições e regras cada vez mais adaptadas às regras economicistas.

CUNHA (1989, p.30) entende que as universidades públicas são as responsáveis por praticamente tudo o que se faz no Brasil em termos de pesquisa universitária. No entanto, são obrigadas a submeterem-se a um complicado mecanismo de busca de recursos para a pesquisa nos órgãos governamentais de fomento, pois seus orçamentos não prevêem recursos suficientes para essa indispensável atividade universitária.

Os novos rumos, gerados por movimentos político-econômicos de globalização, apontam para uma posição dependente do Brasil como um país “ sem tecnologia própria, sem capacitação científica” (ANTUNES, 1995, p.152), induzido a ser um país consumidor da tecnologia desenvolvida nos países desenvolvidos.

Neste contexto, surgem propostas absurdas como a do mestrado profissionalizante, criado pelo Governo Federal e sob pressão do Fundo Monetário Internacional - FMI e Banco Mundial - BM, apoiado pela CAPES e CNPq. Políticas economicistas excluem a exigência do aluno fazer uma pesquisa como critério para

a conclusão do curso, até porque esta situação exige tradição em pesquisa, laboratórios, biblioteca, profissionais qualificados para fazer a orientação. Também há diminuição no tempo de integralização do mestrado e do doutorado. Com isto, o governo tem por objetivo afastar-se do compromisso com a produção da ciência e da tecnologia nacional, barateando os cursos e atendendo às universidades privadas (titulação a um custo mínimo).

Com base em iniciativas e diretrizes do governo Fernando Henrique Cardoso FHC no que se refere ao CNPq, é possível observar:

a) Extinção total dos financiamentos diretos aos cursos de pós-graduação: esses investimentos (reduzidos em seu valor) serão concedidos, em proporção e grandeza não divulgada, àqueles julgados aptos entre os orientadores dos cursos de doutorado;

b) total confinamento do investimento da pesquisa em grupos (não mais em instituições) já instituídos, com poucas chances para grupos emergentes se estabelecerem;

c) extinção de bolsas de aperfeiçoamento;

d) corte radical de bolsa de mestrado e doutorado;

e) extinção do Programa Especial de Treinamento (PET), voltado para a graduação;

f) estabelecimento de forma unilateral e impositiva de um prazo-limite de cinco anos para a conclusão do mestrado e doutorado, numa tentativa de forçar o desaparecimento da etapa dos mestrados ou forçar seu barateamento pela tendência de estimular os mestrados sem dissertação;

g) abandono da política de concessão de bolsas por curso e por área de conhecimento;

h) extinção de taxas acadêmicas (asseguradas aos cursos em função do número de bolsas e de sua avaliação) substituídas pelo Programa de Apoio à Pós-Graduação (PROAP), que repassa valores menores não mais aos cursos, mas aos grupos de pesquisa já instituídos;

i) instituição de um culto à individualidade;

j) inviabilização, pelos cortes e pelas extinções das bolsas, do acesso e da fixação de novas vocações de pesquisadores, e conseqüente elitização da pesquisa e da pós-graduação no país; e

k) adoção de uma política autoritária em seus métodos e procedimentos, obscurantista em suas finalidades (a busca de 'resultados imediatos'), que, efetivada, seguramente causará profundos danos não somente à pesquisa, mas à vida intelectual brasileira e à formação das próximas gerações.

Uma política governamental que leva a sério o desenvolvimento da ciência e da tecnologia sabe que é só por essa via que um país subdesenvolvido como o Brasil, poderá competir em termos de desenvolvimento científico e tecnológico com países capitalistas centrais. Essa é uma condição indispensável para tirar o país de uma situação de dependência colonial frente aos Estados Unidos da América - EUA. É bom lembrar a título de comparação que o Brasil tem investido atualmente cerca de 7 bilhões de dólares/ano. Essa é uma cifra que tem tirado o sono dos banqueiros e dos dirigentes de organismos internacionais. Por que um país pobre e subdesenvolvido como o Brasil deve gastar tanto dinheiro na produção de ciência e tecnologia? Enquanto o governo brasileiro se vê forçado a reduzir dia a dia os investimentos estatais na produção do conhecimento, os EUA têm investido uma média de 180 bilhões de dólares/ano na produção de ciência e tecnologia. (BUENO, 1999, p.2A)

Alemanha e Japão são exemplos de investimentos maciços em educação profissional e pesquisas de base que podem mudar a posição de destaque no cenário econômico mundial. Os EUA fornecem altos subsídios às universidades, com forte incentivo em pesquisa em todas as áreas. Empresários europeus e americanos financiam integralmente laboratórios universitários, muitas vezes, sem que o objetivo das pesquisas tenha qualquer relação com seus ramos de atividade, interessados apenas nos subprodutos. Enquanto isso, nos países em desenvolvimento é preconizado "a universalização do ensino fundamental em detrimento dos demais níveis"; aos países industrializados é possível identificar "alta prioridade à expansão do ensino superior e da pesquisa [...] O controle entre as orientações para os países do núcleo hegemônico e os da periferia é chocante e evidente" (LEHER, 1998, p.14).

RAMOS (1996, p.409) alerta para o fato de que, considerando a realidade nacional de indigência progressiva e de decadência discutível, torna-se difícil equacionar com equidade a política de apoio à pesquisa no país. Certamente a tentação de se restringir verbas para a pesquisa para atender o emergencial é grande, porém o preço a pagar no futuro não será seguramente menor.

Neste contexto, MOROSINI (1997, p.233) remete-nos à reflexão sobre:

a relação entre desenvolvimento econômico social, desenvolvimento científico tecnológico e investimentos em Ciência e Tecnologia (C&T), como imprescindível, mas a América Latina, e no nosso caso, o Mercosul, de reconhecida situação desenvolvimentista deficitária, têm níveis de investimento em C&T bastante inferiores aos dos países desenvolvidos [...] refletindo-se numa baixa taxa do número de pesquisadores por milhão de habitantes e numa baixa taxa de publicações científicas.

Mesmo diante desta realidade desalentadora, como se sabe, entre os países latino-americanos, o Brasil é o país que apresenta a maior produção científica, no que concerne a trabalhos publicados. A maior parte de sua atividade científica é desenvolvida nas universidades públicas que estão passando por uma crise relacionada com as mudanças político-econômicas e educacionais. SCHWARTZMAN et al. (1995) destacam que, em termos quantitativos, a produtividade científica de pesquisadores no Brasil é baixa, sua penetração internacional é pequena, seus efeitos para o setor produtivo e para a sociedade parecem não ser muito grandes.

Contraditoriamente, dados recentes da FAPESP apontam para o crescimento do número de artigos brasileiros publicados em revistas indexadas. Pelo critério do Science Citation Index (SCI) da base de dados do Institute for Scientific Information (ISI) - um dos indicadores aceitos pela comunidade científica, a produção nacional vai muito bem (IZIQUE, 2002). Indicadores da base de dados do Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq reforçam a idéia de que a atividade científica cresceu no país. Concomitantemente, é possível observar que o número de doutores acompanhou esse crescimento.

No cenário atual há autores que contradizem esses órgãos e seus dados estatísticos, como Helena Nader e colaboradores, da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Esses autores destacam que, após três décadas de crescimento contínuo, a participação do Brasil na produção científica mundial caiu de 1,08%, em 2000, para 0,95%, no ano de 2001 (IZIQUE, 2002), fato justificado, segundo os pesquisadores, pela redução do financiamento no setor.

A política de fomento precisa ser estável e permanente, principalmente não sofrendo sacrifícios diante de novos programas ou ajustes e acordos. Uma atuação cíclica e equilibrada do sistema de financiamento da pesquisa nas

universidades é ponto fundamental para estimular a continuidade e consolidação de linhas e grupos de pesquisa.

Nas últimas décadas mudaram as condições para a produção do conhecimento com o avanço das tecnologias de produção eletrônica e de processos de informação. Houve evolução do pensamento científico de enfoque tradicional (positivismo, empirismo, racionalismo) para posições alternativas (dialética, fenomenologia, hermenêutica), apesar da pesquisa se manter com enfoque puramente positivista em muitas áreas de conhecimento.

Com a introdução de metodologias qualitativas, os critérios de qualidade até então vigentes foram colocados em cheque: validade, fidedignidade, universalidade, objetividade, generalização de resultados. Porém, as linhas qualitativas têm trabalhado com termos similares como a transferibilidade, confirmabilidade, consistência, credibilidade de dados.

Os direcionamentos para o mercado assumem diversas formas, desde o argumento cínico da captação de recursos externos que caracterizam a privatização branca da maioria das universidades até a privatização por decreto. Afinal, mudam cursos e pesquisas em função das necessidades do capital. O modelo neoliberal caracterizado pela extrema competitividade e individualismo reprimiu as relações de grupos de pesquisa, destroçando a face democrática de participação e compromisso com a realidade do país.

Além do que, mascaradamente, muitos professores apresentam projetos de pesquisa apenas como mero requisito burocrático para justificar o regime de dedicação exclusiva, o que significa a geração de pequeno impacto sobre a produtividade das instituições (BELLONI, 1996). DIAS SOBRINHO (1998, p.28) ressalta que “um conhecimento assentado só no conceito do universal homogêneo pode trazer graves riscos de abafar as identidades regionais”. Nesse sentido, SILVA (2002, p.35) chama a atenção para o fato de que “a produção científica move-se, embora a uma considerável distância dos problemas imediatos, e, por essa razão, seus resultados parecem irrelevantes ou abstratos”. SANTOS (1987, p.34) diz que:

“tanto em sociedades capitalistas como nas sociedades socialistas [...] a industrialização da ciência acarretou o compromisso desta com os centros de poder econômico, social e político, os quais passaram a ter um papel decisivo na definição de prioridades científicas”.

A mercantilização da pesquisa parece acentuar a fragmentação de saberes, aprofundando o distanciamento entre pesquisadores, departamentos e

institutos, cada qual em busca da sobrevivência, lutando para conquistar para si as verbas e os recursos externos.

Acreditamos que o papel da universidade ultrapassa objetivos meramente mercadológicos; seu direcionamento deve estar voltado para a formação do homem e para a construção de uma sociedade mais justa e solidária. Os pesquisadores têm conseguido superar o corte de verbas, a falta de condições de trabalho, os salários congelados, a ameaça de cortes dos direitos trabalhistas e produzir conhecimento de alto nível. As universidades vêm buscando aproximar a produção de conhecimentos dos interesses e das necessidades do povo brasileiro, propondo soluções para os problemas mais urgentes.

No intuito de amparar a pesquisa universitária, 13 estados e o distrito federal incluíram fundações de amparo à pesquisa nas suas Constituições de 1989; 8 estados introduziram fundos com dotações de 0,3 (Pará) a 3,0% (Amazonas, Goiás, Minas Gerais) de sua receita (SILVA, 2002).

Até 1998, 21 estados haviam implantado fundações ou fundos, porém, com exceção da FAPESP, a transferência de recursos tem sido inferior ao mínimo estabelecido, além de não haver regularidade em termos de datas de repasse de verbas (SILVA, 2002). Apesar de ter sido criado com a intenção de administrar a estrutura da pesquisa e do ensino de pós-graduação, o departamento acabou por contribuir na fragmentação das disciplinas, dificultando a comunicação horizontal, prejudicando o desenvolvimento da pesquisa. Fragmentação e desarticulação têm reflexos irremediáveis no desenvolvimento de pesquisas. Estamos prisioneiros dos departamentos e é hora de romper com paradigmas estruturais.

É inegável que os departamentos são adequados à pesquisa especializada e individual, mas constituem um sério obstáculo a qualquer forma de prática docente interdepartamental. Esse problema da interdisciplinaridade ainda não foi plenamente resolvido na atual estrutura acadêmica da universidade brasileira. Constatamos, nas universidades do mundo atual, uma tendência para a busca da interdisciplinaridade na pesquisa e na docência. (SANTOS FILHO, 2000, p.42).

A idéia da falência da universidade e da necessidade de mudanças visando lucro gera “pressão para produzir ganhos cada vez maiores em eficiência”, que “tem levado a uma desmoralização geral, a uma sensação de que a universidade está em ruínas, com o fim dos ideais humanísticos da pesquisa

intelectual autônoma” (FEATHERSTONE, 2000, p.82). O lema da empresa universidade é trabalhar com orçamentos reduzidos e maior eficiência. “As defasagens entre a universidade e a sociedade, abrem diferentes perspectivas de encaminhamento, inclusive aquela que implica a transformação da universidade em instituição de prestação de serviços” (GOERGEN, 2000, p.103).

Nesse sentido, MORAES & SANTOS FILHO (2000, p.11) afirmam que a universidade deve refletir sobre si mesma como instituição moderna e adaptar-se às profundas transformações que ocorrem na atualidade, sem, entretanto prescindir do seu caráter dialético-crítico, que inevitavelmente será destruído se ela se submeter aos ditames do mercado.

A universidade moderna deve buscar, principalmente através de uma prática interdisciplinar, produzir conhecimento útil para resolver os problemas humanos. Mas deve-se atentar para o fato de que muitos pesquisadores podem se sentir induzidos a investir em pesquisas aplicadas voltadas para a resolução de problemas emergenciais e abandonar a pesquisa básica.

Caminhamos para a institucionalização ou para a favelização da pesquisa na universidade? A intenção é continuarmos a produzir conhecimento ou apenas consumir conhecimento produzido pelos países centrais? Segundo as diretrizes do governo, sob intervenção do BM e FMI, a pesquisa deverá acontecer em centros de excelência, poucos no país em condições de desenvolver atividades de pesquisa e dedicar-se à formação de pesquisadores. Para as demais instituições, fica restrito o ensino, mormente que num lance de prepotência e inépcia o grande objetivo seja provar que a indissociabilidade ensino-pesquisa é um mito e o intuito é dissociá-los.

A esse respeito, CARVALHO (1997, p.193) chama a atenção ao salientar que a pesquisa é um princípio educativo instigante, desafiador, ao mesmo tempo em que constrói o conhecimento, possibilita o desenvolvimento do próprio pesquisador. Nesse sentido, a pesquisa deve fazer parte do sistema educativo, principalmente no ensino superior, tendo-se como alvo a formação de indivíduos críticos e criativos. O princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, incorporado à Constituição Federal Brasileira de 1988 em seu Artigo 207 estabelece: “As universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão e obedecerão ao princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão”.

Segundo PUCCI (1991, p.32), esta expressão, não deve ser considerada como uma fraseologia de efeito, mas como uma síntese atual da história educacional

brasileira que aponta diretamente para a construção de uma universidade de um bom nível acadêmico, pública, autônoma, democrática, que se coloca a serviço da realização de uma sociedade independente, soberana científica, tecnológica e culturalmente, voltada para os interesses concretos da população brasileira. SCHWARTZMAN (1998, p.265) afirma que a “legislação brasileira, ao postular o princípio da indissolubilidade do ensino e da pesquisa, conduz à noção de que o desempenho científico do professor de um curso deve ser o indicador por excelência de sua qualidade”.

No Brasil, esta situação é delicada, pois o ensino de graduação desenvolve-se alheio às atividades não somente de pesquisa, mas também dos programas de pós-graduação. Em muitas instituições o impacto da pesquisa e da pós-graduação na graduação parece estar carente de um impulso significativo abafado pelo ruído do mercado. Este princípio, alvo de constantes debates, expressa o papel da universidade na construção de uma sociedade democrática e igualitária, tendo sido considerado como referência do padrão de qualidade das instituições universitárias.

Lamentavelmente, os conhecimentos produzidos pela universidade, na maioria das vezes, não são incorporados na prática universitária; os resultados fiéis de uma realidade brasileira, obtida através das pesquisas são descartados pelo sistema educacional brasileiro e até por órgãos promotores de políticas educacionais.

Para GAMBOA (1999, p.88), o favorecimento dos interesses de grandes centros econômicos e a criação de uma rede de consumidores de informações é fruto de uma, política de empobrecimento do ensino público de qualidade e da expansão de um ensino separado da pesquisa que favorece um modelo de dependência científica e tecnológica com relação aos países industrializados ou a centros ou regiões mais desenvolvidas dentro de um mesmo país, ampliando as distâncias e as desigualdades entre nações e entre as regiões.

Seguindo as orientações do BM e de acordo com nossos governantes, não adianta gastar com o ensino superior e a pesquisa, pois, conforme a tese das vantagens comparativas, os países em desenvolvimento devem perseguir nichos de mercado onde seja possível vender mercadorias de baixo valor agregado. No caso de necessidade de tecnologia, esta pode ser facilmente comprada nos países

centrais. Afinal, não são tecnologias de ponta que estão em jogo, estas estão vedadas (LEHER, 1998, p.255).

Nesta conjuntura, estão nossos objetivos de estudo e pesquisa orientados a atender às agências de fomento? Pesquisamos para ganhar pontos em relatórios e ter prestígio ou por compromisso com a transformação da sociedade? Vamos priorizar problemas que outros elegeram? Estão as instituições preocupadas com a vida dos seres vivos do planeta ou com a vida das empresas? Trata-se evidentemente de um processo de atrofiamento das atividades de pesquisa e de ensino da universidade brasileira.

Nesse contexto, DIAS SOBRINHO (2002, p.16) comenta que valores de primeira ordem e como tal aceitos universal e historicamente, como cidadania, solidariedade, cooperação, colegialidade, tolerância, paz, justiça e outros na mesma linha, são substituídos por outros ícones economicistas, como eficiência, produtividade, competitividade, utilidade, funcionalidade, lucratividade. LYOTARD (1988, P.49) alerta que

“Importa igualmente interrogarmos os conceitos de performance, excelência e qualidade total do ensino e da pesquisa, porque estes não são jamais e nem poderão jamais ser simplesmente legitimados por sua performatividade ou por sua produtividade”.

A base para o desenvolvimento do mundo em constantes mudanças e transformações é hoje, mais do que nunca, a pesquisa científica. O lugar privilegiado para a realização da pesquisa ainda é a universidade que desencadeia, através da associação entre pesquisa e ensino, a formação de novos pesquisadores e a produção de conhecimento novo, rapidamente disseminado de forma cada vez mais acessível a grande parte da população.

Deve ser lembrado que a pesquisa científica e tecnológica no Brasil é produto de trabalho de milhares de pesquisadores que integram um segmento ainda pequeno, mas de fundamental importância para o futuro do país. Nada justifica termos chegados ao ponto em que estamos, mas uma coisa é certa: de meros espectadores caminhamos para sermos combatentes nesta luta de recuperação da situação da pesquisa e, por conseguinte, da universidade em si, amputando definitivamente a idéia de que a pesquisa traz prejuízos financeiros e pouco retorno em termos de sua produção para a sociedade. O discurso parece ter sido esquecido, mas é preciso retomá-lo: a pesquisa ser vista como um fator gerador de desenvolvimento, quer seja econômico, social ou cultural.

A realidade que se apresenta, neste novo século, nos faz pensar em uma nova universidade para o próximo milênio, uma nova forma de lidar com o conhecimento. Assim, vale trazer citação de SCHAFF (1995, p.119), de que “a ciência se converterá no mais importante meio de produção, na sociedade informática, a sociedade do futuro”, sendo, portanto, significativa a busca do entendimento sobre as perspectivas da ciência para o futuro mediante a análise do passado e do presente.

É preciso não aceitar mais esta discussão, não aceitar mais a exigência da obediência imediata sob pena de permanecermos na época da escravidão. Através do desenvolvimento sistemático e comprometido da pesquisa é possível distanciar a universidade de conceitos que a ela foram impostos: sitiada (MENEZES, 2000), em ruínas (CHAUÍ, 2001), na penumbra (GENTILI, 2001b). É preciso agir no sentido de combater o empobrecimento de idéias e propostas instalado na universidade, agir para desestabilizar o ideário neoliberal que veicula suas verdades.

A crescente sedução pelo afluxo mágico de dinheiro proveniente da privatização não conduzirá a universidade por uma rota de destruição, pois em vários pontos do país é possível encontrar sementes sendo plantadas e sonhos sendo retomados, não como aventuras irresponsáveis e românticas, mas como cimento ideológico na reconstrução de uma nova universidade.

O governo de FHC, apesar de centrado na imagem do líder acadêmico, incentivou medidas de restrição e desestímulo à pesquisa, fato concreto evidenciado por SILVEIRA, VALLE e ALVES (1998). FHC foi considerado, ao longo da história acadêmica, protótipo de pesquisador, pois viveu a realidade da pesquisa, cursou seu mestrado e doutorado com bolsas e outros tipos de apoio à pesquisa - entretanto, agora, o modelo não se ajusta mais a outros pesquisadores. Sob este aspecto, BOTOMÉ (2000) destaca que as relações da universidade com o Estado e com órgãos de fomento, pelo menos no aspecto financeiro, são mais de submissão, quando não de mendicância.

Na universidade operacional, descrita por CHAUÍ (1998), a pesquisa numa organização social passará a não mais existir! O conhecimento adquire um novo sentido, passa a se tratar de ter a posse de instrumentos para intervir e controlar alguma coisa; neste tipo de universidade não haverá tempo para reflexão, crítica ou exame de conhecimentos instituídos. *‘Se por pesquisa entendermos uma visão compreensiva de totalidades e sínteses abertas que suscitam a interrogação e*

a busca; se por pesquisa entendermos uma ação civilizatória contra a barbárie social e política, então, é evidente que não há pesquisa na universidade operacional". (CHAUÍ, 1998,p.9).

Para a autora, na verdadeira universidade pública há dedicação integral de professores e pesquisadores à docência, pesquisa e extensão com financiamento e recursos públicos, publicizando o resultado das atividades desenvolvidas. Portanto, o trabalho autônomo ou a autonomia criadora ficarão seriamente comprometidos, podendo significar a destruição da dimensão pública da pesquisa em sua realização e destinação.

4 A FUNÇÃO SOCIAL DA PESQUISA: DIFUSÃO, DISSEMINAÇÃO E DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

O cuidado para com o *habitat* será coletivo se houver um processo coletivo de educação, em que a maioria participe, tenha acesso à informação e faça troca de saberes. Essa informação se dá de várias maneiras: por difusão, disseminação e divulgação e através de diversos veículos como: rádio, jornal, revista, televisão, internet etc.

Conforme definição de KUNSCH (1992, p.62-63) a difusão científica é um conjunto amplo de todos os recursos e processos utilizados para veicular informações científicas e tecnológicas (exemplo: banco de dados, reuniões científicas, programas de rádio e TV dedicados à ciência e à tecnologia etc). Já a disseminação científica atinge um universo mais restrito ou um determinado segmento de público selecionado que conhece o assunto.

É a troca de informações científicas entre especialistas de uma área de conhecimento e de outras, desde que haja domínio conexo do conteúdo e dos códigos utilizados na mensagem. A divulgação científica, por sua vez, constitui-se no uso de recursos, técnicas e processos para transmitir informações científicas e tecnológicas numa linguagem acessível ao público em geral, em diferentes meios de comunicação. Nota-se que a difusão está presente tanto para disseminar como para divulgar, ressaltando que a diferença entre disseminação e divulgação é que a primeira está direcionada a um público seletivo (especialistas, docentes, alunos, enfim, a comunidade científica) e a segunda está direcionada ao público em geral. Neste estudo, há ênfase na disseminação, pois analisamos monografias, cujo público alvo é a própria comunidade científica. Assim, destacaremos a seguir questões relacionadas à disseminação científica.

Segundo BUENO, citado por DESTÁCIO (2002, p.94), não se pode confundir divulgação científica, por vezes denominada popularização ou vulgarização da ciência, com disseminação científica. Esta última "pressupõe a transferência de informações científicas e tecnológicas, transcritas em códigos especializados a um público seletivo, formado por especialistas", Logo, os periódicos científicos fazem parte desse universo. Tanto disseminam como divulgam informações com origem na ciência e tecnologia. São formas de difusão científica.

MIRANDA (1996, p.375-376) enfatiza como atividades associadas à disseminação científica aquelas que "conferem tanto ao produto quanto aos

produtores a projeção necessária à sua visibilidade no meio social em que produção científica, produto e produtores se inserem". Esses produtos vêm sendo valorizados pela comunidade científica desde os primórdios de sua história e são: congressos e reuniões científicas, assim como o periódico científico.

Disseminação científica são aquelas que "*conferem tanto ao produto quanto aos produtores a projeção necessária à sua visibilidade no meio social em que produção científica, produto e produtores se inserem*" (MIRANDA 1996, p 375). Esses produtos vêm sendo valorizados pela comunidade científica desde os primórdios de sua história e são: congressos e reuniões científicas, assim como o periódico científico.

Embora este capítulo esteja voltado à disseminação das pesquisas, ressaltamos a preocupação de vários autores como CHAUI, POBLACIÓN, LEITE, TARGINO, KUNSCH, PUCCI, entre outros, com relação à importância do papel da divulgação científica, uma vez que o ato de divulgar equivale à transformação do discurso científico cifrado ou especializado do cientista em linguagem pública.

Conforme relata LIMA (<http://www.revistapesquisafapesp.br>. 20 Out. 2002) os meios de ligação entre a ciência profissional e a comunidade em geral têm sido motivo de preocupação sistemática por parte dos cientistas e dos governantes. Esse fato foi atestado em 1831 com a criação da British Association for the Development of Science. Anteriormente, no século XVII, Francis Bacon já insistia na questão da responsabilidade da ciência para com a humanidade. Um esforço de divulgação dos avanços da ciência e da tecnologia, para ele, era não só uma necessidade como um dever social. Além disso, devemos destacar o desenvolvimento do jornalismo científico, crescente em nossos dias, tanto em jornais diários como em revistas científicas.

4.1 Conceitos e Funções da Comunicação Científica

A comunicação científica é definida por GARVEY (1979,p 4) como: "A comunicação que incorpora as atividades associadas à produção, disseminação e uso da informação, desde o momento em que o cientista concebe uma idéia para pesquisar, até que a informação acerca dos resultados seja aceita como constituinte do conhecimento científico",

Segundo o autor, como conjunto de atividades que interferem na produção pode-se entender aquelas que contribuem para viabilizar um produto enquanto veículo (suporte físico) de comunicação do conhecimento.

A comunicação científica é indispensável à atividade científica, pois permite somar os esforços individuais dos membros da comunidade científica. Eles trocam informações com seus pares, emitindo-as para seus sucessores. A informação é a essência da comunicação científica e, por conseguinte, a sua produção é o objetivo primordial da comunidade científica. Assim, os pesquisadores transmitem seus conhecimentos recém-gerados à comunidade, e acabam por serem reconhecidos como cientistas. A confirmação, o reconhecimento desse caráter se dá em dois níveis "De início, o reconhecimento dos pares, e posteriormente a confirmação institucional, que exige produção intensa de publicações originais" (TARGINO, 2000, p.55).

MASSARINI & MOREIRA(1990, p.32) identificaram três linhas na comunicação científica: os discursos científicos primários (teses, periódicos, livros) escritos por pesquisadores para pesquisadores (que é a linha utilizada por este estudo); didáticos (manuais científicos para ensino) e os da divulgação científica (revistas, jornais etc) - escrita por pesquisadores para o público em geral. Concluem que a ciência, sendo um empreendimento retórico, depende essencialmente da eficácia e da precisão das práticas de comunicação que adota. Cada discurso serve a um propósito determinado e busca atingir um público específico.

MENZEL, citado por TARGINO (2000, p.54) sistematiza as funções da comunicação na ciência como: fornecer respostas a perguntas específicas; concorrer para a atualização profissional dos cientistas no campo específico de sua atuação; estimular a descoberta e a compreensão de novos campos de interesse; divulgar as tendências de áreas emergentes, fornecendo aos demais cientistas a idéia de relevância de seu trabalho; testar a confiabilidade de novos conhecimentos diante da possibilidade de testemunhos e verificações; redirecionar ou ampliar o rol de interesse dos cientistas e fornecer feedback para aperfeiçoamento da produção do pesquisador.

Essas funções, segundo a autora, são cumpridas por pessoas que possuem objetivos comuns. Dessa forma, a comunicação científica obedece às práticas estabelecidas pela comunidade científica, termo que designa tanto a totalidade dos indivíduos que se dedicam à pesquisa científica e tecnológica como grupos específicos de cientistas, segmentados em função das especialidades, e até mesmo de língua, nações e ideologias políticas.

4.2 A Responsabilidade do Pesquisador na Divulgação da Pesquisa

Os pesquisadores podem visualizar a divulgação dos resultados das suas pesquisas como expressão de sua função social como pesquisador. Para tanto, é necessário que suas informações científicas sejam repassadas não somente à comunidade científica, mas também à população. De acordo com ACOT (1990), surgiram em 1890, nos Estados Unidos, as publicações de caráter ecológico, sendo a obra do botânico oficial do Estado de Minnesota, Conway McMillan uma das primeiras publicações americanas de natureza ecológica, datando de 1897. Em 1970 foi lançada a revista "*Ecologist*" na Grã-Bretanha, vindo a ser "um poderoso meio de contribuição e fermentação de idéias na área ambiental.

O avanço das pesquisas científicas depende do intercâmbio da troca de observações e experiências entre cada membro da comunidade científica. A necessidade de trocar dados, desenvolver teorias e experiências simultaneamente, e modificar idéias, tudo isso faz com que os cientistas se envolvam com comunicação.

A pesquisa científica e a divulgação de seus resultados são atividades inseparáveis. Divulgar resultados não é um complemento, mas uma das etapas essenciais do trabalho de investigação, que só se complementa quando o trabalho for comunicado. Para LE COADIC (1996, p.27), sem informação, a ciência não pode se desenvolver e viver: "*Sem informação a pesquisa seria inútil e não existiria o conhecimento (...) a informação só interessa se circula, e, sobretudo, se circula livremente*". Mas para a circulação da informação ocorrer livremente há em seu caminho muitos percalços, principalmente encontrados nas universidades públicas e que são criticados por diversos autores.

TARGINO (2001, p.33) mostra que os pesquisadores acadêmicos confundem divulgação de resultados com a indústria da pesquisa e papers. Portanto, o objetivo máximo da investigação científica acaba sendo substituído – busca de respostas para um problema determinado - por produção meramente quantitativa de artigos e papers. A intenção primordial passa a ser garantir pontos para ascensão profissional, conceitos mais elevados para os programas de pós-graduação e concessão de benefícios. Ao contrário, a autora defende que os cientistas devem "visualizar a divulgação de resultados como expressão de sua função social como pesquisador".

Nessa perspectiva, podemos notar que não há ciência sem comunicação e não há comunicação sem informação. A comunicação científica é indispensável à

atividade científica. Mas a produção da ciência não se dá alheia ao contexto social em que ela se insere, devendo ultrapassar as fronteiras da comunidade de usuários mais imediatos, sob o risco de se tornar estéril e inútil.

Considerando que a complexidade dos problemas ambientais está inserida no contexto social, cultural, econômico, político etc, torna-se fundamental que esses contextos sejam tratados na pesquisa acadêmica, resultando numa produção científica que venha a contribuir para a reflexão e solução dos problemas ambientais.

Nesse sentido, RIBEIRO (2003,) destaca a responsabilidade social do pesquisador aliada à qualidade de pesquisa:

"Não podemos pesquisar sem levar em conta nossa responsabilidade social. Numa sociedade mais justa, sem miséria ou devastação ambiental, poderíamos pensar só por pensar. Aqui não. É como cientistas que melhor podemos contribuir para o avanço do país. Não podemos abrir mão da qualidade de pesquisa".

CHAUI (2001, p.153) formula um conceito geral de excelência na pesquisa e define pesquisa excelente como aquela que, tratando de algo particular, o faz de tal maneira que seu alcance, seu sentido e seus efeitos tendam a ser universalizáveis, e que poderá vir a ser publicada e conhecida internacionalmente. Ressaltamos, porém, que há áreas de estudos, principalmente nas ciências humanas, em que são realizadas pesquisas com particularidades locais e regionais, sem deixar de ter caráter de excelência.

5 AS ATIVIDADES ACADÊMICAS E A FORMAÇÃO PARA A PESQUISA: O TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – OBJETO DE NOSSA ANÁLISE

Neste estudo a intenção é destacar, entre as atividades acadêmicas que se configuram como possibilitadoras da preparação para pesquisa, o Trabalho de Conclusão de Curso - TCC.

A mistificação da pesquisa no campo universitário e, conseqüentemente, a sua definição exclusivamente baseada em cânones científicos, configura-se como uma das principais dificuldades para realizar a formação de professores na Universidade, tomando a pesquisa como princípio formativo.

LEITE (1996, p.118) estabelece dois tipos de concepção de iniciação científica: a ampla e a restrita. Na concepção ampla de iniciação científica, consideram-se:” *todas as experiências vivenciadas pelo aluno, numa instituição educacional, com o objetivo de desenvolver a chamada formação científica (atitudes, conhecimentos, habilidades e padrão ético)*” .

Contudo, como destaca o autor, pode ocorrer uma descaracterização de conceito quando se inclui um universo tão grande de atividades.

Na concepção restrita, ainda de acordo com LEITE (1996. p.118), a iniciação científica:

é entendida como o conjunto de experiências vivenciadas pelo aluno em um projeto de pesquisa formalmente elaborado, com ou sem financiamento através de bolsa, desenvolvido sob a orientação de um docente pesquisador.

A discussão sobre uma iniciação à pesquisa remete a uma reflexão sobre a Universidade, já que a formação inicial científica, majoritariamente, se dá no âmbito desta.

Se tomarmos como ponto de partida o princípio de que a universidade tem funções de ensino e de pesquisa (ainda que este seja um ponto polêmico), ou seja, que cabe a ela transmitir conhecimentos e possibilitar a produção do novo (e não da novidade), é importante que se indague sobre a real possibilidade desse exercício e sua eficácia.

A relevância de se discutir estas questões reside principalmente na análise do momento atual do ensino superior, quando muitas instituições universitárias voltam-se para si mesmas, buscando ter clareza sobre o seu papel em

relação à comunidade em que se localizam, nos contextos nacional e internacional, sobre o ensino que oferecem e a pesquisa que desenvolvem. As avaliações constantes pelas quais passam as instituições, realizadas pelo poder público, têm seus reflexos nos projetos pedagógicos dos cursos e na dinâmica dos mesmos (OLIVEIRA, 2001). De acordo com esse autor, desde o início dos anos 90, há um cuidado em se olhar com mais atenção para aspectos do cotidiano dos cursos de graduação, que antes se desenvolviam sem um planejamento explícito e ao critério da vontade individual dos professores e coordenadores. Entre esses aspectos destacam-se: a iniciação científica, o estágio curricular e o trabalho de conclusão de curso.

As exigências hoje colocadas, de que a pesquisa que se realiza nessas instituições, deve ter seus vínculos com os projetos pedagógicos dos cursos, e como que se faz em termos de extensão, tem contribuído para reordenar muitas ações isoladas, bem como tem sido obstáculo para ações tradicionalmente desenvolvidas (MEC, 1999).

De acordo com LEAL (2001), o desafio dos novos tempos e espaços, especialmente para aqueles que se dedicam à análise das questões educacionais, exige – cada vez mais – criatividade para se prepararem e atualizarem, em períodos cada vez mais curtos, cidadãos de gerações e grupos étnicos, religiosos, culturais e sociais diferentes, para que possam vivenciar e, sobretudo, sobreviver em contextos sociais plurais e amplos, que requerem conhecimentos e domínio de habilidades permanentemente atualizados e continuamente sintonizados, do ponto de vista teórico e prático.

BOAVENTURA SANTOS (1995) explica que vivemos uma época em que estão emergindo paradigmas científicos que têm como pressupostos:

- Que todo conhecimento científico-natural é científico-social;
- Que todo conhecimento é local e total;
- Que todo conhecimento é auto-conhecimento;
- Que todo conhecimento científico visa constituir-se em senso comum.

Ao destacar tais pressupostos, o autor procura mostrar que, com o fim da dicotomia entre as ciências naturais e sociais superação de distinções como natureza/cultura, natural/artificial, vivo/inanimado, mente/matéria, observador/observado e com os avanços da física e da biologia assim como a composição transdisciplinar e individualizada do real, sugerindo novos métodos e até

uma *transgressão metodológica* que evidencia o caráter assumidamente autobiográfico e auto-referenciável da ciência, não é possível continuar negando a necessidade de diálogo com outras formas de conhecimento.

A postura intelectual criteriosa de estabelecer as relações possíveis entre as teorias, princípios e práticas, vistos na escola como “conteúdos escolares”, coloca-se como forma de consolidação de um novo paradigma de ciência. Tais fatos fazem com que se dê atenção à produção intelectual dos docentes e à formação do professor-pesquisador, o que conseqüentemente levanta à seguinte indagação: Como vencer o velho espírito científico e as concepções superadas de ciência sem aprender a articular o próprio discurso teórico?

Essas considerações fazem com que se olhe para a prática profissional vivida fora dos muros da universidade, de forma a situá-la como instância de continuidade no processo de rupturas, crescimento, em oposição a uma prática profissional em que o indivíduo lentamente “desaprende” a atitude científica, por não buscar interlocutores nem nos livros, nem nos encontros científicos, e por não teorizar sobre o seu fazer diário.

Segundo OLIVEIRA (2001), muitos professores localizam as dificuldades dos alunos na redação de trabalhos científicos na sua inexperiência em lidar com a *forma* científica. Imaginam que um curso de métodos e técnicas de pesquisa científica poderia resolver todas as dificuldades que surgem. Entretanto, o autor alerta que é preciso sair do imediato na análise das dificuldades de planejamento e redação de trabalhos científicos, ir mais fundo, esmiuçar essas dificuldades, explorar as possibilidades que elas apresentam. Elas simplesmente estão expressando a dificuldade que o aluno tem de participar da criação científica. Criar implica abertura para o novo, disponibilidade para novas relações.

O que fica evidenciado nas dificuldades que emergem nesse momento? A concepção cristalizada de ciência dos seus professores e a sua forma de lidar com os objetos do conhecimento (leis, teorias, conceitos, princípios científicos). Acostumado a exposições lineares dos professores, a um modelo de ensino tipicamente tradicionalista, marcado pela recordação do velho apresentação do novo/ comparação novo e velho/ realização de atividades junto com o professor e, finalmente, realização de atividades sozinho o aluno considera o “criar” uma atividade estranha, que não se insere nesse universo. Isso sugere a necessidade de

trabalhar junto aos docentes, de forma articulada, uma nova concepção de ciência e do processo ensino-aprendizagem.

Esse processo ocorre através das múltiplas atividades desenvolvidas durante os anos da graduação, tais como: aulas teóricas e práticas, palestras, participação em projetos experimentais e de pesquisa, monitorias, elaboração de trabalhos monográficos, estudos individuais e em grupos, participação em congressos e eventos científicos, etc. Estas atividades devem estar alicerçadas em um projeto pedagógico e através delas vai sendo construído um determinado perfil profissional.

Para CASTANHO (2000), nas três últimas décadas ocorreu a gradativa substituição de um modelo de universidade democrático-nacional-participativo para um modelo neoliberal pluralista-plurimodal. No primeiro modelo, predominante nas sociedades ocidentais na segunda metade do século XX, a organização universitária surge como a mais adequada para o ensino superior por sua possibilidade de olhar de forma multidisciplinar sobre a realidade; ela deve ser mantida por um Estado que cuida do bem-estar social e que é responsável pela implementação de políticas públicas. Nesse contexto, a Universidade deve participar da vida pública, mas não se confundir com o poder público.

Deve pensar a realidade econômica, social, política do país, mas não se confundir com uma agência do governo ou um partido político. Faz a crítica do conhecimento existente, produz conhecimento, propõe soluções para problemas emergenciais ou definitivos e oferece os primeiros como extensão e os segundos como projetos de investigação.

O segundo modelo, de acordo com CASTANHO (2000), está em plena emergência e disputa seu espaço com o modelo democrático-nacional-participativo, havendo uma clara sinalização de sua vitória. O caminho da Universidade segue em sintonia com as mudanças do processo produtivo nas atuais estratégias de acumulação capitalista, com o suporte ideológico neoliberal.

Assim, orienta-se, não para as necessidades da nação, mas para as exigências do mercado, situando a atividade de ensino como *mais um* empreendimento empresarial. É um espaço onde o indivíduo busca instrumentos para o seu sucesso na sociedade e não onde a sociedade habilita indivíduos para seu serviço. Importa o mundo e não a nação, a cultura global e não as particularidades diferenciais; sua pesquisa não deve ser voltada para o homem

concreto que vive nas suas cercanias, mas para incrementar a informação acessível na grande rede de computadores interligada planetariamente. Ela deixa de ser uma instituição pluridisciplinar para ser plurimodal, ou seja, assume mil formas, tantas quantas forem às necessidades do mercado e as exigências da integração dos mercados.

A aprovação da nova LDB, em dezembro de 1996, marca a emergência deste modelo no Brasil. Dentro da implementação do segundo modelo apresentado pelo autor, e como consequência das novas avaliações a que são submetidos os cursos de graduação, gradativamente, desde o final dos anos 80, foi se consolidando, como prática acadêmica, a elaboração dos trabalhos de conclusão de curso, o TCC.

Se, inicialmente, a exigência desse trabalho situava-se apenas em algumas áreas como Direito, Serviço Social, Psicologia, hoje é uma exigência da quase totalidade dos cursos de graduação e de pós-graduação. Atividade proposta como uma oportunidade de interdisciplinaridade e integração dos conteúdos, a partir de problemas colocados pela prática profissional, e apresentado geralmente na forma monográfica, o TCC enriquece o aluno, preparando-o melhor tanto para a vida profissional como para as avaliações (como o Exame Nacional de Cursos). Infelizmente, sua prática tem gerado muitas tensões na vida do aluno e dos docentes e coordenações, principalmente em instituições privadas de ensino, onde os docentes não têm, em sua maioria, tempo integral.

Tem-se um modelo das instituições públicas e uma prática que incentiva o que muitos docentes têm intitulado de “indústria da monografia”. No início dos anos 70, quando as instituições universitárias se depararam com uma clientela que não chegava tradicionalmente ao ensino superior, proveniente das camadas populares, e na busca de preservar a qualidade do primeiro modelo de universidade apontado anteriormente, foi criado o Ciclo Básico.

Dentre as disciplinas que o compunham e que objetivavam amenizar as insuficiências apresentadas pelo aluno no vestibular, oferecendo alguns instrumentos para que ele pudesse seguir os estudos, estavam métodos e técnicas de pesquisa e metodologia científica. O Ciclo Básico surgiu em decorrência da Reforma Universitária de 1968, no contexto de adequação da universidade ao processo produtivo. Embora tendo surgido num momento de contestação, é importante destacar este.

Marco da criação de espaços curriculares para a discussão de questões ligadas à história e à metodologia científicas em cursos que não estavam ligados às Ciências Humanas. O Ciclo Básico foi suprimido, mas as disciplinas vinculadas à metodologia científica permaneceram e podem exercer um papel importante, ainda hoje, no sentido de auxiliar o aluno na elaboração de seus trabalhos durante a graduação e o TCC, e na sua educação científica. A educação científica oferecida na graduação é essencial na formação do profissional, independentemente de sua área de atuação.

De acordo com OLIVEIRA (2001), quando um aluno inicia um processo de investigação para realizar o trabalho monográfico de final de curso, ou enquanto participa de um projeto de pesquisa da sua área específica, emergem todas as concepções das quais se apropriou, referentes à área de saber à qual se vincula. Este referencial de base é parte da cultura, do jargão dominante na ciência que estuda. Na medida em que, intencionalmente, mobiliza-se cognitivamente, surgirão seus obstáculos cognitivos.

Além da monografia, podem ser resgatados e tornarem-se desafios estimulantes e possíveis de serem realizados pelos alunos, muitos trabalhos acadêmicos rotineiros, tornando-se estes instrumentos de “alfabetização científica”, em direção ao paradigma emergente e de crescimento, de construção de uma autonomia intelectual. Os relatórios que os professores solicitam das aulas práticas, ou aqueles realizados para sintetizar debates podem ser oportunidades de testar hipóteses pessoais, confrontos críticos da relação teoria/prática; os seminários, quando desenvolvidos como forma de confronto de significados e negociação dos mesmos num clima de participação democrática, tornam-se oportunidades de diferentes leituras dos objetos de estudo. As revisões bibliográficas, os estudos dirigidos, quando são acompanhadas de problematização e críticas, oportunizam diferenciações conceituais mais sutis, constituindo-se em aprendizagens de melhor qualidade, ou seja, significativas.

Estudo de VIDAL (2000) sobre educação científica, apresentado no ENDIPE (2002), aponta que os cursos de Pedagogia não fornecem uma formação científica capaz de

(...) municiar os professores com subsídios para comparar e confrontar as diversas interpretações e representações dos alunos, identificando os diferentes domínios epistemológicos, nem a capacidade de atuar junto a essas representações, muitas vezes

designadas de concepções espontâneas, conceitos alternativos, etc
(p.193).

Tais considerações possibilitam que se perceba a importância da iniciação científica, que deveria acontecer não apenas em projetos científicos nas universidades, mas no cotidiano das aulas, das atividades acadêmicas regulares. E, segundo OLIVEIRA (2001), quando um aluno participa de um projeto de pesquisa na universidade, este é um momento privilegiado para estabelecer uma relação não-dogmática com o saber aprendido ou um aprendizado na sua área de formação, de construir uma postura interdisciplinar com um realismo que dificilmente se conseguirá em sala de aula, embora esta não possa ser dispensada.

Definindo-se o ato de pesquisar como a prática de investigar, descobrir, inovar, criar, questionar, enfim, estar envolvido com a produção do conhecimento o que engloba todas as oportunidades oferecidas pela instituição para a participação e envolvimento do aluno com pesquisa durante a graduação, e que podem ser identificadas em Programas de Iniciação Científica, em iniciativas individuais ou em grupo (em disciplinas ou não) de professores e alunos, apoiados ou não por órgãos da universidade, que tenham por objetivo o aprender a pesquisar e a produzir conhecimento chega-se à “perspectiva restrita apresentada por LEITE (1996) e descrita no início deste capítulo”.

5.1 O Trabalho de Conclusão de Curso

A recomendação do relatório, em relação ao TCC, é que devem ser estabelecidos, ao longo do curso, mecanismos de orientação, acompanhamento e avaliação das atividades relacionadas à produção do TCC. Sugere-se que o TCC pode decorrer da reflexão sobre as experiências propiciadas pelas práticas pedagógicas de ensino, do desenvolvimento de projetos de pesquisa ou de outras atividades de interesse do aluno.

A exigência da apresentação de um trabalho acadêmico de pesquisa para que o curso seja concluído é, segundo MONTEIRO (1998, p.1), *uma forma de complementar o processo de avaliação da aprendizagem ocorrida na sala de aula*. De acordo com o autor, atualmente, em grande parte dos cursos de graduação, só se consegue aprovação com a apresentação de um trabalho de final de curso, que recebe denominação diversa, dependendo da instituição, e se constitui, geralmente, numa espécie de treino para a pós-graduação; por isso esses trabalhos precisam ter

um certo padrão de qualidade, ou seja, seguir determinada estrutura e apresentar método e metodologia.

O Trabalho de Conclusão de Curso é uma monografia científica e, como tal, deve possuir todos os requisitos determinados por normas internacionais utilizadas em universidades, congressos, etc. (VICTORIANO & GARCIA 1996). O trabalho monográfico é um estudo aprofundado, sob o maior número de aspectos possíveis, de um determinado assunto, onde o objetivo é expor, discutir e demonstrar logicamente, a partir de *um* tema-problema. Há uma indagação de base em torno da qual se articulam os autores pesquisados e suas idéias.

De acordo com MONTEIRO (1998), a denominação desse tipo de trabalho apresenta controvérsias, uma vez que o senso comum diz que os TCCs são monografias, os trabalhos de mestrado são dissertações e os trabalhos de doutorado, bem como os de pós-doutorado são teses. Na verdade, destaca o autor, de acordo com a ISO 690 (1987), “todo item bibliográfico não seriado” é uma monografia. Assim, livros, dissertações e teses são monografias. O autor entende que, na verdade, o que diferencia um TCC, que sempre é produzido na graduação, de uma dissertação e de uma tese, é o grau de exigência e o nível de investigação.

Segundo MONTEIRO (1998), a NBR 10719 (1989), que trata da apresentação de relatórios técnico-científicos, deixa claro que “livros, folhetos, teses, etc. (que tecnicamente são monografias) devem sujeitar-se às normas específicas”. No caso, as normas para TCCs, dissertações e teses são as mesmas dos livros, estabelecidas na NBR 6029.

Do ponto de vista do grau de exigência, do rigor científico e da profundidade da investigação, os trabalhos acadêmicos apresentam características diferentes. SUAIA (1996) diz que os trabalhos de conclusão de curso são ensaios teóricos ou pesquisas, geralmente discursivos e conclusivos, que organizam informações de acordo com uma temática definida.

MONTEIRO (1998) explica que a execução de um trabalho acadêmico torna-se menos fatigante quando segue determinado método e metodologia, capazes de agilizar sua elaboração. Segundo OLIVEIRA (2001), nesse tipo de atividade, ao enfrentar o desafio de construção da monografia, o aluno poderá romper os obstáculos epistemológicos e pedagógicos e dar um salto qualitativo em relação à própria área, compreendê-la mais, e de forma crítica, ou não. OLIVEIRA

(2001) entende que não existe meio-termo: aprender uma ciência e construir novos objetos de estudo implica em rompimento, em renovação, incertezas.

A monografia, como resultado do estudo científico de um tema, vai sistematizar o resultado das leituras, observações, críticas e reflexões feitas pelo educando. Assim sendo, ela se configura como uma atividade de pesquisa científica, em função dos recursos metodológicos que exige na sua elaboração. Quando os temas para pesquisa não constituem uma exigência de determinada disciplina, é recomendável que os temas selecionados sejam relevantes para a vida acadêmica e condizentes com o estágio de desenvolvimento intelectual do aluno. Tais trabalhos podem ter sua temática voltada para assuntos que direcionam os alunos a uma especialização, ou mesmo, para preencher lacunas teóricas que eventualmente ocorreram durante o curso. O tema escolhido deve se constituir num desafio para que a motivação para a pesquisa se mantenha até o final do trabalho.

Historicamente, o termo monografia tem sido conceituado de várias formas por vários autores. No entanto, há um consenso geral em defini-la como um trabalho escrito resultante do estudo de um aspecto particular de determinado assunto. Na verdade, segundo KERSCHER & KERSCHER (1999), essa definição tem sua origem no século passado, a partir de um método de ciências sociais que culminou com o trabalho “Monografia da família operária”, publicado por Le Play em 1855. Em ambos os sentidos, seja no original ou no atual, a característica essencial é a especificação, ou seja, a redução a um só assunto, a um só problema. Assim, o sentido etimológico manteve-se preservado: *monós* (um só) e *grafhein* (escrever) – escrever a respeito de um assunto único.

5.2 As contribuições da monografia segundo as concepções dos autores pesquisados na literatura

Segundo BELLI (2000) o desenvolvimento de um espaço novo de construção do conhecimento na formação de futuros profissionais, uma vez que seu objetivo é permitir que as diferentes leituras e escritas dos alunos possam se articular com as experiências já vivenciadas nos estágios e/ou funções na área educacional, de modo a produzir um processo individual de redefinição dos valores acumulados durante a graduação.

Para ECO (1983) aprender a pôr ordem nas próprias idéias e ordenar os dados, exercitando a memória, resgatando conceitos e experiências apreendidos ao longo do curso.

Para FACHIM (2002) por ser um estudo que obedece à estrutura de um trabalho científico, propicia ao graduando a possibilidade de elaborar um trabalho mais aprofundado.

Segundo INÁCIO FILHO (1995) possibilita o levantamento de dados em fontes específicas do conhecimento, ao mesmo tempo em que os dados coletados vão sendo intercalados por críticas e guiados pela relevância e preocupação que o pesquisador confere ao assunto, mostrando sua criticidade.

De acordo com KERSCHER & KERSCHER (1999) contribui para desenvolver o hábito de pesquisa, o sentido crítico, a capacidade de análise, o poder de síntese e a criatividade no campo profissional. Contribui também para colher subsídios sobre assuntos técnico – profissionais.

De acordo com VICTORIANO & GARCIA (1996) a monografia serve, sobretudo para ensinar a coordenar idéias. E pressupõe a seguinte seqüência:

- 1) determinação do tema-problema do trabalho (dúvida, questão, problema);
- 2) levantamento da bibliografia referente a esse tema (fontes);
- 3) leitura e documentação (tratamento da bibliografia);
- 4) reflexão crítica;
- 5) construção lógica do trabalho
- 6) redação do texto (monografia).

SEVERINO (1999) diz que a monografia contribui para sistematizar o resultado das leituras, observações, críticas e reflexões feitas pelo educando.

A leitura das concepções acima sinaliza a monografia como um instrumento curricular com potencial para desenvolver diversas capacidades, postas pela literatura como necessárias à formação docente: possibilitar a articulação entre diferentes leituras e escritas e outras experiências; ordenar as idéias e dados; aprofundar o conhecimento em determinado assunto; estimular o hábito da pesquisa, entre outras.

É consensual que o trabalho monográfico deve ultrapassar o nível da simples compilação de textos, dos resumos ou opiniões pessoais, exigindo um maior rigor na coleta e análise dos dados a serem utilizados, podendo ainda avançar no

campo do conhecimento científico, propondo alternativas para abordagens teóricas ou práticas nas várias áreas do saber.

Cursar uma universidade, de forma geral, significa um período da vida dedicado ao preparo de uma profissão para os mais jovens. Poucos são os alunos que, na universidade, escolhem a atividade de pesquisador como especialidade profissional. Mesmo diante dessa constatação, é inegável a importância de que todos os alunos desenvolvam uma atitude científica em suas profissões e especialidades futuras. Muitas instituições de ensino adotam a monografia como primeiro e, por vezes, único trabalho no âmbito da atividade científica.

De acordo com SEVERINO (1999, p.104), o termo monografia designa um tipo especial de trabalho científico. Considera-se monografia aquele trabalho que reduz sua abordagem a um único assunto, a um único problema, com um tratamento especificado.

Para o autor, os trabalhos serão monográficos na medida em que satisfizerem à exigência da especificação, ou seja, no tratamento de um só tema, especificado e delimitado, uma vez que o trabalho monográfico caracteriza-se mais pela unicidade e delimitação do tema e pela profundidade do tratamento, do que por sua eventual extensão, generalidade ou valor didático.

Segundo KERSCHER & KERSCHER (1999), a monografia de fim de curso objetiva desenvolver o hábito de pesquisa, o sentido crítico, a capacidade de análise, o poder de síntese e a criatividade no campo profissional. Visa, de outro lado, colher subsídios sobre assuntos técnico-profissionais. Entretanto, o objetivo último é, sobretudo, a obtenção de contribuições pessoais à ciência. Cabe aqui destacar a extrema importância da reflexão no trabalho monográfico. Sem a reflexão, a monografia transforma-se em mero relatório do procedimento de pesquisa ou compilação de obras alheias. O tratamento reflexivo vai além dos limites da documentação.

Também FACHIM (2002) assinala que a monografia é um estudo que obedece à estrutura de um trabalho de cunho científico. Do ponto de vista didático, a monografia serve para ensaiar o educando para um trabalho mais aprofundado, ou ainda para substituir certos tipos de verificação que se aplicam em tais cursos. Do ponto de vista científico, a monografia deve ser única e bem delimitada e abranger uma pesquisa bibliográfica, mas o educando poderá optar, também, por uma

pesquisa de campo ou laboratório, conforme sua área de formação acadêmica. A autora acredita que:

A monografia deve ser um estudo mais aprofundado do que os trabalhos que os universitários apresentam no decorrer de seus cursos. Além de serem baseados em levantamentos bibliográficos, a elaboração gráfica dos trabalhos também deve seguir a estrutura do trabalho científico (p.186).

INÁCIO FILHO (1995) caracteriza a monografia como:

Uma síntese de leituras, observações, reflexões e críticas, desenvolvidas de forma metódica e sistemática por um pesquisador que relata a um ou mais destinatários um determinado escrito que seja o resultado de suas investigações, as quais, por sua vez, têm origem em suas inquietações acadêmicas (p.79).

Para o autor, o trabalho monográfico inicia-se por uma dúvida ou problema, e para que esta dificuldade seja sanada, o pesquisador levanta dados em fontes específicas do conhecimento, sendo que os dados coletados vão sendo intercalados por críticas e guiados pela relevância e preocupação que o pesquisador confere ao assunto (aos temas e subtemas). A maneira como o investigador organiza e sintetiza as variadas fontes e a seleção dos dados mais relevantes mostra sua criticidade. Da busca, da reflexão e da crítica resulta a monografia, que deverá conter mais fatos que opiniões.

De acordo com ECO (1983), fazer uma monografia pode ser útil em muitos sentidos:

Aprender a pôr ordem nas próprias idéias e ordenar os dados; Elaborar um trabalho é como exercitar a memória, resgatando conceitos e experiências apreendidos ao longo do curso; É uma experiência de trabalho metódico; construir um objeto que, como princípio, possa também servir aos outros (p.5).

Para INÁCIO FILHO (1995), por ser o trabalho monográfico comum nas universidades e fazer parte da rotina dessas instituições, é tido como uma das maneiras de tornar concreta a indissociabilidade entre ensino e pesquisa, e esta é uma das razões de muitos cursos exigirem monografias como trabalhos de conclusão de curso.

Outro aspecto relevante a ser destacado é que a monografia de conclusão de curso pode servir para despertar o interesse pela pesquisa mais aprofundada, transformando-se muitas vezes em um bom projeto de pós-graduação. Pode também despertar no formando o desejo de seguir a carreira de pesquisa e de

docência universitária, em virtude desenvolvimento que teve com o objeto de estudo (p. 67).

Se o processo de ensino-aprendizagem vivido na instituição e fora dela deu ao aluno os instrumentos teórico-práticos para que este busque conhecimentos empírico/conceituais, formule racionalmente questões e trace relações inovadoras, então este aluno se aproveitará da autonomia que estas formas de trabalho lhe propiciam. Sob essas condições, este aluno não deverá encontrar maiores dificuldades para planejar, elaborar e redigir trabalhos científicos monográficos ou quaisquer outros. Mas, se for portador de concepções gerais e fixas, eternamente acostumado a receber e devolver generalidades e não situações problemáticas, como fruto de um ensino centrado no modelo de transmissão-recepção, então o trabalho monográfico se configurará, para ele, como um momento crítico.

É o que relata RIOS (1999), que em sua pesquisa enfocou o Trabalho de Conclusão de Curso sob a ótica avaliativa, investigando o comportamento e estado emocional do aluno durante a elaboração do trabalho e do processo de avaliação do mesmo. A pesquisadora chegou à conclusão que este é, por vezes, um momento penoso para os alunos. Em seu estudo, a autora também fez uma análise dos desafios experimentados pelos alunos durante a elaboração do trabalho e aponta as seguintes dificuldades: indefinição na escolha do tema; baixa motivação pela atividade; desconhecimento dos critérios para aprovação do projeto; acompanhamento restrito a um orientador; necessidade de ter maior fundamentação teórico-metodológica; dificuldade de acesso à bibliografia atualizada; burocracia, pouca receptividade nas instituições e demora na devolução dos instrumentos de pesquisa, durante a coleta de dados; necessidade financeira para digitação e reprodução do trabalho; insegurança e nervosismo.

BELLI (2000) em trabalho apresentado sobre a produção de monografias no ENDIPE, apresenta a questão sob uma perspectiva positiva:

A realização de um trabalho monográfico, como parte das novas exigências do curso de graduação (...), permitiu o desenvolvimento de um espaço novo de construção do conhecimento na formação de futuros profissionais ... (p.407).

A pesquisadora explica que o objetivo da realização dessas monografias é permitir que as diferentes leituras e escritas dos alunos possam se articular com as experiências já vivenciadas nos estágios e/ou funções na área educacional, de

modo a produzir um processo individual de redefinição dos valores acumulados durante a graduação.

Tal fato sugere que se olhe para as monografias como produções que, mesmo que incipientes e fragmentadas, consolidam um percurso de construção de sentido, resultante da coordenação de múltiplos saberes com a própria experiência que os gerou.

FREDDO (1994) acredita que não se pode esperar que o curso universitário crie, por si só, uma consciência crítica no aluno. Isso vai depender de sua capacidade e vontade de aprimoramento pessoal. Por outro lado, o TCC espera justamente isso: a partir de uma formação acadêmica teórico-prática, criar no aluno condições de reflexão crítica da realidade. Para o autor, é uma tentativa de se colocar no mercado de trabalho pessoas que têm consciência de si próprias enquanto pessoas e profissionais, e que sabem como proceder a uma investigação com um mínimo de embasamento teórico e científico, acerca da realidade que as cerca e de sua efetiva posição nessa realidade.

De acordo com o autor, a tarefa de um professor, ao orientar um TCC, é mostrar ao aluno que sua passagem pela faculdade foi e será útil para o resto de sua vida e que, a partir dessa passagem, começa a parte mais difícil de sua vida: ele deixa de ser um aluno e passa a ser um profissional.

Fica cada vez mais clara a necessidade de se trabalhar na direção de construir a capacidade de estabelecer novas relações entre as situações com que as pessoas se defrontam, suas ações e as situações que geram através dessas ações. Isso implica mais do que apresentar informações: é preciso induzir um processo de conhecer. E leva a definir educar por “ensinar a conhecer” como um processo constante na vida, e não como uma “adesão” ao já conhecido.

6 A PESQUISA EM TURISMO

A pesquisa em Turismo passa a fazer parte de um campo multidisciplinar e é influenciada, assim como também influencia áreas da sociologia, economia, administração, psicologia e geografia entre tantas outras. GOELDNER & RITCHIE (2002. p. 384) afirmam que *“a tarefa da pesquisa em turismo é coletar e analisar dados para auxiliar os administradores do setor a tomar decisões. A pesquisa em turismo é a construção e condução sistemática e imparcial de investigação para resolver problemas da área”*.

Isso se reflete no fato de que o MEC – Secretaria de Educação Superior, através do Modelo de Enquadramento das Propostas de Diretrizes Curriculares estabelece que o bacharelado em Turismo deve *“proporcionar a integração curricular através de mecanismos tradicionais e inovadores, possibilitando ao graduado a capacidade de abordagem multidisciplinar, integrada e/ou sistêmica”*.

Cada estudante e profissional de turismo tentará se inserir em um determinado campo para atuação. Porém, é certo que todos necessitarão conhecer procedimentos de pesquisa uma vez que *“A boa pesquisa é um auxílio indispensável na compreensão dos fenômenos para que se possa atuar de maneira mais eficaz”*. (RYAN 1995. p. 2). Os resultados dos conhecimentos.

Embora a literatura não seja vasta como em outras áreas do conhecimento, existem obras de qualidade sobre a Pesquisa em Turismo no Brasil. Porém, ainda é grande a carência quando comparado com a literatura oportunidades de pesquisa, prejudica o aprofundamento das pesquisas em andamento.

No entanto, diversos esforços vêm sendo feitos. Um deles consta nas Diretrizes Curriculares do MEC, que sugere que o curso de graduação no que se refere às atividades de pesquisa, deve:

“contemplar a iniciação científica, podendo ser adotada regulamentos como estratégia de ensino, possibilitando a integração ensino/pesquisa e o desenvolvimentos de alunos interessados na docência disciplinas cujos conteúdos possibilitam ao aluno um contato com as áreas de pesquisa e desenvolvimento de projetos, fornecendo-lhe subsídios para seu desenvolvimento profissional e em diversas áreas na pós-graduação. Esta área de formação dará subsídio para a elaboração do trabalho de final de curso, permitindo a aplicabilidade prática dos pressuposto teóricos metodológicos definidos”.

Início no curso de graduação. A disciplina de Metodologia Científica é sugerida como *“Matéria de conteúdos de formação básica”*.

Outra forma de incentivo à pesquisa dada pelo MEC são os “Estágios de Pesquisa” cuja definição e objetivos encontram-se abaixo (MEC):

ESTÁGIOS DE PESQUISA: Serão instrumentos que aproximarão o corpo discente da iniciação científica, estimulando o contato com a pesquisa e as áreas de ensino.

Tem como principais objetivos:

- Buscar, através de a “aprendizagem voltada para o aprender”, estimular o interesse dos alunos nas atividades de docência, incentivando o “aprender a ensinar”.
- O estágio deverá servir como um meio de reconhecimentos das atividades de pesquisa e docência, possibilitando, ao aluno, sua identificação como estas áreas de atuação;
- Poderá ser iniciado a partir do segundo ano do curso, a partir do momento que o aluno demonstre aptidão e condições para o auxílio pedagógico através de monitorias, estágios junto à coordenação ou atividades de iniciação científica apoiados pela IES;
- Está notadamente integrado a bolsas de iniciação científica. Sua continuidade prossegue para alunos que optarem pela organização curricular de pesquisa e ensino;
- As IES deverão proporcionar condições administrativas e pedagógicas para a implementação dos Estágios de Pesquisa;
- deverá auxiliar o aluno a optar pelo currículo específico de pesquisa e ensino;
- A partir do terceiro ano do curso os alunos poderão disputar as bolsas de pesquisa (para os primeiro, segundo e terceiro graus) e ensino de acordo com os critérios da IES;
- Deverá ser acompanhado pela coordenação pedagógica, por equipe docente nomeada para a função de supervisão de estágio ou por departamento de iniciação científica da IES;
- A supervisão deverá acompanhar o desenvolvimento dos alunos nos Estágios de Pesquisa através de relatórios periódicos.

Visto que a pesquisa em turismo tem seu início na graduação, o aluno adquire conhecimentos básicos que o auxiliarão na pesquisa acadêmica dos cursos de Pós-Graduação. Neste, a disciplina de Metodologia Científica também faz parte do programa, porém, com certas distinções da que é oferecida nos cursos de Graduação.

7 A GESTÃO DE NEGÓCIOS TURÍSTICOS

A evolução do turismo na atualidade apresenta um desempenho favorável, tanto do próprio setor turístico, como dos setores das atividades direta e indiretamente envolvidas, a partir da ampliação e diversificação dos mercados nacionais e internacionais. O turismo, apontado como uma das atividades mais importantes do setor de serviços do novo milênio, necessita ampliar sua visibilidade e apresentar-se como fator transformador de uma sociedade ou região.

A interdependência entre os diversos agentes envolvidos, a amplitude do fenômeno turístico e sua inter, multi e pluridisciplinaridade, exige o conhecimento da realidade e implicações econômicas, sociais, culturais e ambientais, dentro de uma visão sistêmica e de uma visão de oportunidade, respeitando seu caráter distintivo.

As ações baseadas no imediatismo e na descontinuidade devem ser substituídas por um processo sistêmico de desenvolvimento turístico, fundamentado em concretas e efetivas ações articuladas de forma a priorizar o importante e o necessário. Assim, os recursos turísticos deverão ser preparados de forma pré-determinada, adotando as medidas de planejamento e de gestão que valorizem estes recursos e contemplem a finalidade de promover o desenvolvimento sustentável da atividade, e, especificamente, da Gestão de Negócios.

A tendência atual no cenário econômico é a globalização e a competitividade entre organizações empresariais e, no caso do turismo, entre produtos e destinos turísticos, o que leva a uma exigência cada vez maior de agilidade e ajuste de novos paradigmas. Para a atividade turística enfrentar o desafio globalizante há necessidade de se conceber novas formas de organização, planejamento e gestão empresarial. Assim, governos, agências de desenvolvimento, organizações financeiras, planejadores, conselhos locais e outros grupos, que atuam no turismo, têm visto a atividade como uma forma de solução para as dificuldades econômicas que precisam enfrentar.

Um dos aspectos que mais incidem na transformação da indústria turística internacional é a permanente evolução das tendências do mercado, da sua gestão como negócio, geradas, sobretudo, pela forte concorrência de preço e qualidade. A consolidação de um padrão de serviço com o adequado controle permanente de qualidade é um dos itens mais importantes para o fluxo contínuo e crescente de um destino turístico.

Os múltiplos serviços, as infra-estruturas, as ofertas dos atrativos e de lazer agregam, isoladamente, um determinado valor. A visão sistêmica oferece a compreensão da real dimensão da atividade e as múltiplas variáveis que a compõem. Ela se preocupa com cada um dos subsistemas, com a soma dos seus valores, pois o resultado do todo depende de cada um desses subsistemas.

A gestão do turismo precisa, também, se preocupar com a preservação dos valores culturais, sociais, históricos, ambientais e, ainda, contar com o apoio da comunidade local, além de administrar a dinâmica da oferta turística. O sistema turístico composto pelos seus diversos subsistemas, tanto sob o ponto de vista da iniciativa privada quanto do poder público, é um complexo sistema de planejamento e gestão, exigindo um desempenho otimizado de todas as partes. Precisa oferecer produtos turísticos competitivos para que possa promover o desenvolvimento sócio econômico da localidade receptora e continuar operando de uma forma sustentável.

Os estudos dos sistemas, incluindo o turístico, ofereceram diretrizes para a gestão de negócios, através da Engenharia da Produção. A teoria de sistemas permite a flexibilidade para sua aplicação. As fronteiras físicas de um município necessariamente não precisam coincidir com as fronteiras turísticas locais. A teoria de sistemas permite a criação de um sistema turístico em parte de um município, um distrito ou um segmento turístico ou, também, a criação de um sistema que compreenda mais de um município, cujos limites abrigariam determinada região.

Essa teoria oferece infinitas alternativas dentro do conceito de que um sistema está sempre inserido em um sistema maior e interagindo com seus ambientes interno e externo.

O Turismo moderno se relaciona com os conceitos de desenvolvimento econômico sustentável, qualidade de vida e distribuição de renda. No contexto de mudanças globais que afetam aspectos culturais, educacionais e de comunicação em geral, suas atividades moldam uma indústria em rápida expansão, cujo movimento gera riqueza, cria empregos e aciona imensas somas de impostos, atuando como âncora para uma complexa teia de investimentos e oferecendo serviços para mercados cada vez maiores. Ao longo de 50 anos o setor vem apresentando um crescimento médio de 5,7 % ao ano (Organização Mundial de Turismo, 2001).

O turismo é a atividade econômica de maior faturamento no mundo e a que mais emprega mão-de-obra, ultrapassando todos os setores. Segundo

estimativas da World Travel and Tourism Council – WTTC, o setor de turismo em todo o mundo deverá atingir, no ano de 2007, um resultado bruto de US\$ 7,1 trilhões (Organização Mundial de Turismo, 2001).

Depois da estabilização da economia brasileira, a partir de 1994, US\$ 7 bilhões foram aplicados por empresas estrangeiras no setor. De acordo com a ABIH – Associação Brasileira da Indústria Hoteleira – estão sendo implantados atualmente no Brasil, pela iniciativa privada, projetos turísticos avaliados em cerca de US\$ 6 bilhões - são novos hotéis, resorts, pousadas - empreendimentos estes que criarão 140 mil empregos diretos Mais de 420 mil empregos indiretos.

7.1 Importância para o País

No cenário de mudanças rápidas e profundas dos últimos anos, a indústria tem demonstrado, no Brasil, capacidade de crescimento acelerado, com elevações expressivas na venda de pacotes turísticos para destinos domésticos, investimentos de diversas companhias internacionais de turismo e hotelaria previstos para os próximos anos e dezenas de empreendimentos de lazer devendo ser inaugurados nas diversas capitais.

A expansão da atividade turística e seu efeito na geração de emprego e renda contribui para a diminuição das desigualdades. O Plano Nacional de Turismo, lançado em abril de 2003, prioriza o setor posicionando-o como atividade econômica central na retomada do crescimento e geração de empregos. Com o Plano o Governo pretende articular e pela EMBRATUR, a Conta Turismo do Brasil totalizou, em 2000, uma receita de US\$ 4.227.606 (gastos de turistas estrangeiros no Brasil), enquanto que a despesa somou US\$ 3.893.000 (gastos de turistas brasileiros no exterior), o que gerou um saldo positivo de US\$ 334.606.

No entanto, apesar dos números expressivos, existe uma tendência dos órgãos públicos responsáveis pelo desenvolvimento do setor de turismo no Brasil de não utilizar pesquisas e estudos técnicos para balizar suas ações, de forma a entender melhor esta complexa atividade, minimizando, assim, os possíveis erros.

7.2 O Turismo como Fenômeno Econômico

Segundo BARBOSA (1998), do ponto de vista econômico, a atividade turística se torna importante não pelo fato da “viagem a trabalho ou lazer”, mas, sim, pelas conseqüências não-intencionadas deste ato.

Quando o turista viaja a lazer, ele não trabalha, o que afeta diretamente a oferta de mão-de-obra, pois possibilita a abertura de novas vagas no mercado. Para viajar a lazer, o turista tem de trabalhar e poupar. Isso significa que, numa sociedade onde existe a cultura do turismo, há permanentemente oferta de recursos derivados da poupança dos que estão esperando o momento de transformá-los em dispêndio de viagem, e uma intensa movimentação das atividades produtivas derivadas do turismo.

Quando o turista viaja para o exterior, participa de um amplo movimento internacional de capital, gerando demanda adicional e transferindo divisas para o país escolhido. No entanto, o adequado tratamento econômico do turismo exige conhecer detalhadamente os impactos econômicos derivados desta atividade, uma vez que os turistas gastam o seu dinheiro numa ampla variedade de mercadorias e serviços, tais como: transporte, acomodação, alimentos, bebidas, comunicação, entretenimento, artigos em geral. Este dinheiro é visto como uma injeção de recursos, via aumento da demanda na economia local, que não existiria sem esta atividade.

COOPER (2001) ressalta que o valor dos gastos realizados pelos turistas representa somente parte dos impactos econômicos. Para uma análise completa, outros aspectos devem ser levados em consideração, como por exemplo:

- Efeitos indiretos e induzidos, como compra de fornecedores e novos negócios abertos em função da renda do turismo;
- “Vazamento” dos gastos locais, como a compra de produtos importados para suprir a necessidade dos turistas;
- Deslocamento de mão-de-obra e custos de oportunidade, como a atração de empregados de outros setores para trabalhar com o turismo.

O “efeito multiplicador” é citado freqüentemente como forma de capturar efeitos secundários do gasto turístico e prova do grande alcance dos seus benefícios em diferentes setores da economia.

As análises econômicas, por si só, tendem a analisar o turismo por uma perspectiva unilateral, ressaltando o lado positivo dos impactos econômicos do turismo, mesmo sabendo que há diversos impactos econômicos negativos como: sazonalidade, trabalhos temporários, falsa sensação de empregabilidade, inflação, importações (vazamentos). Por outro lado os estudos de impactos ambientais, sociais e culturais tendem a focar mais os custos inerentes ao desenvolvimento

turístico, mesmo sabendo que existem impactos positivos como: proteção de sítios naturais e recursos culturais, educação ambiental, elevação da auto-estima local etc. (STYNES, 1999; SINCLAIR, 1997; COOPER et al, 2001).

O grande desafio apontado pelos autores está em perceber as exigências do mundo globalizado que redefine o mercado de trabalho frente às mudanças, principalmente, em decorrência das novas tecnologias incorporadas ao processo de produção. Explicar esta nova realidade e criar estratégias para superar as contradições impostas existentes é o desafio que se apresenta para muitos pesquisadores.

STYNES (1999) ressalta a existência de uma grande variedade de métodos utilizados para o cálculo dos impactos econômicos de turismo. Estes vão desde as análises conjunturais, até a utilização de modelos matemáticos complexos. Estas análises são utilizadas como instrumentos de apoio a decisões relativas ao turismo, sejam referentes ao setor público, privado ou à comunidade. No entanto, esta diversidade de análises pode confundir os tomadores de decisão sobre as políticas públicas a serem adotadas para o turismo.

8 EMBASAMENTO TEÓRICO-METODOLÓGICO PARA ANÁLISE DAS MONOGRAFIAS:

8.1 A análise de conteúdo como recurso metodológico para a avaliação das monografias

O método de análise de conteúdo descrito por BARDIN (1977) e TRIVINÕS (1987) está composto por três fases, denominadas por BARDIN de:

- 1) pré-análise;
- 2) exploração do material e tratamento dos resultados;
- 3) inferência e interpretação.

TRIVINÕS denomina as três fases de: pré-análise, descrição analítica e interpretação inferencial. MINAYO (1998) as classifica como: pré análise, exploração do material, tratamento dos resultados e interpretação. RICHARDSON et al. (1999) propõem as fases citadas por BARDIN: pré-análise; exploração do material e tratamento os resultados; inferência e interpretação. As fases da análise de conteúdo e as atividades nelas incluídas estão representadas no mapa conceitual no APÊNDICE A.

O mapa conceitual é uma atividade proposta por MOREIRA & BUCHWEITZ (1987) com a função de representar, de maneira esquemática, a diferenciação progressiva dos conceitos tratados no assunto em estudo. Estes autores empregaram a teoria de aprendizagem significativa de AUSUBEL (1978) como marco referencial para seu trabalho sobre mapas conceituais a qual também serviu de guia para a nossa dissertação de mestrado.

8.1.1 Primeira fase

A pré-análise para os autores acima citados é a fase de organização do material. RICHARDSON et al. (1999) ressalta que esta fase é bastante flexível por permitir a eliminação, substituição e introdução de novos dados que possam contribuir para esclarecimentos do problema em estudo. Ela comporta atividades que aproximam o investigador da análise propriamente dita, como:

- 1 leitura flutuante;
- 2 escolha dos documentos;
- 3 formulação de hipóteses e objetivos;
- 4 referenciação dos índices e elaboração de indicadores; e
- 5 preparação do material.

a) A leitura flutuante

Tem por finalidade colocar o pesquisador em contacto com o material a ser analisado, levando-o a sondar o documento para deixar-se impregnar pelas impressões e orientações do conteúdo. Esta primeira atividade fornece ao pesquisador subsídios para formular os objetivos e as hipóteses e definir o *córpus* do trabalho. MINAYO (1998) lembra que existem duas formas de escolher os documentos:

- b) quando o trabalho é encomendado, é a instituição quem define os documentos e
- c) quando o pesquisador formula o problema e os objetivos, então deve escolher os documentos conforme esta orientação.

b) A escolha dos documentos

Num universo possível de documentos existentes sobre o assunto, o pesquisador escolhe aquele(s) suscetível(is) de fornecer as informações sobre o problema em estudo (BARDIN, 1977). Após a escolha do material, BARDIN (1977), TRIVINÕS (1987) e RICHARDSON et al (1999) chamam atenção para a quantidade e variedade de material disponível. Nesse momento é necessário estabelecer o *córpus* da investigação que é a especificação dos documentos que serão analisados. Esta atividade implica escolhas e substituições que devem ser pautadas em princípios, normas, regras, critérios para não comprometer o rigor científico da pesquisa. BARDIN (1977) e RICHARDSON et al (1999) dão relevo a quatro princípios: exaustividade (é não deixar de fora nenhum dos documentos que constituem o *córpus*); representatividade (o *córpus*, a amostra, deve ser um reflexo fiel dos documentos selecionados); homogeneidade (os documentos que constituem o corpus devem possuir as mesmas características) e adequação (os documentos selecionados devem proporcionar as informações adequadas aos objetivos da pesquisa).

c) A formulação de hipóteses e de objetivos

A hipótese é uma afirmação provisória que pretendemos examinar com os procedimentos da análise. É uma suposição subjetiva e intuitiva que direciona o raciocínio do pesquisador no entendimento dos dados; permanece em suspenso enquanto não for submetido à prova. Serve como orientação provisória para o raciocínio do pesquisador. O objetivo é aquilo se espera alcançar com os resultados obtidos.

d) A referenciação dos índices e a elaboração no e indicadores

A referenciação dos índices é entendida como o momento de indicar as unidades, ou núcleos de significados que serão buscados no discurso. Consiste em descrever como esses núcleos serão recortados no discurso dos sujeitos. O recorte pode ser feito levando-se em consideração o nível semântico (tema) ou lingüístico (frase). Indicador é o recurso utilizado na quantificação das unidades de significado, cita-se como exemplo a freqüência. Este indicador determina a freqüência com que certas palavras, expressões, temas aparecem no discurso, o que pode ter um significado especial para quem utiliza tal ferramenta.

e) A preparação do material

A última atividade da pré-análise é a preparação do material e consiste em organizar o material para facilitar a percepção dos temas (índices) abordados nos discursos dos sujeitos. Preparar ou tratar o material é codificá-lo. A codificação corresponde a uma transformação dos dados brutos dos discursos em unidades que funcionam como índices, os quais permitem a representação do conteúdo.

8.1.2 A segunda fase

Na fase de exploração do material, os documentos que constituem o corpus são submetidos a um estudo aprofundado, baseado em princípios, hipóteses e referenciais teóricos. Esta fase requer uma série de atividades que os autores consultados afirmam que são longas e fastidiosas, consistem em operações de codificação, enumeração e categorização. O discurso pode ser classificado ou decomposto em unidades mais abrangentes (unidades de contexto) e unidades específicas (unidades de registro).

A codificação corresponde a uma transformação dos dados brutos, por recorte, agregação e enumeração, em unidades de registro. Essas unidades devem representar o conteúdo significativo e refletir todas as características pertinentes ao conteúdo. As unidades de registro representam unidades de significação a serem codificadas, são unidades bases que permitem a categorização e a contagem freqüencial, por exemplo.

As unidades de registro podem ser de natureza (lingüística, psicológica), de extensão (palavra, palavra-chave, frase) e variáveis. Estabelecer as unidades de contexto é fazer uma referência aos aspectos mais abrangentes do contexto no qual as unidades de registro aparecem. Ocorre por exemplo, quando as unidades de registro refletem uma ideologia, uma crença ou uma classe social.

Neste trabalho, a unidade de registro será o tema. BERELSON apud BARDIN (1977) define tema como sendo uma afirmação sobre um assunto. As unidades de registro podem ser reunidas em classes (categorias) sob um título genérico, de acordo com critérios preestabelecidos (hipóteses). Categoria é um conceito que abrange elementos ou aspectos que possuem as mesmas características.

As categorias refletem uma classificação dos elementos do discurso em razão das características destes elementos. Uma classe reúne expressões dos sujeitos que exprimem o mesmo significado. O critério para organizar as categorias pode ser semântico (tema), léxico (segundo o sentido) e expressivo (perturbações da linguagem). Classificar em categorias impõe a investigação do que cada unidade de registro tem em comum com as outras. O que realmente permite seu agrupamento é a parte comum existente entre os temas.

A categorização tem por objetivo oferecer, por condensação, uma representação simplificada dos dados brutos, sem introduzir desvios. Um conjunto de categorias deve possuir qualidades como: exclusão mútua (cada tema deve pertencer unicamente a uma categoria), homogeneidade (um único princípio de classificação deve orientar sua organização), pertinência (quando está coerente com o quadro teórico definido), objetividade e fidelidade (quando as variáveis que determinam a entrada de cada elemento em dada categoria estão definidas), produtividade (quando fornece índices férteis para a inferência).

8.1.3 A terceira fase

Tratamento dos resultados é o momento para submeter os resultados obtidos ao tratamento estatístico e da interpretação. Para Richardson et al. (1999), a análise de conteúdo visa a um tratamento quantitativo, com o apoio da estatística que não exclui a interpretação qualitativa.

BARDIN (1977) e RICHARDSON et al. (1999), afirmam que nesta fase os dados obtidos transformados em unidades de registro são submetidos a operações estatísticas desde as mais simples, como frequência e percentagem, até as mais complexas, como a análise fatorial. Estas operações permitem a organização de quadros, diagramas, figuras e modelos que condensam e põem em relevo as informações fornecidas pelas etapas anteriores. O pesquisador perante esses resultados pode fazer inferências e adiantar interpretações a respeito do problema, hipótese e objetivos.

TRIVINÓS (1987) chama atenção para a importância da análise de conteúdo o qual pode ir além dos conteúdos manifestos nos documentos. O pesquisador deve aprofundar sua análise desvendando o conteúdo latente dos dados. O autor enfatiza que análise quantitativa apenas oferece uma visão estática de realidades negativas do indivíduo ou da sociedade, enquanto que a análise qualitativa é dinâmica e permite descobrir ideologias e tendências vinculadas às informações levantadas. Enumerado e categorizado pode ser analisado sob o enfoque de outras dimensões teóricas e com diferentes técnicas, como a análise categorial, a análise da avaliação, a análise da enunciação, a análise da expressão, a análise das relações e a análise do discurso (BARDIN,1977; TRIVINÓS, 1987; RICHARDSON et al., 1999).

8.2 Caminhos Metodológicos: Delineamento do Estudo

Indubitavelmente quando trabalhamos sobre a análise da problemática epistemológica de produções científicas desenvolvidas, há que se considerar o contexto histórico de cada paradigma envolvido, bem como seus nexos, alcances, limites e influências na pesquisa científica. Como ponto de partida primamos pela compreensão do termo “paradigma” e suas implicações históricas e epistemológicas no “fazer” e “pensar” científicos e num segundo momento procuramos sistematizar as determinações históricas no processo das tendências paradigmáticas e sua relação com a investigação científica.

Em muitas pesquisas científicas quando há referências ao conceito de “paradigma”, a recorrência quase imediata é à pessoa de Thomas Kuhn, que o definiu como conjunto de atributos, técnicas, valores, modelos ou padrões partilhados por membros de uma comunidade científica e essa por sua vez, estruturada por homens “que partilham um paradigma” (KUHN, 1987, p.218-219).

HENRIQUES (1993, p. 182) aceita o conceito kuhniano de paradigma como modelo, padrão ou valores, desde que entendido como uma *“aquisição a que se chega no processo de desenvolvimento de uma ciência, e que, simultaneamente, inclui uma teoria e aplicação desta aos resultados das experiências e das observações”*. Essa *“aquisição”* é decorrente para além dos métodos e técnicas utilizadas (e vice versa), isto é, se processa a medida em que o investigador define o seu objetivo em relação ao objeto pesquisado e considera *“as exigências da situação da investigação”* que esse trará, ao mesmo tempo que se tornando sujeito recorrente e conseqüentemente partícipe do processo de investigação . A partir

dessa referência, entendemos “paradigma” como uma ou mais linhas diretrizes que orientam o investigador no processo de desvelamento do objeto de estudo, o que requererá dele compromisso dialógico com aquele, de tal forma que a recorrência entre ambos seja sempre legitimada e garantida.

FILSTEAD (1986, p.61), entende um paradigma como um modo de considerar determinado fenômeno, esclarecendo-o e/ou identificando-o como existente e aponta que a sua utilização:

“1) serve como guia para os profissionais de uma determinada Disciplina, porque indica quais são os problemas e questões importantes que esta enfrenta;

2) orienta o desenvolvimento de um esquema esclarecedor (modelos e teorias) que possam situar estas questões e problemas num referencial possível de serem resolvidos por um profissional;

3) estabelece os critérios para o uso de ‘ferramentas’ apropriadas (metodologias, instrumentos, tipos e formas de coleta de dados) na resolução dos problemas levantados;

4) proporciona uma epistemologia na qual as tarefas precedentes possam ser consideradas como princípios organizadores para a realização do ‘trabalho normal’ de uma disciplina.”

8.3 Fundamentação Histórica e Epistemológica do Paradigma Quantitativo

A partir dos séculos XV e XVI a credibilidade investida na ciência, patamarizou e fortaleceu-a como forma essencial para se compreender o mundo. Daí a conclusão de Bacon “vejo porque o experimento”, sintetizando o cerne do realismo e do positivismo lógico que ocupariam abrangente posição na investigação científica nos séculos posteriores (FILSTEAD, 1986, p.61-62), assim, através dessa “fé” na ciência é que a visão positivista nasce e esparrama seu conteúdo baseado na objetividade do mundo dos fatos, que tem como instrumento maior a quantificação, a mensurabilidade na investigação científica, portanto, a fundamentação histórica do paradigma quantitativo centra-se, indubitavelmente nas raízes do *positivismo*, o que nos impulsiona a abordá-las brevemente por sua importância na contextualização histórica do nosso objeto de estudo.

Anterior ao positivismo comteano, destacam-se Condorcet (Séc. XVIII) que foi “o primeiro a avançar na idéia de uma ciência natural da sociedade, objetiva e livre de preconceitos” (LÖWY, 1995, p.38) e depois o seu discípulo Saint-Simon, o primeiro estudioso a “utilizar o termo *positivo* aplicado à ciência: ciência positiva” que

além de concordar com seu mestre, cria que certos setores da sociedade (classes sociais; especificamente a aristocracia e o clero) eram “parasitas” dentro do organismo social, que deveriam ser enfrentados para que a “fisiologia” desse se efetuassem de maneira completamente satisfatória. Notamos, portanto, que tanto para Condorcet, quanto para Saint-Simon a “ciência natural da sociedade” não deveria estar conivente com as influências sociais dominantes (política e religião), pois, a permissão dessas no contexto social seria a continuidade do mal funcionamento ou ruína do organismo social.

Augusto Comte (Séc. XIX), considerado o “Pai da Sociologia”, colaborador e amigo de Saint-Simon, concordava com esse e com Condorcet sobre a imprescindibilidade. Para Condorcet, os preconceitos eram “dogmas irracionais”; dogma político ou religioso. O pensamento e o conhecimento social só seriam libertos destes, se não fossem considerados no seu processo.

Augusto Comte nasceu em Montpellier, França, em 19 de janeiro de 1798. Entre suas obras mais conhecidas destacam-se *Planos de Trabalhos Científicos Necessários Para Organizar a Sociedade*, publicado em 1822; a obra que marca as características diretrizes das idéias positivistas: *Curso de Filosofia Positiva* (1830-1842) e de uma ciência natural aplicada à sociedade, seu desacordo, entretanto, residia na postura negativista de seus precursores, isto é, não concordava com a crítica que faziam às autoridades “socialmente constituídas”, uma vez que essas compunham o corpo organizacional da sociedade e esse (corpo) não funcionaria a contento se algumas de suas partes fossem eliminadas ou substituídas ou mesmo criticadas negativamente.

A sociologia emergente do século XIX comparava a sociedade a um organismo vivo e como tal era “constituído de partes integradas e coesas e que funcionavam harmonicamente, segundo um modelo físico ou mecânico; por isso o positivismo foi chamado também de organicismo” (COSTA, 1987, p.43).

A filosofia positivista básica de Comte era centralizada na lei dos três estados, a saber: o teológico, o metafísico e o positivo relacionando-a ao desenvolvimento do organismo humano, ou seja, o teológico correspondia a infância (o estado em que o conhecimento humano começava a dar os primeiros passos), a metafísica correspondia a adolescência (depois da primeira fase, o equilíbrio cognoscente e gnoseológico se expande, mas ainda não em sua plenitude) e o positivo, a maturidade (caracterizado pela lucidez e amadurecimento do

conhecimento) e todo povo, toda sociedade, cada indivíduo passava inquestionavelmente por esses três estados, dada a sua natureza inalienável. Três momentos são distinguíveis no desenvolvimento do positivismo e que contribuíram para uma visão de mundo através de fatos observáveis, apontando o que seria, a posteriori, a tradição na pesquisa científica:

1º) O *positivismo clássico* representado pelo *Sistema de Política Positiva ou Tratado de Sociologia que Institui a Religião da Humanidade* (1851-1854). (Ver ABBAGNANO & VISALBERGHI, 1995, p.536 ABBAGNANO (1970: 308) declara que o *empírio-criticismo* apregoado por Avenarius e Mach, também chamado de “a filosofia da experiência pura”, tinha como premissa básica que a “experiência pura precede a distinção entre o físico e o psíquico”, portanto distancia-se do 2º estado (a metafísica) de Comte; os elementos que compõem a experiência pura são as sensações e toda e qualquer “coisa” ou “pensamento” são formados por um complexo de diversas sensações. O *neopositivismo*, também chamado positivismo lógico, próprio Comte, Littré, Spencer (teoria geral da evolução humana, advinda do evolucionismo biológico de Darwin), Mill e Durkheim;

2º) O *empírio-criticismo* por Avenarius e Mach; e

3º) O *neopositivismo* por Carnap, Schlick, Frank, Neurath, o atomismo lógico de Russel e Wittgenstein, Watson, Skinner e outros (TRIVIÑOS, 1987, p. 33).

Compreenderemos mais amplamente o contexto da investigação científica do século XIX, recorrendo a DRÈZE & DEBELLE (1983, p.50), que escrevendo sobre as “*Concepções da Universidade*”, inclusive através dos escritos de Karl Jaspers, focalizam a realidade do “fazer científico”, de então:

“(...) a ciência tem seus limites; ela só tem alcance sobre fatos, procede por descobertas particulares, não esclarece a conduta moral; não pode, sozinha, apreender a verdade em sua totalidade. Por outro lado, a ciência é incapaz de definir, ela mesma, sua própria significação; pode então estar mal orientada e se tornar estéril; será, particularmente o caso, se lhe atribuírem um papel utilitário, dando ênfase somente aos resultados imediatos; ou se, ao contrário, fizermos da ciência um fim em si, insistindo, unicamente, sobre os aspectos formais da descoberta”.

TRIVIÑOS(1987, p.36-39) de forma geral, seleciona doze características fundamentais do positivismo que dão sustentação à essa concepção filosófica:

1) a realidade é composta por *partes isoladas*, cada parte, embora complementasse o “organismo social”, era separada, não transformando a posterior por causa de sua fixidez;

2) não existe outra realidade a não ser a dos fatos, e esses sempre passíveis de observação; preconiza que “só é compreensível e possui sentido aquilo que pode comprovar-se pela experiência”, novamente a metafísica é criticada tenazmente, considerada “desprovida de sentido” , pois tanto suas “questões” quanto as suas “formulas são baseadas em equívocos da lógica da linguagem (BRUGGER, 1977, p. 323-324).

A contribuição principal de John Stuart Mill foi à lei da uniformidade da natureza e a lei da causação, resumindo sua idéia, cada evento da natureza tem uma causa, um ponto originador deste, e a causa de qualquer evento é o evento imediato que o antecedeu e a principal contribuição de Durkheim foi encarar os fatos sociais como coisas, objetos do conhecimento, não devendo repousar sobre estes, envolvimento emocional ou atitudes pré-concebidas.

É relevante considerarmos aqui a posição de BRUYNE (s.d, p.136) quanto ao quadro positivista relativo a esta assertiva, uma vez que para ele “a posição epistemológica de base do positivismo é a recusa da apreensão imediata da realidade, da compreensão subjetiva dos fenômenos, da pesquisa intuitiva de suas essências;

3) Somente através dos fatos observáveis é que as *relações* entre as coisas podem se efetuar, inexistindo o *porquê*, mas estabelecendo-se o *como*, as relações entre os fatos são produzidas, a ciência deve ser objetiva;

4) o conhecimento científico deve ser neutro, a influência humana não pode, nem deve alterá-lo;

5) o positivismo rejeita tudo que está além do físico, portanto, o investigador positivista não aceita o conhecimento metafísico;

6) o *princípio da verificação* deve ser o agente norteador da investigação científica, será aceito como verdadeiro o que é empiricamente verificável;

7) os mesmos métodos que eram utilizados no estudo das ciências naturais, deveriam ser empregados para o estudo das ciências sociais (*unidade metodológica*);

8) emprego do termo *variável* possibilitando a quantificação dos dados (mensurabilidade das relações entre os fenômenos, teste de hipóteses, estabelecimento de generalizações, etc.);

9) toda a produção científica deveria ser expressa na linguagem da física, sendo essa considerada uma linguagem única (*fisicalismo*), a não utilização dessa, não era digna de confiabilidade;

10) discordância do postulado kantiano do conhecimento “a priori”, aceitam como fidedigno somente o conhecimento “a posteriori”, advindo da percepção sensorial;

11) os fatos eram objeto de estudo da ciência, mas os valores não o poderiam ser, pois eram apenas expressões culturais, impossíveis de serem mensuradas; e

12) há somente dois tipos de conhecimentos autênticos e fidedignos: o empírico (achados e experimentados pela ciência natural) e o lógico (representados pela lógica e a matemática).

LÖWY (1988, p.17), sintetiza as premissas positivistas num “tripé” bem definido:

1) as leis que regem a sociedade são invariáveis, pois, são leis naturais que atuam na sociedade (entendida essa como inserida num constante estado de harmonia natural) e que não são dependentes da “vontade e ação humanas”;

2) a sociedade deve ser estudada através dos mesmos métodos empregados nas ciências naturais e

3) a limitação da ciência da sociedade dá-se através da mesma perspectiva das ciências naturais, isto é, realiza-se unicamente através da observação e explicação dos fenômenos de forma objetiva e neutra; determina-se os fenômenos que ocorrem no todo pelas propriedades características do todo, o complexo pelo complexo, os fatos sociais pela sociedade...

BRUYNE, (s.d., p.83) afirma que a “quantificação” no modelo positivista deveria permitir obter uma medida fiel (permanecendo constante), discriminante (distinção entre os indicadores, dados brutos) e válida (em vias de testes os resultados não poderiam ser alterados) abstendo-se de todo e qualquer evento valorativo. Essa “forma objetiva” do fazer científico é caracterizada pela “quantificação e à análise estatística”, uma vez que essas destacam “com maior precisão os diversos tipos de correlações entre as variáveis e dá à exposição um rigor e uma clareza específicos (BRUYNE, s.d., p.139).

O conhecimento ou a forma de gerá-lo é visto como sinônimo de quantificação e “o rigor científico afere-se pelo rigor das medições” (SOUZA SANTOS, 1996, p.15), característico do positivismo do séc. XIX, culminando em que:

“As qualidades intrínsecas do objeto são, por assim dizer, desqualificadas e em seu lugar passam a imperar as quantidades em que eventualmente se podem traduzir. O que não é quantificável é cientificamente irrelevante (...). Conhecer significa dividir e classificar para depois poder determinar relações sistemáticas entre o que se separou” (Ibidem).

Influenciando todo tipo de conhecimento convencional, a pesquisa quantitativa, advinda da essência filosófica positivista, adentrou também o campo educacional, tratando-o como um fenômeno físico, passível de isolamento de suas variáveis para verificação e constatação da influência dessas sobre aquele (LÜDKE & ANDRÉ, 1986, p. 3). A partir de então, a mensurabilidade através de tratamentos estatísticos e matemático na investigação educacional ganhou tal relevância onde:

“A própria noção de variável como dimensão quantificável do fenômeno teve, e ainda tem, grande destaque nos livros de metodologia de pesquisa (...), indicando claramente o tipo de colocações básicas de princípios que orientam a abordagem que tanto tempo predominou nas pesquisas educacionais. Durante muito tempo se acreditou na possibilidade de decompor os fenômenos educacionais em suas variáveis básicas, cujo estudo analítico, e se possível quantitativo, levaria ao conhecimento total desses fenômenos” (Ibidem).

FILSTEAD (1986, p. 64-65) declara que os questionários e entrevistas estruturadas, como procedimentos determinados, são os instrumentos mais utilizados para a coleta dos dados que serão operacionalizados quantitativamente e acrescenta que “...com freqüência [o paradigma quantitativo] emprega um ‘grupo de controle’ com o fim de avaliar o impacto da não intervenção na pesquisa. O objetivo é descobrir, verificar ou identificar relações causais de um esquema teórico prévio” (colchetes nosso).

Desde o seu nascimento através do positivismo, o paradigma quantitativo dominou durante muito tempo os meios acadêmicos como a mais perene expressão da verdade do “fazer científico”, pois essa era a realidade “revelada”. E a justificativa para essa postura quanto à sua natureza, fundamentava-se na visão de mundo de que:

“(...) em sentido pleno, constitui uma ligação entre a operacionalização das hipóteses e a coleta das informações; submete nesse caso, o conjunto da pesquisa às suas exigências

metodológicas. Ela impõe uma ordem ao universo semântico do discurso e o reduz a um universo simbólico de números. Autoriza, então, a comparabilidade numérica e a aplicação de métodos de tratamento quantitativos. A quantificação consiste na atribuição a dimensões, a propriedades ou qualidades de certos conceitos, de uma ordem de natureza classificatória, serial, quase-serial ou métrica” (Ibidem, p.80-81).

A forma de fazer e entender a ciência da sociedade sob o prisma positivista, causou tamanho impacto na investigação científica que, mesmo hoje, na virada do século XX para desse contexto LÜDKE & ANDRÉ (1986, p.4) denunciam que:

“Outra característica típica desta abordagem, que predominava entre as ciências educacionais até bem pouco tempo atrás, era a crença numa perfeita separação entre o sujeito da pesquisa, o pesquisador e o objeto de estudo. Acreditava-se então que em sua atividade investigativa, o pesquisador deveria manter-se o mais separado possível do objeto que estava estudando, para que suas idéias, valores e preferências não influenciassem o seu ato de conhecer. Assim se procuraria garantir uma perfeita objetividade, isto é, os fatos, os dados se apresentariam tais quais são, em sua realidade evidente. O conhecimento se faria de maneira imediata e transparente aos olhos do pesquisador.”

Em defesa da quantificação, BRUYNE (s.d., p.28) acredita que se a objetividade não for assegurada no contexto da investigação científica, essa estará à mercê de PEREIRA (1995, p.116-117) , explica que, do ponto de vista positivista, para que um dado objeto de estudo fosse considerado autenticamente “científico” deveria imprescindivelmente seguir os princípios da objetividade, da quantificação, da fragmentação, da previsibilidade da separação e o distanciamento entre o sujeito e o objeto “determinações e coerções exteriores à prática científica” , perdendo o controle e o rigor científicos; e complementa sua linha de raciocínio:

“Determinados tipos de pesquisa, cujo objetivo primeiro não é o conhecimento, a explicação, mas a descrição e a transformação de situações existentes, obedecem a normas externas à prática científica, cuja dominância destrói o princípio da autonomia da pesquisa. Os aspectos epistemológicos e teóricos serão então negligenciados em proveito apenas das manipulações técnicas, com intuito diretamente pragmático e às vezes terapêutico” (Ibidem, p. 29).

Concordando com BRUYNE, mas de forma reticente, SOUZA (1995, p.80), sobre a importância da quantificação, afirma que:

“(...) os modelos matemáticos e as técnicas de elaboração de indicadores e de análise estatística não representam tudo, mas são indispensáveis. Os métodos quantitativos são instrumentos importantes de análise, avaliação e planejamento, o seu uso permite que se efetue estudo de natureza qualitativa, à luz dos modelos quantitativos levantados (...).

SOUZA é a favor que, embora a chama do debate quantidade-qualidade deva permanecer acesa, cada opção paradigmática possui alcances e limites

específicos, como exemplificação, cita que, mesmo ocorrendo críticas à abordagem quantitativa, essas não anulam *“sua utilização; ao contrário, aponta apenas seus limites. No caso, o quantitativo constitui o ponto de partida; apenas isto (p. 80).”*

E nisto está o seu limite e ao mesmo tempo sua importância. Ignorá-la, omiti-la, descartá-la, implica empobrecer a visão e o entendimento do que se busca conhecer melhor.

Creemos que se essa influência é presente, relevando as suas limitações, a sua utilidade é necessária, no entanto, situando-a num contexto de colaboração com o labor científico e nunca como o “paradigma da verdade absoluta”, mas, como uma parte do todo em processo, dito de outra forma, como uma parte que está no todo que está na parte e essa interconexão e transpenetração deverá ir se construindo à medida em que novos conhecimentos são desvelados, quer por inovação, quer por reação aos conhecimentos já existentes.

8.4 Fundamentação Histórica e Epistemológica do Paradigma Qualitativo

Para que a abordagem qualitativa chegasse ao que representa hoje, foi necessário um bem embasado e forte, embora paulatino, desenvolvimento dentro de um processo e debates nos meios acadêmicos. Antes de discorrermos propriamente sobre o paradigma qualitativo e sua fundamentação histórica, necessário se faz analisarmos alguns conceitos sobre o entendimento do termo “qualidade” (aplicada à pesquisa) e suas implicações.

DENZIN & LINCOLN (1994, p.4) entendem qualidade na pesquisa científica como uma ênfase sobre os processos e significados que não necessitam ser rigorosamente examinados ou mensurados dado ao seu caráter de natureza valorativa a sua argumentação baseia-se em que *“(...) pesquisadores qualitativos se interessam pela natureza da realidade dos constructos sociais; pela íntima relação entre o pesquisador, o objeto de estudo e a restrição situacional que forma (que dá corpo) ao questionamento. Tais pesquisadores enfatizam o valor contido na natureza dos questionamentos. Eles procuram responder questões importantes; como a experiência social é criada e como lhe é dado significado. Em contraste, os estudos quantitativos enfatizam a mensuração e a análise das relações causais entre variáveis, não o processo...”*

Para SOBRINHO (1995, p.48), *“as noções de qualidade variam no tempo e no espaço e nas diversas formações intersubjetivas”*, isto é, por mais que existam diversificadas formas de entender a qualidade no que tange à investigação científica,

essas sempre implicarão *“escolha, portanto, comparação dentro de um sistema de valores de caráter inegavelmente político, ideológico e cultural”*, assim, a consideração desses sistemas de valores oscilará mediante essa aplicação, propiciando, em contextos específicos, uma nova concepção de qualidade.

Enquanto os valores individuais, portanto, subjetivos são desprezados na pesquisa quantitativa, que centra sua atenção na objetividade, nos fatos palpáveis, o mesmo não ocorre quando se trata da pesquisa qualitativa.

O valor na pesquisa qualitativa é definido por GRINSPUN (1994, p.230), como uma categoria ontológica, distanciando-o de uma objetividade natural e entendendo-o como uma objetividade social, uma vez que *“perpassa a própria condição individual, indo buscar sua interpretação no meio social”*, dessa maneira, *“toda a história da sociedade e do próprio sujeito é importante para compreendermos os significados dos valores”* e por consequência priorizarmos a qualidade na visão de escolha, exposta por SOBRINHO (1995).

Para FRANCO (1995, p.123) não é possível definir em termos absolutos o conceito de qualidade por esse ser historicamente produzido e pressupor: *“(...) uma análise processual, uma dinâmica, a recuperação do específico e o respeito às condições conjunturais. É, pois, um conceito fixado a partir de um arbitrário sociocultural e orientado por diferentes expectativas que incorporam demandas diversificadas e mutáveis ao longo dos tempos. Além disso, não é um conceito neutro. Ao contrário, reflete um posicionamento político e ideológico perceptível, seja para a definição da qualidade do ensino, seja para o encaminhamento de propostas que se corporificam na explicitação de seus indicadores”*.

PEREIRA (1995, p.118) enfatiza que na pesquisa científica a rigorosidade não prende-se mais ao padrão unilateral da *“exacerbação da objetividade, da neutralidade”* e do que é numericamente quantificável ou previsível..., mas é *dúnamai (dunamai – ser capaz, ter poder inerente)* para *“reconhecer que o atípico, o inédito, o irregular, o local, tem muitos subsídios a oferecer para a pesquisa científica”*.

Dentre as características tidas como “os pilares” da qualidade ou do paradigma qualitativo destacam-se:

- 1) o fundamento humanista;
- 2) percepção da vida social como a criatividade compartilhada pelos indivíduos;

3) permite a interação social;
 4) encara o mundo social como sempre dinâmico; e
 5) o mundo não é uma força exterior independente do homem; 6) os indivíduos são sujeitos ativos na construção de sua própria realidade e, portanto, da realidade social; o mundo social é entendido num desenvolvimento contínuo de conceitos e teorias.

ERICKSON (1977: 61) citado por FILSTEAD, 1986, p. 62-63, afirma que:

“A investigação qualitativa faz melhor, como essência, é descrever incidentes chaves em termos descritivos funcionalmente relevantes e situá-los numa determinada relação com o mais amplo contexto social; empregando o incidente chave como um exemplo concreto do funcionamento de princípios abstratos de organização social [pois] o enfoque quantitativo não consegue isso” (Ibidem, 1986, p.64 – colchetes nosso).

BOGDAN & BIKLEN (1994, p.4) observam que a pesquisa qualitativa é obstruída em seu andamento, por causa das “resistências acadêmicas e disciplinadoras” de uma política ainda conivente com a tradição quantitativista e que denigrem os pesquisadores qualitativos declarando-os como jornalistas ou cientistas superficiais; o trabalho desses é visto como “não científico e repleto de tendenciosidade”. Não compreendem que *“Os dados recolhidos (...) designados por qualitativos, (...) significa ricos em pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas, e de complexo tratamento estatístico. As questões a investigar não se estabelecem mediante a operacionalização de variáveis; sendo, outrossim formuladas com o objetivo de investigar os fenômenos em toda a sua complexidade e em seu contexto natural” (Ibidem, p. 16).*

Diferentemente do investigador quantitativo o *investigador qualitativo* *prefere que a teoria* aplicada ao seu objeto de estudo emerja dos próprios dados coletados, o que favorecerá uma melhor compreensão desses, dando sentido às realidades sociais. Segundo FILSTEAD, 1986, p.65:

“Ao desenvolver as explicações do fenômeno, o investigador qualitativo tende a empregar ‘conceitos sensíveis’ (conceitos que captam o significado dos acontecimentos e empregam descrições dos mesmos para esclarecer as múltiplas faces do conceito, Blumer, 1969), sendo mais do que definições operacionais (...) As técnicas de obtenção de dados tipicamente empregados são a observação participante, a entrevista em profundidade e a entrevista não estruturada ou semi estruturada” (Ibidem, p. 66).

Entretanto, por mais que os investigadores quantitativos considerem a pesquisa qualitativa como simplesmente especulativa, “não científica”; inquestionavelmente ela “tem um embasamento¹⁶ epistemológico”, pressupondo

“uma compreensão do que é a subjetividade e seu alcance em termos de poder do conhecimento” (SEVERINO, 1996, p.33).

Vemos, portanto, que a qualidade assume um caráter imanente, ou seja, do indivíduo que constrói sua história para a história que é construída por ele e não transcendente como pretendem os defensores da pesquisa quantitativa.

DENZIN & LINCOLN (1994, p. 7-11), centram e dividem a história da pesquisa qualitativa a partir do século XX em cinco momentos específicos, nomeando-os respectivamente: 1º) Período Tradicional; 2º) A Fase Modernista; 3º) Gêneros Borrados (Blurred Genres); 4º) Crise de Representação e 5º) “O Quinto Momento”.

BOGDAN & BIKLEN (1994), concordam que a história da pesquisa qualitativa esteja dividida em cinco períodos, no entanto, além de remontar sua origem a partir do final do século XIX, dividem-na em intervalos diferenciados daqueles propostos por DENZIN & LINCOLN, a saber: 1º) Século XIX aos anos trinta; 2º) Anos trinta aos anos cinquenta; 3º) Anos sessenta; 4º) Anos setenta e 5º) Anos oitenta e noventa.

Contrastaremos as posições dos autores supra citados, buscando pontos de convergência para uma compreensão mais proximal do contexto histórico do paradigma qualitativo e suas implicações para o que conhecemos como pesquisa qualitativa. Apreciaremos melhor as abordagens efetuadas pelos autores, considerando os cinco períodos levantados, que a partir de agora denominaremos respectivamente: primeira fase; segunda fase; terceira fase; quarta fase e quinta fase histórica da pesquisa qualitativa.

8.4.1 Primeira fase

DENZIN & LINCOLN (1994, p.7) denominam o primeiro momento da pesquisa qualitativa como *período tradicional* (início do século XX até a II guerra mundial). Esse período é marcado pelo predomínio da etnografia, cujo principal precursor foi Bronislaw Kasper Malinowski, descrevendo, através de narrativas, suas experiências em contato com o povo nativo da Nova Guiné e das Ilhas Trobriand nos respectivos anos de 1914–1915 e 1917–1918. Quanto a esse momento histórico COSTA (1987, p.93), lembra que o funcionalismo era a escola do pensamento antropológico de então e quanto ao “precursor da etnografia” afirma que:

“Malinowski foi o primeiro a captar e a expor uma visão integral do modo de vida de um povo “estranho, graças a seu conhecimento da

língua nativa e sua arguta observação de todos os aspectos da vida trobriandesa, desde as grandes cerimônias aos fatos singelos da vida”.

DENZIN & LINCOLN (1994, p.7) lembram que embora a emergente pesquisa qualitativa do século XX estivesse baseada em narrativas, relatos de experiências de seu precursor, suas raízes ainda estavam fincadas no “objetivismo”, característica norteadora da ciência positivista, onde o objeto de estudo (o outro), era considerado “estranho” à pesquisa.

Dessa maneira percebemos que o investigador não se comprometia com o objeto de estudo, via-o tão somente como espectador, patenteando sua “neutralidade científica”, garantindo resultados precisos, não estranhos às observações efetuadas. VIDICH & LYMAN (1994, p.30-32), asseguram que nos Estados Unidos a etnografia, como parte da antropologia cultural, nesse período, centrou-se inicialmente nos nativos americanos (índios, tidos como povos “primitivos”) e a posteriori ao estudo dos imigrantes europeus, asiáticos e negros, avaliando densidade demográfica, raça e relações étnicas.

Não raras vezes saía o pesquisador qualitativo do seu local de origem a fim de efetuar suas pesquisas, ao encontrar seu objeto de estudo analisava com objetividade a composição da comunidade selecionada, seus usos e costumes, sem inferências no transcurso do mesmo.

Ao pesquisador que assim procedia ROSALDO (1989), *apud* DENZIN & LINCOLN (1994), o descreve como o “etnógrafo solitário”. Foi a partir da crença no mito do “etnógrafo solitário” que se originou a etnografia clássica. Portanto, nesse primeiro período a pesquisa qualitativa fundamentava-se na etnografia, cuja linguagem do pesquisador ao escrever seus livros ou resultados de suas pesquisas, objetivava atingir outros pesquisadores ou a classe erudita.

Com ênfase em história de vida e porções-da-vida (slice-of-life), a escola de Chicago desenvolve uma metodologia interpretativa, fundamentada nas narrativas das mesmas, abstendo-se gradualmente do “objetivismo” empregado na emergente etnografia clássica. Com o advento da escola de Chicago, o pesquisador como autor, muda o seu público alvo quanto aos resultados de suas pesquisas, em outras palavras, produzia textos na linguagem do povo, caracterizados pelo realismo social, naturalismo e histórias de vida.

Como representantes desse período podemos citar entre outros: Malinowski, Radcliffe-Brown, Margaret Mead e Gregory Bateson. BOGDAN &

BIKLEN (1994, p. 20) não têm a preocupação com nomenclaturas dos períodos históricos da investigação qualitativa, simplesmente os caracterizam por intervalos, abrangendo “o todo” do contexto histórico do final do século XIX até os anos noventa.

Caracterizam o primeiro período partindo do final do século XIX até os anos trinta, onde o estudo dos problemas sociais tais como a urbanização, a pobreza, a imigração, condições de vida dos trabalhadores, comunidades negras, etc; eram a tônica principal.

Cabe destacar dessa época, o nome do francês Frederick LePlay, que estudando famílias pobres no final do século XIX (o fruto do seu trabalho deu origem a obra “*Lês Ouvriers Europeans*”, publicada em 1879), procurou descrever detalhadamente as condições e relações de vida das mesmas, denominando seu método simplesmente de *observação* tido como *observação participante* a partir da década de trinta, ao que, a posteriori, como indica BRANDÃO (1987) contribuiu para o surgimento da pesquisa participante.

BOGDAN & BIKLEN (1994, p.22-26), destacam ainda a pessoa de W.E.B. Du Bois com a obra “*The Philadelphia Negro*”, caracterizada por um trabalho investigativo das condições de vida da comunidade negra em Filadélfia nos Estados Unidos (ano de 1899), aludem Margaret Mead como “*possivelmente a primeira a fazer uma aplicação concreta da antropologia à educação*”; destacam também o trabalho de Franz Boas e Nina Vandewalker, que desenvolvem o estudo da antropologia articulada à educação – ano de 1898, mas, chamam a atenção para Robert Redfield, como um dos principais expoentes no desenvolvimento do método qualitativo, principalmente no que concerne à pesquisa de campo sobre as comunidades que selecionava para estudo. Concordam também com a importância do trabalho de Malinowski, sem se deterem na possibilidade de ter sido ele o iniciador da pesquisa qualitativa. Quanto à escola de Chicago (anos 20), BOGDAN & BIKLEN (1994, p.27-28) concordam com DENZIN & LINCOLN (1994) sobre sua importância como marco referencial para o desenvolvimento da pesquisa qualitativa e acrescentam que nessa escola, na pessoa de “*Robert Park teve-se um exemplo de um motivador da pesquisa de campo, pois encorajava seus alunos da pós-graduação a estudarem exaustivamente as comunidades particulares, estabelecendo diretas abordagens interacionistas das realidades estudadas e suas relações sociais*”.

Apesar de ser um “marco referencial” para a recém emersa pesquisa qualitativa, a escola de Chicago ainda estava ligada aos modelos positivistas, como observam BOGDAN & BIKLEN (1994, p.30):

“À medida que os educadores foram aumentando sua preocupação com a mensuração, quantificação e predição; as estratégias qualitativas, tais como a ‘investigação em primeira mão’, a utilização de documentos pessoais, e a preocupação do investigador de campo com o contexto social, tornaram-se menos relevantes para os educadores” (Peters, 1937).

O motivo do não desprendimento total do antigo modelo deu-se em virtude da psicologia dominar a investigação educacional de então, minando os campos da sociologia que juntamente com àquela utilizava os métodos experimentalistas . Mas os primeiros passos estavam sendo dados rumo à uma investigação “antiquantitativa”, embora empírica, através da pessoa de Willard Waller, que acreditava que a investigação da sociologia em educação deveria se processar “num contato direto com o mundo social” estabelecendo “relações entre as partes e o todo” e vice-versa (Ibidem).

8.4.2 Segunda fase

Esse segundo momento da história DENZIN & LINCOLN (1994, p.8) caracterizam como *fase modernista* (pós II guerra mundial aos anos 70), da pesquisa qualitativa no século XX, que surge a partir dos trabalhos desenvolvidos no primeiro período (tradicional).

Caracteriza-se por estudos qualitativos de importantes processos sociais, incluindo temas como controle social na sala de aula e na sociedade. Além da etnografia e dos primeiros passos da escola de Chicago, surgem novas teorias interpretativas como a etnometodologia, a fenomenologia, a teoria crítica e o feminismo. Verificamos que nessa fase o pós-positivismo funcionou como um poderoso paradigma epistemológico, propiciando abertura ao surgimento de novas idéias (entre elas podemos citar os argumentos de Campbel & Stanley no ano de 1963) sobre a validade externa e interna dos modelos construcionista e interacionista para o ato de pesquisar. Embora com a pretensão de ser distinta do período tradicional, a fase modernista incorporou a retórica do discurso positivista e pós-positivista .

E o tão apregoado rigor da pesquisa qualitativa de então, era tão somente baseado em multimétodos, dos quais a probabilidade e a estatística eram

parte integrante. São representantes da pesquisa qualitativa em educação, nesse período: George e Louise Spender, Jules Henry, Harry Wolcott e John Singleton.

Para BOGDAN & BIKLEN (1994, p.31-35) o intervalo correspondente a segunda fase da história da investigação qualitativa se estendeu dos anos trinta até os anos cinquenta. Observam que *“alguns acadêmicos vêem a investigação realizada entre os anos trinta e os anos cinquenta como um hiato na abordagem qualitativa”*, no entanto, apesar da não utilização regular da abordagem qualitativa como instrumento de pesquisa nessa época, atestam que os métodos qualitativos *“desenvolveram-se e melhoraram”*.

Os autores apontam como ponto central do não desenvolvimento da pesquisa qualitativa nesse período a *“grande depressão financeira”* que *“afetou o financiamento dos projetos de investigação”*, dessa maneira, o interesse dos sociólogos volta-se para o estudo de imigrantes americanos, questões étnicas e problemas sociais como o desemprego.

Na década de quarenta, Mirra Komarovsky se destaca na investigação qualitativa desenvolvendo estudos sobre a família e a depressão, conduziu igualmente um estudo sobre as mulheres no ensino superior, sendo esse um documento muito importante na eclosão do movimento feminista na década de cinquenta e na década de setenta *“os próprios procedimentos de trabalho de campo tornaram-se objetos de estudo, com relevância para a entrevista que foi utilizada “como uma estratégia central da investigação qualitativa”*.

8.4.3 Terceira fase

Os autores denominaram esse período de *gêneros borrados – Blurred Genres (1970-1986)*, citado por BOGDAN & BIKLEN (1994, p. 38), caracteriza esse período uma quantidade significativa de teorias, do interacionismo simbólico ao construtivismo, com o acréscimo de interrogatórios naturalísticos, positivismo e pós-positivismo, fenomenologia, etnometodologia, criticismo (Marx), semiótica, estruturalismo, feminismo e vários paradigmas étnicos (DENZIN & LINCOLN, 1994, p.9). Ganhando considerável destaque estrutural, ético e político nesse período, a pesquisa qualitativa vai se moldando. Surgem séries de estratégias de pesquisa, propiciando suporte à teoria do estudo de caso, ao método histórico, biográfico, ação etnográfica e pesquisa clínica.

Diversas formas de coleta de dados e análise de materiais empíricos foram avaliados e utilizados, inclusive a entrevista qualitativa e observacional, visual,

experiência pessoal e método documental. O uso do computador começa timidamente a ocupar um papel relevante, tendo somente na década posterior alcançado o seu lugar dentro da pesquisa, com maior abrangência e utilização.

GEERTZ (1973, 1983), citado por BOGDAN & BIKLEN (1994, p. 42), argumenta que os antigos modelos do velho funcionalismo, positivismo e behaviorismo, tornaram-se cada vez mais próximos das disciplinas humanas gerando com isto mais pluralismo, interpretativismo e novas perspectivas culturais na investigação científica, entretanto, com a aproximação das ciências sociais das humanas, os limites entre as duas não ficou claramente delimitado, por isso o denomina como “borrados”.

Essa dispersão de gêneros contribuiu para o surgimento do pós-estruturalismo (BARTHES), do neo-positivismo (PHILIPS) , neo-marxismo (ALTHUSSER), micro-macrodeterminismo (GEERTZ), teorias rituais de drama e cultura (V. TURNER), desconstrucionismo (DERRIDA) e etnometodologia (GARFINKEL). Em educação, nesse período, destacamos os trabalhos de Harry Wolcott, Egon Guba, Yvonna Lincoln, Robert Stake e Elliot Eisner (Ibidem).

Os anos sessenta (terceiro momento histórico da investigação qualitativa), como acentuam BOGDAN & BIKLEN (1994, p.46), foram caracterizados por uma época de mudanças sociais, onde o “marco principal” de estudo eram os problemas educativos, considerados dessa forma por disciplinas como a sociologia e a antropologia.

GAJARDO (1987) lembra que essas mudanças sociais também tiveram seu lugar na América do Sul, principalmente no Chile e Peru que partindo do trabalho de Paulo Freire sobre reforma agrária (*asentamiento*) para a natureza sociológica e transformadora da ação educativa, conseguiram impulsionar a investigação educacional, principalmente no que tange à pesquisa participante e dessa maneira contribuir para o desenvolvimento da pesquisa qualitativa em educação. Portanto, a educação como objeto de estudo na década de sessenta , teve um papel articulador com a realidade social das comunidades, fato que leva GAJARDO (1987, p.22) a afirmar que:

“A educação passou a ser entendida...como uma atividade que possibilitava aos grupos menos privilegiados compreender e interpretar a racionalidade e o funcionamento dos sistemas de dominação social e adquirir os conhecimentos apropriados para melhorar seu nível de informação e capacidade de movimento...Nesta proposta, a atividade de pesquisa não culminava em uma resposta de

ordem teórica, mas na geração de alternativas de ação expressadas em uma perspectiva de mudança social.”

Assim de forma gradual a pesquisa qualitativa vai se desenvolvendo com a adesão de maior número de estudiosos e com o apoio até de agências estatais, que buscavam compreender o porquê dos rendimentos desfavoráveis de alunos pobres, de problemas sociais como a falta de moradia, desemprego, discriminação racial, etc.

Muitos trabalhos e artigos começam a aparecer por essa época, entre alguns autores importantes desse momento BOGDAN & BIKLEN (1994, p. 49) citam BRUYN (1966); GLASER & STRAUSS (1967); FILSTEAD (1970), MCCALL & SIMMONS (1969) e *a posteriori* BOGDAN & TAYLOR (1984); CARINI (1975); DENZIN (1987); GEORGE & JONES (1980); SCHWARTZ e JACOBS (1979) e WOLF (1979).

A escola e suas relações eram o objeto de estudo por essa época articulados, ou melhor, patamarizados de maneira ainda tímida nos métodos qualitativos, que começavam a atingir relevância considerável.

BOGDAN & BIKLEN (1994, p.37) consideram que *“Os métodos de investigação qualitativa representavam o espírito democrático em ascendência na década de sessenta. O clima da época era propício ao renovar do interesse pelos métodos qualitativos, assim, surgiu a necessidade de professores experientes neste tipo de metodologia de investigação, abrindo-se caminho a inovações e desenvolvimentos metodológicos.*

A partir dessa década realmente a investigação qualitativa tomou maior impulso, não sendo bem vista por investigadores mais conservadores, adeptos do experimentalismo; no entanto, por parte de alguns estudiosos mais heterodoxos verifica-se uma crescente preocupação desde então, em estudar os problemas sociais, e em particular educacionais, sob o prisma dos valores, do interacionismo e da participação recorrente do investigador com o seu objeto de estudo.

8.4.4 Quarta fase

DENZIN & LINCOLN (1994, p.10) chamam esse período de *crise de representação* (a partir de 1986). A partir do trabalho de GEERTZ, sobre *“Gêneros Borrados”*, surgiram trabalhos na área das ciências sociais alertando sobre o perigo desses gêneros borrados que, segundo eles, descaracterizavam e desfocalizavam o trabalho investigativo do seu campo específico. Entre os trabalhos desse período

destacam-se: “*ANTHROPOLOGY AS CULTURAL CRITIQUE*” (Marcus & Fisher, 1986); “*The ANTHROPOLOGY OF EXPERIENCE*” (TURNER & BRUNER, 1986); “*WRITING culture* (Clifford & Marcos, 1986); “*Works and Lives* (Geertz, 1988) e “*Predicament of Culture* (Clifford, 1988) (Ibidem).

A caracterização básica desse período centra-se no fato de que a pesquisa qualitativa coloca-se como aquela que não se atém a fórmulas estereotipadas e modelos prontos para o estudo de seu objeto de pesquisa, todavia, como emergente da fase anterior, o paradigma qualitativo ainda não tinha definido algumas questões realmente relevantes para o processo de investigação:

- 1) A consideração do “outro” no processo de pesquisa;
- 2) O investigador qualitativo como sujeito recorrente (compromissado com o objeto de estudo); e
- 3) A legitimação ou não da vida pública ou privada das pessoas, como objeto de estudo.

Observamos uma forte ruptura do paradigma qualitativo com o positivismo e o pós-positivismo. A partir dessa crise de representação baseada em reflexões sobre o seu caminhar, o seu andamento é que o paradigma qualitativo vai tomando forma e definindo-se mais claramente, convergindo para o quinto momento de sua história no século XX.

BOGDAN & BIKLEN (1994) apontam a quarta fase da história da investigação qualitativa para os anos setenta, momento esse que permitiu o debate entre os paradigmas quantitativos e qualitativos, fato que até então não era possível de forma abrangente, pois o paradigma quantitativo era dominante em nível de investigação científica.

Verificando o alcance limítrofe do paradigma quantitativo, muitos investigadores quantitativos passaram a explorar a abordagem qualitativa e a defender a sua utilização, assim a investigação científica explodiu em educação, pois foi ganhando cada vez mais espaços e novas formas de metodologias foram consideradas por BOGDAN & BIKLEN, 1994, p.40 como pode-se observar:

“Alguns investigadores qualitativos efetuaram ‘trabalho de campo’ – observação participante, entrevistas em profundidade ou etnografia – dependendo grandes quantidades de tempo nos locais de investigação. Registraram os seus apontamentos por escrito como modo de preservar os dados a analisar, incluindo grande quantidade de descrições, registros de conversas e diálogos. As observações em escolas deram origem, por exemplo, a estudos sobre integração racial (METZ, 1978; RIST 1978), a vida de um diretor de escola (Wolcott, 1973), a experiência de professores em escolas rurais (McPherson,

1972) e inovações na escola (SUSSMAN, 1977; WOLCOTT, 1977), entrevista em profundidade para estudar as crianças excluídas da escola (COTTLE, 1976 a), os sistemas de transportes escolares (COTTLE, 1976 b) e os papéis das mulheres como dirigentes educativos (SCHMUCK, 1975)".

Com tanta diversidade de metodologias dentro da abordagem qualitativa, surgiu uma tensão entre os estilos utilizados. Essa tensão foi causada por investigadores que acreditavam que as pesquisas deveriam ser as mais autênticas possíveis (perspectiva cooperativista), enquanto outros consideravam os conflitos dos sujeitos que faziam parte do objeto de estudo, pois para eles o sujeito estudado, poderia não estar totalmente aberto a fornecer informações sobre sua vida, como apregoavam os defensores do cooperativismo, por esse motivo sua perspectiva de estudo foi denominada de conflituosa.

Notamos, portanto um conflito interno dentro da investigação qualitativa, nesse período, motivado com certeza pelo "ensaio e erro" dos primeiros passos rumo à sua posterior afirmação no rol das abordagens contemporâneas. Destacamos que a superação de um conflito só se dá efetivamente quando o equilíbrio entre as partes é alcançado, no caso específico da abordagem qualitativa enfatizamos que o equilíbrio vai um pouco além, pois é processual e aberto a novas abordagens ou novos olhares.

8.4.5 Quinta fase

DENZIN & LINCOLN (1994, p.11) se referem à quinta fase como simplesmente o quinto momento, apontando-o como o presente. Hoje mais do que nunca a perspectiva da pesquisa qualitativa centra-se no objeto de estudo, estabelecendo liames entre esse e o investigador que atua como sujeito recorrente, analisando-o processualmente e valorizando hermeneuticamente o texto e o contexto do mesmo (individual/social).

O paradigma qualitativo valida novas maneiras de se entender o objeto de estudo, pois o enxerga como elemento de uma totalidade epistemológica fundamentada em valores, que se desdobram em instrumentos facilitadores do processo investigativo e que ofereçam soluções ou apontem caminhos para a resolução do problema estudado, de forma a ser possível pensar e repensar sobre a realidade que lhe circunda.

O conflito ou o "falso conflito paradigmático, como preferem alguns: quantidade X qualidade", ainda não se desfez completamente no meio acadêmico, quer seja na graduação ou pós-graduação, mesmo nesse período. Essa

consideração nos encaminha à algumas questões básicas, percorridas nesse momento histórico:

- 1) existe realmente esse conflito paradigmático;
- 2) se não existe como justificar as preferências paradigmáticas;
- 3) é possível o pesquisador utilizar harmoniosamente os dois paradigmas ? como;
- 4) como os autores científicos vêem o evento quantidade X qualidade; e
- 5) qual dos dois paradigmas polarizados poderia ser completamente adequado ao trabalho científico, sem dar margem a contestações.

Essas e outras questões serão consideradas logo mais nos tópicos subseqüentes. Para BOGDAN & BIKLEN (1994, p.43) os anos oitenta e noventa contemplam a quinta fase, marcada pelo uso abundante de computadores e programas específicos para lidar com os dados qualitativos.

Vemos dessa maneira que a utilização de computadores na investigação qualitativa foi “uma inovação significativa de caráter mais técnico do conceitual...na recolha, gestão e análise dos dados qualitativos” (Ibidem). Para a investigação científica de forma geral, temos que a informática favoreceu consideravelmente os trabalhos acadêmicos, possibilitando mais agilidade e flexibilidade técnica no tratamento dos dados trabalhados. Os mesmos autores afirmam que o feminismo influenciou “de várias formas a investigação qualitativa na década de oitenta”, e essas influências estão presentes mesmo em nossa contemporaneidade. Afirmam os autores que:

“O feminismo afetou o conteúdo das investigações à medida que os investigadores iam estudando a forma como os papéis psicossociais influenciavam a construção do mundo, enquanto professoras do sexo feminino (...), providenciadoras de sustento (...), estudantes em subculturas femininas punk (...), leitoras de novelas (...) e consumidoras e intérpretes de conhecimento médico sobre o corpo e a reprodução (...)” (Ibidem, p 44; ênfase nos autores).

Conscientes da abertura e acrescentamos mais, das possibilidades dentro da investigação qualitativa “...as investigadoras feministas nas ciências sociais foram atraídas pelos métodos qualitativos, porque esses possibilitavam que as interpretações das mulheres assumissem uma posição central.” (Ibidem, p.44-45). Entre as influências herdadas do feminismo na investigação qualitativa, verificamos a mudança do papel do investigador no trato com o seu objeto de pesquisa (sujeito) onde esse e aquele agora, são sujeitos recorrentes. Desse período é característica a

passagem do modernismo para o pós-modernismo, resultando numa mudança de visão de mundo em nível de investigação qualitativa, dado que:

“Uma das principais influências do pós-modernismo nas metodologias qualitativas foi a modificação no entendimento da natureza da interpretação e no papel do investigador qualitativo como um intérprete. Ao invés de entenderem o material escrito – textos, manuscritos, artigos e livros – pelo seu valor facial, os investigadores qualitativos tomaram-nos como objeto de estudo”. BOGDAN & BIKLEN (1994, p.45).

8.5 Intertextualizando o processo histórico da investigação qualitativa

Nos trabalhos abordados verificamos aparentemente certo descompasso no estabelecimento de intervalos do processo histórico da investigação qualitativa, no entanto, vemos que, embora existam abordagens diferenciadas em BOGDAN & BIKLEN (1994) e DENZIN & LINCOLN (1994), os dois trabalhos se articulam, não havendo incompatibilidade nas informações discorridas, isto é, o que um autor deixou de abordar o outro preocupou-se em colocar em relevância.

Por outro lado concordamos com BOGDAN & BIKLEN (1994), quando acentuam o século XIX para o surgimento das raízes da pesquisa qualitativa, pois como delineia SANTOS FILHO (1994, p.24), essa nasceu a partir de uma “reação crítica à adoção da teoria positivista do conhecimento pelas ciências sociais”.

Isto significa que os investigadores científicos da época não se mostravam coniventes com o *modus operandi* e essência filosófica do paradigma positivista, queriam algo novo na investigação científica, uma forma de estudar a vida social humana dissociada das ciências físicas, como era o padrão atual, por esse motivo Os filósofos e pensadores envolvidos nisso entendiam que o estudo da vida social humana em termos de analogia com as ciências físicas, além de incorreto, podia destruir o que representa a essência da vida social humana.

Para eles o positivismo enfatizava em demasia o lado biológico e social do ser humano e esquecia a dimensão de sua liberdade e individualidade”. (Ibidem). Este algo novo, considerado por Dilthey no final do século XIX, como compreensão interpretativa (*verstehen* – método das ciências sociais = descrever) e o círculo hermenêutico (diferenciados do *Erklären* – método das ciências naturais = entender), viriam a corroborar para o surgimento de uma nova forma de pensar e fazer na investigação científica, sendo este um excelente argumento, além dos que exporemos mais adiante, que nos faz considerar o século XIX, como o momento

histórico do nascimento da investigação qualitativa dada a importância da “reação crítica” dos pesquisadores à tradição positivista daquele momento histórico.

Por outro lado ao analisarmos os escritos de BOGDAN & BIKLEN (1984), notamos uma compartimentalização muito segmentada, como se cada período tivesse seu começo e seu fim dentro do intervalo considerado. Optaremos, por conseguinte, pelo enfoque do contexto histórico de DENZIN & LINCOLN, porém validando o início da investigação qualitativa a partir do século XIX, como tão bem expõem BOGDAN & BIKLEN.

Quando falamos da complementaridade dos contextos históricos dos dois autores, não nos referimos a uma “miscelânea” de fatos históricos aglutinados, todavia, à um constructo de ações processuais e indissociáveis e pertinentes ao mesmo contexto histórico da investigação qualitativa, justificando a natureza da totalidade descritiva dessa, como bem enfatiza MARTINS (1997, p.58):

“Na pesquisa qualitativa descreve-se e determina-se com precisão conceitual rigorosa a essência genérica da percepção ou das espécies subordinadas, como a percepção da coisalidade etc. Mas a generalidade mais elevada está na experiência em geral, no pensamento em geral, e isto torna possível uma descrição compreensível da natureza da coisa.”

8.6 Posicionamentos do debate quantidade *versus* qualidade

Do debate quantidade X qualidade, surgiram algumas posturas na investigação científica originando a assunção desse, daquele ou dos dois postulados paradigmáticos, dando origem à várias compreensões as quais foram denominadas de teses da incompatibilidade, da complementaridade e da unidade dos paradigmas e ainda algumas posturas que vêem esse dualismo apenas como um “falso conflito técnico” . Passaremos a analisar tais posturas, comparando-as e contrapondo-as, enriquecendo dessa maneira o transcorrer do debate, bem como trazendo elementos que nos permitam compreender as diferentes posições de uma forma geral. Começaremos com os defensores da incompatibilidade que apregoavam que os pólos das duas perspectivas científicas eram “radicalmente opostos”, incomensuráveis e impossíveis de serem articulados sendo, portanto “incompatíveis” (SANTOS FILHO,1995, p.38).

Também designada por SANTOS FILHO (1995:38) como “tese da diversidade incompatível” foi advogada inicialmente por KERLINGER (1973), SMITH (1983), LINCOLN & GUBA (1985) e SMITH & HESHUSIUS (1986).

Em seu artigo *Integrating the quantitative and qualitative*, HOUSE (1994, p.16) acrescenta que *“Estas diferenças são movidas por dicotomias da objetividade versus subjetividade, objetos imóveis versus categorias que surgem, perspectivas diferentes versus as conhecidas, fatos versus valores, esclarecimentos versus compreensão e uma realidade versus múltiplas realidades.*

Concebidas nesta direção são incompatíveis.” Entendendo-se dessa forma, “o fazer científico” se restringe a uma ou outra visão de mundo, polarizando conflitivamente posturas unilaterais, assim ao analisarmos o montante de literaturas sobre o debate quantidade versus qualidade, verificaremos que o “conflito paradigmático” existiu desde o surgimento da insatisfação contra o modelo positivista e ainda permanece nos meios acadêmicos nos nossos dias, resultante de visões fragmentadas do “todo” (*pa,j pa,sa pa[n]*) que compõe o processo da investigação científica.

Esse “conflito”, gerado por esses tipos de visões, conduz `a um extremismo científico que, como enfatiza GRAMSCI (1978, p.50), *“significa, precisamente... manter intactas determinadas condições sociais nas quais algumas são pura quantidade, outras pura qualidade”*. COOK & REICHARDT (1986, p.27) consideram esse “conflito paradigmático” como *“...um choque básico entre paradigmas metodológicos...”* onde *“cada tipo de método se tem ligado a uma perspectiva paradigmática distinta e única e são estas duas perspectivas que se encontram em conflito”*.

Observam que eleger um paradigma e desprezar o outro, considerando cada um como incompatível com o outro, é tratá-los como imutáveis, não existindo a possibilidade de modificações ou de outras opções e argumentam categoricamente que na sua *“opinião constitui um erro a perspectiva que promove a incompatibilidade entre os tipos de métodos”* empregados em tais tendências paradigmáticas (Ibidem, p.30).

Sabendo-se que a verdade científica é processual, isto é, se constrói levando-se em contas os pólos teórico, epistemológico, morfológico e técnico; é inaceitável qualquer tipo e determinado extremismo investigativo como legítimo defensor do “rigor científico”, porque esse também é construído processualmente, respeitando limites e saberes epistemológicos dentro do contexto da investigação científica.

Por conseqüência concordamos com HOUSE (1994, p.16), quando afirma que *“nenhum desses assim chamados paradigmas é completamente adequado...”* no processo de construção da pesquisa científica. Os protagonistas³¹ da tese da diversidade complementar desconsideram a utilização de um único paradigma na investigação científica por acreditarem num pluralismo epistemológico, onde os objetivos serão alcançados por meio da reunião de esforços.

SANTOS FILHO (1995, p. 46-47) infere que:

“Os pesquisadores compreenderam que a tese da incompatibilidade simplesmente estava errada e que as diferenças paradigmáticas não requeriam necessariamente um conflito paradigmático. Perceberam que os programas de pesquisa, considerados como mutuamente antagônicos, na verdade, estavam apenas preocupados com problemas e tópicos diferentes, mas importantes. Também perceberam que, usando a abordagem qualitativa e quantitativa na pesquisa de um mesmo problema, o resultado era um insight, uma compreensão e poder preditivo mais considerável.”

GUBA & LINCOLN (1994, p.105) defendem essa premissa, afirmando que tanto a abordagem quantitativa, quanto a abordagem qualitativa podem ser utilizadas.

Segundo BRUYNE et alii (s/d, p.115), a investigação científica é construída através dos pólos: teórico, abrangendo a *formulação* teórica [ordem lógica, sistema de proposições, linguagens simbólicas] e a *explicitação* [ordem significativa, conjunto de conceitos, linguagens naturais]; epistemológico, considerado como exigência de pertinência [abrangendo de um lado análise das soluções, exigência de redução e processo hipotético-dedutivo/quantitativo e de outro lado à hermenêutica dos problemas, exigência de interpretação e processo dialético fenomenológico (acrescentaríamos aqui o termo qualitativo)]; morfológico como exigência de coerência [relacionando o sistema concatenado, a explicação causal e modelos formais com a totalidade sobre determinada, compreensão significativa e conceitos em via de axiomatização (base coerente e suficiente de dedução para todas as proposições de uma teoria, p.119)] e finalmente o técnico conduzido pela exigência da testabilidade (articulando especificação horizontal e analítica, hipóteses a serem testadas e fechamento de sentido (contexto terminal da pesquisa) com a especificação vertical e contextual, hipóteses de pesquisa e abertura de sentido (não há contextos terminais de pesquisa).

O processo da investigação científica se dará satisfatoriamente se respeitados estes pólos. Vemos que BRUYNE não procura articular posições

absolutas e incompatíveis, mas as considera como partes indissociáveis e que formam o constructo do processo investigativo. *“adequadamente em qualquer pesquisa...”* sem que haja uma escolha exclusiva por essa ou aquela abordagem. Os autores vêem aspectos positivos e limitações tanto no paradigma qualitativo, quanto no quantitativo. MENDÉZ (1986, p.13), por sua vez, garantindo que nenhum dos dois paradigmas tem prerrogativa sobre o outro e o mesmo pode ser aplicado aos métodos no ato da pesquisa conclui que *“(...) Há distintas formas de fazer ciência que levam a explicação compreensiva e a compreensão explicativa dos fenômenos que são objetos de estudo. Ambas perspectivas são necessárias, ambas pode funcionar conjunta e de forma complementar”*.

O assunto a avaliar, as circunstâncias, o campo de investigação e de avaliação, assim como o objeto ou objetivo que se pretenda alcançar são fatores determinantes para decidir-se por uma ou outra alternativa ou para primar um enfoque em relação ao outro, definindo as funções que cada um tem a desempenhar dentro de um programa de investigação.

IANNI & ORR (1986, p.138-139) expõem que cada técnica ou método utilizada por quaisquer tendências paradigmáticas possuem limitações teóricas, como também pontos metodológicos fortes e fracos, por isso são favoráveis à uma combinação dos enfoques quantitativos e qualitativos. Segundo a perspectiva de COOK & REICHARDT (1986, p.41), escolher um ou outro paradigma polarizado (quantitativo ou qualitativo) é uma ação cega, entretanto, são favoráveis a que o investigador escolha *“...livremente uma mescla de atributos de ambos os paradigmas para atender melhor as exigências do problema da investigação a ser efetuada”*. Favoráveis ao emprego conjunto dos métodos ou técnicas (quantitativos e qualitativos) COOK & REICHARDT (1986, p.51), enfatizam que se faz *“...desnecessária uma dicotomia entre os tipos dos métodos e existem todas as razões (ao menos na lógica) para empregá-los conjuntamente com o objetivo de satisfazer as exigências da investigação...de modo mais eficaz possível”*.

FILSTEAD (1986, p.71), contribui com esse parecer ao afirmar que a combinação dos métodos quantitativos e qualitativos é vantajosa para a pesquisa avaliativa, aponta entre outros, vários autores que também comungam com esse pensamento como: COOK & CAMPBELL (1979), MENDÉZ (1986), GOERGEN (1981), CAMPBELL (1982), FILSTEAD (1986) , SOLTIS (1984) , SHULMAN (1985), GUBA & LINCOLN (1994) e outros, considerando os dois enfoques igualmente,

dessa maneira, em relação aos métodos assegura: *“Nenhum tem o monopólio das ‘respostas corretas’, ainda que o método quantitativo tenha ganhado fama e crédito por causa de seus promotores e defensores... Cada método reflete uma postura com o mundo social, incorporando uma perspectiva singular”*.

Cumpramos focalizarmos que essa tese é a mais comumente aceita nos meios acadêmicos hoje, dada a perspectiva processual da investigação científica na área educacional que se encaminha para alcançar a diretriz básica da “adoção dos princípios de complexidade, consistência, unidade dos contrários e triangulação na elaboração e comprovação das teorias” (SANTOS FILHO, 1995, p.54), o que só será possível com a unidade dos paradigmas. Sobre a unidade dos paradigmas³² o conceito epistemológico do todo – *paj, pasa, pan* (pas, pasa, pan), e também o da totalidade - “holístico” (*olóo,j* - ólos) - diz que o conhecimento não pode ser fragmentado, dividido em partes radicalmente distintas, dessa maneira, constata-se que “os métodos quantitativos e qualitativos... estão intimamente imbricados, devendo, na base dialética serem articulados, “superando as aparentes contradições epistemológicas” “(Ibidem, 1995, p.48-52).

Desse ponto de vista, para GRINSPUN (1994, p.216), o que basicamente ocorre na investigação científica é uma crise, que deverá ser superada por uma nova maneira do “saber e fazer científico”, ao seu ver: *“A crise da modernidade nas ciências e na educação apresenta dificuldades em caracterizar ‘o todo’ e o desenvolvimento do ser humano numa ação conjunta do campo objetivo com o subjetivo... Na realidade, tanto o conhecimento e a objetividade, quanto os valores e sentimentos estão juntos na ação humana.”* ³² São simpatizantes desta tese: SANTOS FILHO (1995) e MINAYO (1998).

SOBRINHO (1995, p.53), considerando o debate quantidade versus qualidade, concluiu que no caminho da opção científica a quantidade e a qualidade são “dimensões indissociáveis”.

Ele as contrasta, articulando as duas posições, num único postulado: *“(...) Diagnósticos, bancos de dados, informações objetivas e quantificadas... são imprescindíveis, mas não são suficientes. Requerem uma atitude analítica, crítica e interpretativa, que transforme os dados factuais em uma produção de informações úteis para a ação.”*

GRAMSCI (1978, p.50) concorda com a assertiva da indissociabilidade entre os paradigmas quantitativos e qualitativos e coloca-se favorável à unidade dos

paradigmas, afirma por conseqüência a inviabilidade de posturas unilaterais, pois segundo sua concepção “(...) *toda contraposição aos dois termos é racionalmente um contra-senso.*”

E, de fato, quando se contrapõe a quantidade à qualidade...,contrapõe-se, na realidade, uma certa qualidade a outra qualidade, uma certa quantidade a outra quantidade, isto é, faz-se uma determinada política e não uma afirmação filosófica. Se o nexos quantidade-qualidade é inseparável, coloca-se a questão: onde é mais útil aplicar a própria força de vontade, em desenvolver a quantidade ou a qualidade? Quais dos dois aspectos é mais controlável? Qual dos dois é mais facilmente mensurável? Sobre qual dos dois é possível fazer previsões, construir planos de trabalho?

A resposta parece indubitável: sobre o aspecto quantitativo. Afirmar, portanto, que se quer trabalhar sobre a quantidade, que se quer desenvolver o aspecto ‘corpóreo’ do real, não significa que se pretenda ‘esquecer’ a qualidade, mas ao contrário, se deseja colocar o problema qualitativo da maneira mais concreta e realista, isto é, deseja-se desenvolver a qualidade pelo único modo no qual tal desenvolvimento é controlável e imensurável.”

8.7 Acareando os Enfoques Quantitativos e Qualitativos

Nesse tópico contrastaremos os dois enfoques paradigmáticos (quantitativo e qualitativo), considerando posições dos autores quanto à visão epistemológica da pesquisa científica, quanto aos métodos e dados quantitativos e qualitativos.

O paradigma dialético e o da complexidade não serão tratados nesse item, uma vez que tomaram parte (no meio acadêmico) no debate polarizado quantidade – qualidade.

De acordo com PEREIRA (1995, p.118) quando Albert Einstein descobriu a teoria da relatividade, surgiu uma nova visão de mundo no conhecimento científico, propiciando novas possibilidades de caminhos na ação pesquisadora e revisão de princípios até então hegemônicos. Admite que houve uma relativização na separação entre o pesquisador e o objeto pesquisado, a neutralidade científica é colocada em evidência como questionável, em palavras da autora “...caem por terra as pretensões da previsibilidade, revêem-se os demais princípios da fragmentação e especialmente o rigor da quantificação” (Ibidem).

O “novo” científico sempre produz, de certa maneira, uma instabilidade (do lado hegemônico e do próprio “novo”) gera debates e estabelece ou não comparações com as tendências dominantes de um período histórico, resultando em sua adesão ou não (total, parcial ou fragmentada) ao contexto da investigação científica. Ao trabalhar com “novos” enfoques na pesquisa científica BOCHNIAK (1992, p.16) argumenta que o pesquisador deve ter em primeiro lugar uma base teórica que o possa suportar suficientemente, coragem e “a audácia de adentrar em outros campos”, se necessário.

Concluimos dessas considerações, que na história da pesquisa científica os novos enfoques sempre geraram debates, assim como o é no objeto de estudo que estamos abordando onde, para os quantitativistas na investigação qualitativa falta o rigor da objetividade, enquanto que para os qualitativistas a investigação A autora (contrastando objetividade versus subjetividade) lembra que a “nossa tradição de pesquisa tem sido a da objetividade” requerendo do investigador que se propõe a trabalhar com a subjetividade muita cautela e disposição para que, se necessário for, adentre “campos, tais como a psicanálise, por exemplo”.

Quantitativa é limitada e distanciada do objeto de estudo. A seguir, apresentaremos algumas distinções entre os dois enfoques, acareando-os e promovendo inferências pertinentes. HAGUETTE (1992, p.63), referindo-se aos métodos quantitativo e qualitativo, discorre que os primeiros “*supõem uma população de objetos comparáveis entre si*”, enquanto que os seguintes “*ênfaticamente as especificidades de um fenômeno em termos de suas origens e sua razão de ser*”. PEREIRA (1995, p.119) alerta que os dados quantitativos: “*não são dispensáveis, nem desprezíveis a respeito de qualquer fenômeno que se pesquise ou avalie*”, como atestam os simpatizantes da tese da incompatibilidade, entretanto, é favorável “*...que eles não se constituam em obstáculo que limite ou impeça a interpretação*”.

MINAYO (1998, p.22) constata que a diferença entre a pesquisa qualitativa e a quantitativa a de natureza, pois a primeira “*aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas*”, enquanto que a segunda trabalha com a “*região visível, ecológica, morfológica e concreta*” Para COOK & REICHARDT (1986, p.38) a função dos métodos quantitativos voltase para “*verificar ou confirmar teorias*” e a dos métodos qualitativos para “*a tarefa de descobrir ou gerar teorias*”. Através dessa concepção, os autores (p.28) estabelecem uma diferenciação dos paradigmas quantitativo e qualitativo, observando que “*Do paradigma quantitativo se*

diz que possui uma concepção global positivista, hipotético-dedutiva, particularista, objetiva, orientada aos resultados e própria das ciências naturais. Em contraste, do paradigma qualitativo se afirma que postula uma visão geral fenomenológica, indutiva, estruturalista, subjetiva, orientada ao processo e própria da antropologia social.”

FILSTEAD (1986, p.64), menciona que na busca de uma escolha, um caminho para o fazer científico, o investigador restringe-se, acabando por fazer uma opção unilateral. Dessa maneira, considera a seguinte distinção entre os paradigmas:

O investigador deve assumir uma postura científica tal que lhe permita ponderar apropriadamente sobre cada paradigma que se coloca como “verdadeiro”, nunca tomando decisões “fechadas e absolutas” a este respeito, de forma que sua “perspectiva paradigmática seja flexível e capaz de adaptações” (COOK & REICHARDT, 1986, p.41).

“Cada paradigma pretende transmitir a informação que obtém através de um sistema de anotações. Os investigadores quantitativos traduzem em números suas observações. Assinalam valores numéricos às observações, contando e medindo-as. Os investigadores de inclinação qualitativa, raras vezes assinalam valores numéricos às suas observações, preferindo registrar seus dados na linguagem de seus sujeitos.” LÜDKE & ANDRÉ (1986, p.4) asseguram que o espaço para “um estudo experimental (...) tem sua importância e utilidade quando aplicado dentro de seus limites naturais”..

COOK & REICHARDT (1986, p.43) apresentam as principais vantagens e desvantagens potenciais no emprego conjunto dos métodos quantitativos e qualitativos. Dentre as vantagens mencionam que:

- 1) tendo a investigação propósitos múltiplos que devem ser atendidos, sob as condições mais exigentes, tal variedade de condições freqüentemente exige uma variedade de métodos;
- 2) dois tipos de métodos em conjunto podem fortalecer um ao outro, propiciando percepções e resultados que seriam impossíveis de serem atingidos separadamente;
- 3) nenhum método está livre de preconceitos, assim, com o emprego de múltiplas técnicas, as correspondentes triangulações poderão apresentar resultados muito mais satisfatórios, corrigindo os possíveis desvios que ocorrerem na investigação.

Quanto aos obstáculos ao emprego conjunto dos métodos quantitativos e qualitativos chamam a atenção para:

- 1) a combinação dos métodos quantitativos e qualitativos, que pode se tornar onerosa (motivado por algum elemento aleatório que pode necessitar de gasto suplementar);
- 2) outro fator contrário ao emprego conjunto dos métodos quantitativos e qualitativos está no espaço de tempo, que esses deverão ocupar (tempo demasiado; meses ou até anos, dependendo do objetivo que se quer alcançar com o objeto de estudo);
- 3) é necessário treino suficiente e desenvoltura em ambos os tipos de métodos, para que os dois possam ser utilizados concomitantemente (por esse motivo, geralmente as pesquisas que utilizam as duas perspectivas são feitas em equipe) e
- 4) a questão da moda e da adesão à forma dialética do debate (os autores acreditam que se tende a seguir o que a moda dita ou os organismos financiadores); isso gera a opção por um ou outro dos tipos de métodos. (Ibidem, p.49-50.

Os autores ainda valorizam a possibilidade da superação das diferenças dos dois enfoques abordados (quantitativo e qualitativo) e a articulação dos métodos, sem “dicotomias desnecessárias”, que só dificultam os processos da investigação científica.

A visão de MARQUES (1997) citado por MYNAIO (1998, p.29) sobre a dualidade quantidade – qualidade centra-se basicamente, não na escolha de uma ou outra opção metodológica, pois acredita que esses paradigmas se complementam mutuamente, todavia, no tipo de problema que o investigador se propôs a desbravar; em suas próprias palavras acredita que:

“(...) as opções metodológicas não constituem um princípio em si, mas são fortemente afetadas pelos tipos de problemas que o investigador se dispõe a enfrentar. Nesse sentido, a questão fundamental não é este ou aquele método, esta ou aquela abordagem, este ou aquele tipo de dado, mas sim, quais os problemas que se colocam como desafio ao conhecimento. Conseqüentemente, seria infrutífero indagar ou decidir sobre um método ou técnica sem que sejam postas as questões primeiras da pesquisa.”

POPKEWITZ (1984, p.53) acentua que há um perigo real na polarização de quaisquer paradigmas que existam, dado que esses se restringem apenas a

responder determinadas questões, que também fazem parte da totalidade (aqui entendida como o “todo” do processo de investigação científica), inexistindo a possibilidade de uma única “majoração paradigmática”; esse perigo reside na transformação da investigação científica “*numa ciência técnica e o processo de pesquisa mecânico*”.

ANDRÉ (1991, p.162), concorda com a ênfase de POPKEWITZ (1984), acrescentando que ocorre uma utilização inadequada dos termos “qualitativo e quantitativo para indicar diferentes formas de pesquisa” na comunidade científica, justifica que “*estes termos estão muito associados com a especificação das técnicas de coleta ou tipos de dados obtidos*” daí, utilizar esses termos para designar posturas filosóficas é causar prejuízos para o caminhar da pesquisa, pois isto “*distorce, camufla, confunde*”. Advogando essa perspectiva a autora complementa que:

“...o uso do termo pesquisa quantitativa para indicar uma perspectiva positivista de ciência parece-me no mínimo reducionista. Associar quantificação com o positivismo é perder de vista que quantidade e qualidade estão intimamente relacionadas. Se, por exemplo, eu faço um trabalho de pesquisa, focalizando os alunos que freqüentam os cursos de formação de professores do período noturno, visando conhecer quem são estes alunos, posso utilizar dados quantificáveis, como idade, nível socioeconômico, trajetória escolar, tipo de atividade profissional e nem por isso faço uma leitura positivista dos dados que tenho em mãos. Nem vou afirmar que os instrumentos de coleta são neutros, sem erros, ou que o método de amostragem me permite generalizar os resultados rigidamente para a totalidade. Posso fazer uma pesquisa que utiliza basicamente dados quantitativos, mas na análise que faço destes dados, estará sempre presente o meu quadro de referência, a minha postura e, portanto, a dimensão qualitativa. As perguntas que faço no meu instrumento estão marcadas pelos meus valores, minha postura teórica, minha concepção de mundo. Ao reconhecer esta marca dos valores do pesquisador no objeto pesquisado eu me distancio de uma postura positivista, muito embora eu esteja trabalhando com a quantificação.”

Assim como ANDRÉ (1991) e POPKEWITZ (1984) , SANCHEZ GAMBOA (1995, p.89) apresenta o dualismo quantidade versus qualidade na pesquisa científica como “um falso dualismo” ou um “falso conflito técnico” , uma vez que a dicotomia entre as partes não é causada por um problema epistemológico (que ele chama de “o todo maior”), mas pela opção “de técnicas” (principalmente por essas) ou “métodos” de pesquisa. Sua preocupação é voltada para o reducionismo que esse dualismo traz e a partir desse é que surge a dicotomia epistemológica:

“Quando a superação do dualismo técnico se transforma numa dicotomia epistemológica e se radicaliza de tal maneira a discussão

sobre esta dicotomia, a ponto de emergirem apenas dois enfoques, ou seja, duas maneiras de fazer ciência com critérios de cientificidade diferentes, parece que se argumenta dentro do raciocínio lógico do terceiro excluído. Segundo esta forma de pensar, cada enfoque se acredita o mais científico, válido ou apropriado para o tratamento dos fenômenos sociais; os outros enfoques são considerados 'ismos' ou 'vieses' e carecem de validade; portanto, não conduzem a um conhecimento científico ou verdadeiro" (Ibidem, p.97).

ALVES (1991, p.54)), não concordando com ANDRÉ (1991), SANCHEZ GAMBOA (1995) e POPKEWITZ (1984) afirma que o termo *pesquisa* utilizado para o 'qualitativo' é plenamente legítimo e enumera duas razões para sua defesa:

- a) por apresentar abrangência suficiente para englobar múltiplas variantes (naturalista, pós-positivista, antropológica, etnográfica, estudo de caso, humanista, fenomenológica, hermenêutica, idiográfica, ecológica, construtivista, entre outras); e
- b) por ser a mais freqüentemente encontrada na literatura; acrescenta outrossim, que o único inconveniente desse termo é a sugestão de "uma falsa oposição entre quantitativo e qualitativo que deve ser descartada"... , pois "a questão é de ênfase e não de exclusividade" .

A mesma autora observa que um dado paradigma é caracterizado por uma metodologia, que por sua vez é caracterizada por pressupostos teóricos-epistemológicos e essa não se define, nem pode ser definida simplesmente por uma coleção de técnicas e instrumentos.

Nesse sentido, a autora ratifica sua afirmação, pois segundo o que expõe, o que determina a definição de uma pesquisa, não é uma parte dela - pois isto sim, redundaria num reducionismo declarado -, mas o todo da pesquisa em si, assim como todo o seu processo de construção que podemos caracterizar como hologramático (o todo e a parte se interpenetram – em cada parte o todo está presente, assim como no todo há um pouco de cada parte).

Nesse sentido, há que se lembrar também que a investigação científica no prisma teórico-epistemológico não deve ser estanque, nem participar de sistemas fechados de definições e conceitos predeterminísticos; pelo contrário, deve se manter numa constante dinâmica, considerando, dentro de seu rigor científico as possibilidades das contribuições das novas tendências que emergem em relação ao já conhecido, ao já trabalhado cientificamente e é isto que caracteriza o mundo científico da contemporaneidade.

FAZENDA (1991, p.10) acredita que, para um bom andamento de uma investigação científica, é necessário que o pesquisador assuma uma das diversas

tendências metodológicas; porém, para a autora, a opção por qualquer caminho não deve limitar o trabalho do pesquisador. Para ela, colocado diante de diferentes tendências metodológicas, o educador/pesquisador deve re-inventar seu caminho que será único.

Em geral há pelo menos três tipos de estudos: os exploratórios, os descritivos e os explicativos. Essas possíveis formas de delineamento da pesquisa, apesar de apresentarem finalidades diferentes, podem estar presentes numa mesma pesquisa (GIL, 1989).

Procurou-se realizar uma análise qualitativa porém sem excluir a quantificação. Do ponto de vista geral da ciência a articulação entre estes dois tipos de análise é satisfatória, como afirma THIOLENT (1984. p. 46), que: “na *realidade, qualquer fato social e educativo possui aspectos que podemos descrever em termos quantitativos (tamanho da população, repartição de categorias, freqüências) e em termos qualitativos (significação, compreensão), etc*”.

O ideal, para THIOLENT (1984, p. 50), é a articulação entre os dois tipos de aspectos, pois: de um lado, não se justifica a pretensão estritamente quantitativa da metodologia positivista e, por outro lado, a metodologia de pesquisa científica não se limita ao qualitativo.

Enfatizando o mesmo assunto, BARDIN (1977) descreve que a análise qualitativa não rejeita toda e qualquer forma de quantificação, podendo o pesquisador fazer a análise estatística de forma não sofisticada ou omiti-la quando achar necessário.

A partir de tais estudos optou-se por realizar uma análise que permita explorar tanto as características quantitativas, como as qualitativas, dando sempre maior ênfase nos aspectos qualitativos.

9 CATEGORIAS E TIPOLOGIAS RELACIONADAS À ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS

Através dos dados a seguir, pretende-se identificar a metodologia utilizada em cada um dos trabalhos. A análise foi feita partindo das Fases propostas por DENZIN & LINCOLN (1994), são elas: Paradigma, Estratégia, Método de Análise e Método de Coleta. Ao final, foi feita uma análise da procedência bibliográfica utilizada. Assim, as análises de cada uma das fases estão apresentadas da seguinte forma:

- a) Definições das tipologias de acordo com os autores analisados;
- b) Resultados encontrados na pesquisa.

9.1 O Método

Esta pesquisa se aproxima de um delineamento descritivo, pois, como afirmado por GIL (1989), ela tem como característica principal a descrição dos fatos e fenômenos de determinada realidade. Os resultados obtidos podem dar margem a um estudo exploratório, cujo principal objetivo é, segundo o autor, desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e idéias, visando à formulação de problemas mais específicos e hipóteses que podem ser usados em pesquisas posteriores.

Assim, esta pesquisa se caracteriza como um estudo descritivo e exploratório sobre as construções teóricas e metodológicas das monografias por nós analisadas, pois procura, além de descrever o fenômeno, explorar seus significados.

Esta pesquisa divide-se em duas partes principais: na primeira parte utilizou-se o método bibliográfico. Através do levantamento, estudo e análise sobre o assunto, a pesquisa empírica pôde-se ser fundamentada. Na segunda parte do trabalho, utilizou-se o paradigma do exploratório-descritivo que permitiu conhecer os trabalhos científico existentes sobre o assunto e, através de uma análise de tais trabalhos, buscou-se responder as questões dessa pesquisa.

9.1.1 Universo da Pesquisa e Amostra

Determino-se que a pesquisa seria realizada em monografias que tratassem de assuntos em Gestão de Negócios Turísticos do curso de graduação em Turismo da Universidade Federal do Maranhão - UFMA. O total de títulos selecionados foi em número de 26.

A produção total das monografias catalogadas no curso de turismo equivale a 130 no período de 2001 até 2005. Deste total 36 tratam de assuntos relativos a gestão de negócios, nos campo do empreendedorismo, da qualidade na

prestação de serviços do ramo hoteleiro, além de outros. Dessas 36 monografias elencamos como amostra 26 o que corresponde a 20% da produção total no período acima:

Através dos dados a seguir identificaremos a metodologia utilizada em cada um dos trabalhos. A análise foi feita partindo das fases proposta por DENZIN & LINCOLN (1994), são elas: Paradigma; Estratégia; Métodos de Análise e Método de Coleta. Ao final foi feita uma análise da procedência bibliográfica utilizada. Assim, as análises de cada uma das fases, estão apresentadas da seguinte forma:

- a) Definições das tipologias de acordo com os autores analisadas;
- b) Resultados encontrados na pesquisa.

A seguir apresenta-se a lista dos títulos analisados:

Quadro 3 - Relação das Monografias Selecionadas Para Análise

Nº	TITULO	AUTOR	ANO DA DEFESA
1	Transporte Turístico	BARBOSA, Idner Cavalcante	2001
2	Estudo do potencial Turístico do Marafolia	CARVALHAL, Adriana Freitas	2001
3	Qualidade na prestação de serviços: um estudo sobre a satisfação dos clientes da TAM em São Luís	COSTA, Flávia de Sousa	2001
4	O lazer e o uso de práticas recreativas nas excursões rodoviárias das agências de viagens de São Luís	RUY, Lorraine Silva	2001
5	Análise Sistêmica: estudo de caso da Agência Trapiche	FARIAS, Sheyla Yonara Dantas de	2002
6	A qualificação profissional do bacharel em turismo em São Luís.	CARVALHO, Luís Fernando Arruda de	2002
7	A qualidade dos serviços nos restaurantes típicos de São Luís	FARIAS, Maria do Livramento	2002
8	Hotel Abbeville: estudo de caso do setor de eventos.	NEVES, Kláudia Costa da	2002
9	Captação de Eventos: a sua importância para o desenvolvimento do turismo de eventos em São Luís	PEREIRA, Luciana de Freitas	2002
10	Geração de emprego e renda nos meios de hospedagem em São Luís – Maranhão através da realização de eventos.	BEZERRA, Marcelle Santos Jacintho	2002
11	Promoção Turística de São Luís no espaço cibernético: análise das funções serviços oferecidos pelos sites de promoção turística de São Luís na internet	PAZ, Adriana Câmara	2002
12	Turismo Náutico: uma oportunidade de negócios para São Luís	LOUZEIRO, Flávia Oliveira da Silva	2003
13	A qualidade na prestação de serviços dos condutores turísticos nos lençóis maranhenses	RODRIGUES, Sandra de Miranda	2003

14	A opinião dos turistas sobre a qualidade do serviço do Flat em São Luís: estudo de caso do Parthenon Mont Blanc	MESQUITA , Jamille Fernandes	2003
15	O papel logístico das agências de viagens no setor de eventos em São Luís	CHAVES , Ariadne Ribeiro	2003
16	Plano de negócios: como elemento norteador na formação e desenvolvimento de empreendedores turísticos.	BATISTA , Max Weiber Fernandes	2004
17	Turismo para evangélicos: uma nova opção de segmentação turística	AZULAY , Raissa Ribeiro de Gusmão	2004
18	Marketing Hoteleiro: descrição da Política de Marketing do Hotel Abbeville (São Luís-MA)		
19	Slogans no Turismo: a consolidação da identidade turística de uma localidade através da propaganda	BOTELHO , Amisterdan Silva	2004
20	A importância do Vôo Charter para o Turismo em São Luís	ALMEIDA , Samia Vedoato	2004
21	Planejamento Estratégico de Marketing na hotelaria.	LIMA , Mayana Virginia Viégas Lima	2005
22	Políticas de desenvolvimento do setor turístico: contribuições sobre incentivos financeiros para o desenvolvimento de projetos	BECKMAN , Karoline Silva	2005
23	Planejamento estratégico do marketing da TAM.	AMADO , Thiago da Silva.	2005
24	O potencial turístico dos eventos evangélicos: uma perspectiva para a atividade turística.	SILVA , Lithson Andrey Melo da	2005
25	Empreendedorismo Turístico: uma alternativa no processo de desenvolvimento da cidade de Barreirinhas - MA.	ROCHA , Polyana Coimbra	2005
26	Uma Releitura do espaço dos Lençóis Maranhenses no discurso da Publicidade Turística.	DIAS , Liz Renata Lima	2005

Quadro 4 - Características das Abordagens Quantitativa e Qualitativa.

TIPOLOGIA UTILIZADA EM NOSSA ANÁLISE BASEADA EM BOGDAN & BIKLEN (1994, P.72-74).

QUANTITATIVA			QUALITATIVA	
<i>Expressões! Frases associadas com a abordagem</i>	Experimental Dados quantitativos Perspectiva exterior Empírica	Validade Significância estatística Replicação Predição	Significado Compreensão de senso comum Pôr entre parênteses Compreensão Definição da situação Vida cotidiana	Observação participante Fenomenológico Escola de Chicago Documentário História de vida Estudo de caso Ecológico Êmico
Conceitos- chave associados com a abordagem	Variável Operacionalização Garantia Hipótese			Processo Ordem negociada Para todos os propósitos práticos Construção social Teoria fundamentada
Afiliação teórica	Funcionalismo estrutural Realismo, positivismo Comportamentalismo	Empirismo lógico Teoria dos sistemas	Interação simbólica Etnometodologia Fenomenologia	Cultura Idealismo
Afiliação acadêmica	Psicologia Economia	Sociologia Ciências Políticas	Sociologia História	Antropologia
Objetivos	Testes de teorias Encontrar fatos Descrição estatísticas	Encontrar relações entre variáveis Predição	Desenvolver conceitos sensíveis Descrever realidades múltiplas	Teoria fundamentada Desenvolver a compreensão
Plano	Estruturado Predeterminado, formal, Específico	Plano detalhado de trabalho	Progressivo, flexível, geral	Intuição relativa ao modo de avançar
Elaboração das propostas de investigação	Extensas Detalhadas e específicas nos objetivos Escrita antes da coleta de dados	Especificação de hipóteses Detalhadas e específicas nos procedimentos Longa revisão de literatura	Breves Especulativas Sugere áreas para as quais a Investigação possa ser relevante	Normalmente escritas após a Coleta de alguns dados Parca revisão de literatura Descrição geral da abordagem
Dados	Quantitativos Codificação quantificável Contagens, medidas	Variáveis operacionaliza das Estatística	Descritivos Documentos pessoais Notas de campo Fotografias	o discurso dos sujeitos Documentos oficiais e outros
Amostra	Ampla Estratificada Grupos de controle Precisa	Seleção aleatória Controle de variáveis extrínsecas	Pequena Não representativa	Amostragem teórica
Técnicas ou métodos	Experimentos Inquéritos Entrevista estruturada	Quase experimentos Observação estruturada Conjunto de dados	Observação Estudo de vários documentos	Observação participante Entrevista aberta

Relação com os sujeitos	Circunscrita Curta duração	Distante Sujeito-investigador	Empatia ênfase na confiança Igualdade	Contato intenso O sujeito como amigo Ser neutro
Instrumentos	Inventários Questionários Índices	Estatística	Continua Modelos, temas, conceitos. Indutivo	Indução analítica Método comparativo constante
Problemas com o uso da abordagem	Controle de outras variáveis Reificação	Intrusão validade	Demorada Difícil a síntese dos dados	Garantia Os procedimentos não são estandardizados Dificuldade em estudar populações de grandes dimensões.

9.2 Instrumentos da Pesquisa:

Para execução da pesquisa foi necessário conceber um roteiro para análise das monografias. O roteiro de análise foi concebido para ser utilizado durante as leituras das monografias que compuseram a amostra. A análise das monografias pode vir a ser um tema controverso, uma vez que diferentes autores apresentam diferentes tipologias e definições para cada pesquisa. Assim, tomamos o cuidado de construir na sessão de embasamento teóricos, vários quadros com a análise dos diferentes conceitos buscando expandir ao máximo as possibilidades das classificações. As definições de cada tipologia constam no capítulo 4, e é com base nestes parâmetros que as monografias foram analisadas.

9.2.1 Estruturação do Roteiro de Análise:

As análises das monografias relatadas correspondem às fases 2,3 e 4 conforme definidas no capítulo 2. Embora DENZIN & LINCOLN (2001) considera a coleta e análise como sendo uma única fase (4), para melhor visualização e entendimento, elas são apresentadas separadamente nesse trabalho.

Concebeu-se uma estrutura de pesquisa onde as diversas categorias foram inseridas em um quadro que denominamos Roteiro de Análises das Monografias, e que constam de códigos para facilitar as tabulações dos resultados:

(Quadro 5)

Quadro 5 – Estrutura do Roteiro de Análise e Códigos para classificação.

PARADIGMA	CÓD.	ESTRATÉGIA	CÓD.	META DE COLETA	CÓD.	ANÁLISE DOS DADOS	CÓD.
Positivista	P1	Experimentos em campo	E1	Questionário	M1	Estatísticas	A1
Causal	P2	Experimentos em laboratório	E2	Formulário	M2	Teste de hipóteses	A2
Pós-Positivista	P3	Pesquisa de campo	E3	Observação	M3	Análise comprobatória	A3
Descritivo	P4	Pesquisa bibliográfica	E4	Entrevista	M4	Análise descritiva/expositiva	A4
Explicativo	P5	Survey	E5	Documentos	M5	Análise comparativa	A5
Histórico	P6	Estudos de casos	E6	Experiência pessoal	M6	Análise interpretativa	A6
Teórico	P7	Grounded Theory	E7	Testemunhos	M7	Análise crítica	A7
Exploratório	P8	Método histórico	E8	Grupo focal	M8	Diagnósticos	A8
Desconstrutivo	P9	Pesquisa ação	E9	Grupo de discussão	M9	Computador (Software)	A9
Femenológico	P10	Método biográfico	E10	Métodos visuais	M10	Análise de conteúdo/discurso	A10
Dialético	P11	Pesquisa documental	E11	Observação participante	M11	Modelo/ Tipologia	A11
Construtivismo	P12	Hermenêutica	E12	Gravação	M12	Narração	A12
Estudos Culturais	P13	Estudos demográficos	E13	História de vida	M13	Outros	A13
Teoria Crítica	P14	Outros	E14	Outros	M14		
Etnográfico	P15						
Etnometodológico	P16						
Outros	P17						

9.2.2 Objetivos do Roteiro de Análise

O objetivo de Roteiro de Análise é de guiar a leitura afim de que todos os dados necessários para pesquisas sejam destacados e anotados. O roteiro foi estruturado em quatro grandes blocos como segue:

- 1) Identificação;
- 2) Métodos de Pesquisa;
- 3) Bibliografia utilizada;
- 4) Outras observações.

Segue abaixo uma breve descrição do conteúdo de cada item:

- 1) **Identificação:** Dados quanto ao nome, título do trabalho, ano e orientador;
- 2) **Método de pesquisa:** Item principal que todas as informações necessárias para análise são aqui indicadas;

3) **Bibliografia utilizada:** Neste item foram indicadas as quantidade das bibliografias utilizadas constantes nos trabalhos, separadas por nacionalidade, inclusive a procedência nacional ou estrangeira; Autores mais utilizados; Temáticas mais relevantes;

4) **Outras observações:** Espaço deixados para quaisquer outras informações e observações do pesquisador.

9.2.3 Validade e Confiabilidade dos Instrumentos de Pesquisas

A definição mais comum de validade de um instrumento de pesquisa é a que diz que o instrumento é acurado quando mede o que se propõe medir.

Alguns autores, segundo WINTER (2002), discutem a necessidade da validação em pesquisas onde não se espera estabelecer relação causais, como no caso de pesquisas exploratórias e alguns tipos de pesquisas qualitativas. Embora a validação seja aplicada, na sua maioria, em pesquisas quantitativas (KIRK 1986), deve-se considerar a validação não como sendo uma fórmula fixa que possa ser aplicada ao processo total de uma pesquisa mas sim nas etapas que requerem uma maior acurácia e que influenciam o resultado da pesquisa. Desta forma, em pesquisas qualitativas a preocupação dever recair na representatividade da descrição e justificativas dos resultados.

MAXWELL (2000) identifica cinco tipologias de “validação” realcionadas com os vários estágios de uma pesquisa, que de maneira simplificada são listada a seguir; (1) descritiva- relativa ao estágio inicial da pesquisa, envolve coleta, relevância e diferenças de dados quando colhidos em um mesmo evento; (2) interpretativa – relativa ao respeito dado à perspectiva do respondente frente a um determinado evento; (3) teórica – relativa à teoria que o pesquisador constrói ou desenvolve durante a pesquisa; (4) generalizável – responsável pela distinção entre uma pesquisa ser qualitativa e quantitativa a partir de sue grau de generalização; e (5) avaliadora – relativa à aplicação de uma estrutura para avaliação geral da pesquisa.

Alem das tipologias de validação acima, também temos os conceitos de validação interna e externa. Segundo COSTA (2001, p.78) “*A validade interna de um experimento diz respeito a quanto dos seus resultados pode, de fato, ser atribuído ao próprio tratamento*” e a “*validade externa de um experimento diz respeito à possibilidade de generalizar os seus resultados*“. Assim, a qualidade de uma pesquisa relaciona-se diretamente a esses conceitos.

Portanto, a partir de tais conceitos, procurou-se validar a pesquisa em alguns pontos específicos, São eles:

- (1) *instrumento de coleta;*
- (2) *análise teórica;*
- (3) *estrutura geral da pesquisa.*

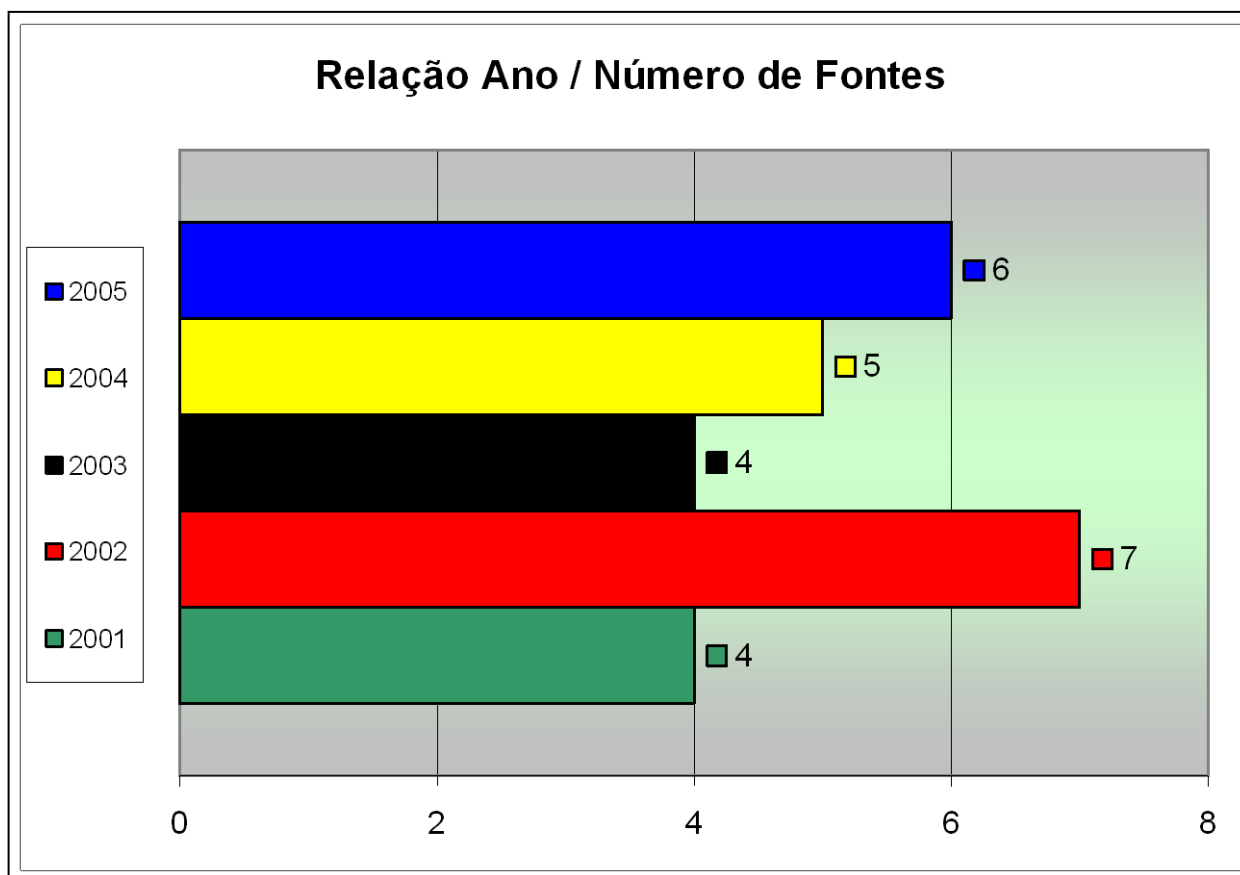
Uma vez que esta pesquisa não se propõe apresenta nenhuma generalização dos resultados para aplicação em outras populações fora do universo analisado, a validade externa não foi considerada essencial para ser aqui trabalhada.

Como forma de validar a (2) análise teórica, foi criado um quadro apresentando os métodos de pesquisa nas ciências sociais e em turismo. A partir deste quadro, pudemos conceber um conjunto de métodos mais utilizados e classifica-los de acordo com as fases proposta por DENZIN & LINCOLN (2001). Este quadro final, deu origem ao roteiro para análise das Monografias. Pretendeu-se com isto, distinguir de forma sistemática, os paradigmas, métodos e técnicas de coleta de dados de acordo com os conceitos pré-definidos, uma vez que existem pequenas diferenças de conceituação entre os diversos autores consultados.

10 APRESENTAÇÃO DOS DADOS E ANÁLISE

Este capítulo apresenta um resultado da pesquisa que compõe este trabalho. Analisa-se os paradigmas de pesquisa, as estratégias utilizadas bem como os instrumentos de coleta de dados mais utilizados e as formas de tratamento utilizadas na análise dos dados, seguidas de um breve comentário sobre os resultados encontrados.

Gráfico 1 – Relação Ano/ Número de fontes pesquisadas.



O gráfico acima apresenta o número total das monografias pesquisadas distribuídas por ano. Do ano 2001 foram selecionadas 04 (quatro) monografias. Do ano de 2002, 07 (sete) monografias foram selecionadas; 04 (quatro) em 2003 seguidas de 05 (cinco) e 06 (seis) respectivamente em 2004 e 2005.

10.1 Análise dos Paradigmas da Pesquisa

a) Definições das tipologias de acordo com os autores analisados;

Histórico: lida com a busca pela reconstrução da história ou de algo, seja ela atividade política, reforma educacional, conjunto de idéias que se destacam na atualidade ou programa curricular. Quaisquer conjuntos de eventos

que a dissertação esteja tentando reconstruir é histórica no foco e, geralmente, utiliza os métodos de reconstrução histórica e análise. (DENZIN E LINCOLN 2001).

Descritivo ou também chamado de Demográfico: tais dissertações buscam utilizar uma grande base de dados (freqüentemente quantitativa, mas não necessariamente) para caracterizar um segmento ou seguimentos de uma determinada população, como por exemplo, preferências, hábitos, gostos ou características. São utilizadas quando os objetivos são as descrições sistemáticas, factuais e acuradas. O investigador mede o objeto de interesse assim como ele existe no mundo. (DENZIN & LINCOLN 2001) (COSTA 2001) (REJOWSKI 1997) (RITCHIE & GOELDNER 1994) (DENCKER 2001)

Teórico: tais dissertações têm como objetivo, contribuir para uma disciplina, teoria ou conjunto de idéias. O trabalho em si é de adicionar, uma vez que busca fazer uma afirmação sobre o estado da arte em algum campo, algum conjunto de teorias ainda não integradas ou alguma disciplina. Tais trabalhos freqüentem ente são feitos como forma de lidar com hipóteses de algum campo de estudo. (DENZIN & LINCOLN 2001)

Exploratório: estudos que têm como objetivo principal desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e idéias, propondo a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores; são realizados especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionais; muitas vezes constituem a primeira etapa de uma investigação mais ampla. É flexível o suficiente para se buscar relações entre os diversos aspectos de uma pesquisa. (COSTA 2001) (REJOWSKI 1997) (RITCHIE & GOELDNER 1994)

Explicativo: Tem como preocupação central identificar os fatores que determinam, ou que contribuem para, a ocorrência dos fenômenos. Pode ser a continuação de uma pesquisa descritiva, posto que a identificação dos fatores que determinam um fenômeno exige que este esteja suficientemente descrito e detalhado. (REJOWSKI 1997) (DENCKER 2001)

Estudos Culturais: campo complexo e interdisciplinar que engloba a teoria crítica, feminismo e pós-estruturalismo. Assume que o mundo real provoca uma diferença material em termos de raça, classe e sexo. (DENZIN E LINCOLN 2001)

Causal: Determina a causalidade entre variáveis utilizando a pesquisa experimental, que é um método altamente controlado e que tenta demonstrar a existência causal no relacionamento entre uma ou mais variáveis independentes (COSTA 2001) Positivista - Corresponde às pesquisas experimentais, com verificação de hipóteses e utilização de métodos quantitativos. Acredita-se que assim é possível encontrar as verdades reais. São de caráter objetivista e acreditam totalmente nos métodos. (DENZIN & LINCOLN 2001)

Pós-positivista: Utiliza-se de métodos estatísticos, mas raramente apresenta suas conclusões nesses termos. Tende a ser mais crítica e subjetiva que o paradigma positivista pois acredita que os métodos refletem apenas parcialmente os resultados. Supõe uma visão teórica a priori e pode utilizar-se de métodos qualitativos de pesquisa. (DENZIN & LINCOLN 2001) (DENCKER 2001)

Construtivista-interpretativo: Assume que existem realidades múltiplas. O conhecedor e o sujeito criam entendimentos e um conjunto naturalístico de procedimentos metodológicos. (DENZIN & LINCOLN 2001) (DENCKER 2001).

Teoria Crítica: é uma abordagem essencialmente relacional, investigando as ações humanas e suas relações com a estrutura social e a cultura, assim considerando os fatos históricos. É subjetivista e dialética e com isso vai moldando a realidade do objeto. As idéias, métodos e obras dos Teóricos Críticos dos anos 30, influenciaram na forma como muitos pesquisadores vêem o relacionamento entre a teoria, a cultura e a sociedade, analisando a integração do capitalismo, novos agentes sociais e os indivíduos. (DENZIN & LINCOLN 2001) (DENCKER 2001).

Desconstrutivo: tais dissertações buscam "desconstruir" ou analisar no nível dos valores subjacentes - um ou mais textos, documentos ou políticas. Foucault é um bom exemplo da análise desconstrutiva porque está sempre tentando "ler" quais os procedimentos e políticas particulares de um determinado procedimento pelo que existe no relacionamento entre o indivíduo e o Estado. Utilizase de métodos dialéticos e hermenêuticos. São subjetivos e relativistas. (DENZIN & LINCOLN 2001).

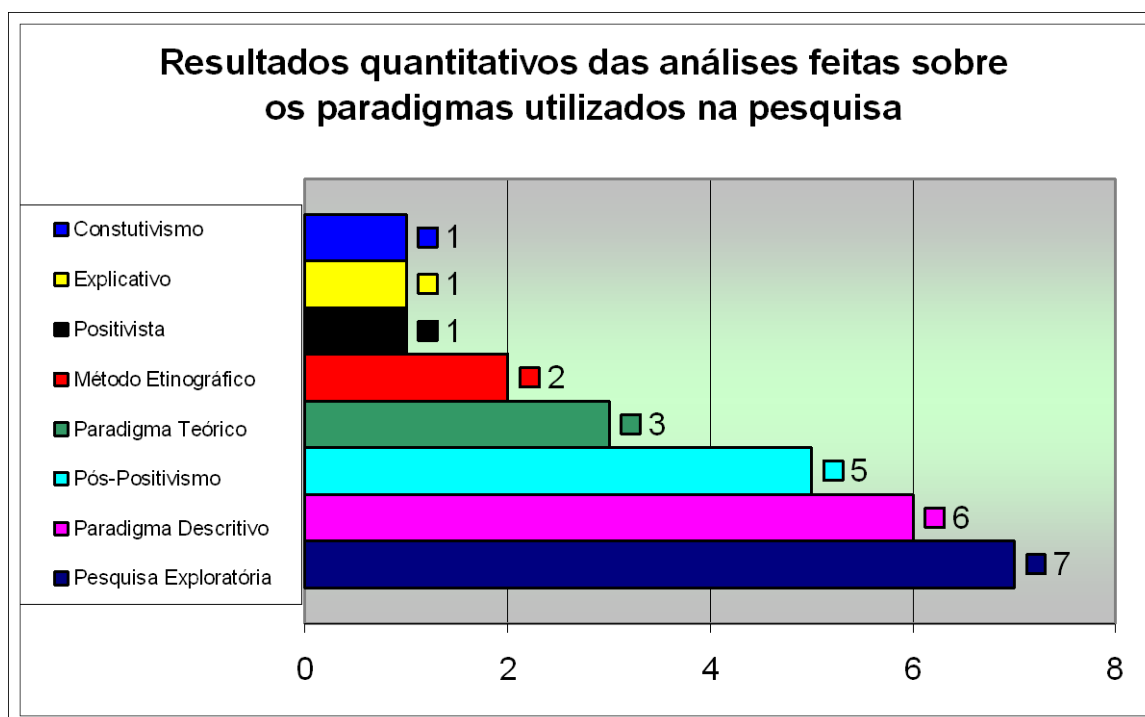
Além destes, tem-se, também, os paradigmas de pesquisa, como o Hermenêutico, os Discursos racionais e os Modelos marxistas, entre outros. Ainda pouco utilizados nestes tipos de trabalho e área do conhecimento.

b) Resultados encontrados na pesquisa:

O gráfico 2 (abaixo), nos mostra o resultado da pesquisa apontando a frequência com que os paradigmas da pesquisa foram utilizados na amostra coletada (ver também quadro 11).

No curso de Turismo da UFMA no total das monografias pesquisadas na amostra (26), nota-se que a pesquisa exploratória foi as mais utilizadas sendo que das (26) monografias, sete (07) as utilizaram (27%). Em seguida o paradigma descritivo foi o mais utilizado, totalizando seis (06). O pós-positivismo cinco (05) vezes, seguindo do 4º colocado, o paradigma teórico, que foi utilizado por três (03) pesquisadores. Na 5ª colocação ficou o método etnográfico (2 vezes) enquanto o método positivista, explicativo, e construtivismo apareceram apenas como uma frequência.

Gráfico 2 – Resultados quantitativos das análises feitas sobre os paradigmas utilizados na pesquisa



Em nossa pesquisa de embasamento teórico sobre autores que fizeram análises semelhantes as nossas é digna de nota a pesquisa feita por REJOWSKI (1999:77), que denominou os paradigmas de “tipo de pesquisa”, e, na análise das dissertações e teses de turismo originados de programas de mestrado e Doutorado de diversas áreas do conhecimento, como geografia, sociologia e economia, entre outras, foram encontrados os seguintes resultados: Exploratória;

64 (62, 65%) e exploratória descritiva = 2 (1,96%). Ver gráfico abaixo:

10.2 Análise das Estratégias de Pesquisa

a) Definições das tipologias de acordo com os autores analisados

Estudo de caso: O estudo de caso é utilizado na área da psicologia e sociologia, planejamento urbano, pesquisa organizacional, bem como para a condução de dissertações e teses nas áreas de administração, gestão e trabalho social. A definição técnica de estudo de caso dada por YIN (1994) é "um questionamento empírico que investiga um fenômeno em seu contexto real, especialmente quando o contexto e seus limites não são claramente evidentes... lida com situações distintas na qual existirá muito mais variável de interesse" Um estudo de caso pode ser feito a partir de um único caso ou de vários. Enfatiza o entendimento de um caso em específico, ao invés de buscar generalizações de seus resultados. (REJOWSKI 1996) (RITCHIE & GOELDNER 1994) (DENZIN & LINCOLN 1994) (YIN 1994).

Survey: estudos para grandes ou pequenas populações. O estudo da amostra desta população visa descobrir a incidência relativa, a distribuição e a inter-relação das variáveis. São feitos quando não é possível atingir toda uma população. Os métodos mais comuns de coleta para esta estratégia é a pesquisa por telefone, envio de questionário por correio e pesquisa computadorizada. (DENZIN & LINCOLN 1994) (RITCHIE & GOELDNER 1994).

Pesquisa de Campo: Este tipo de estudo é similar ao *Survey*, porém, normalmente não envolve teste de variáveis independentes, exceto quando se utiliza de métodos estatísticos. A Pesquisa de campo utiliza-se de entrevistas, observações e questionários; é mais aprofundada e busca descobrir os significados das variáveis e as relações existentes entre elas. (DENZIN & LINCOLN 1994)

Pesquisa bibliográfica: o estudo é feito a partir de material já existente, sejam eles, artigos científicos, livros e textos. Existem as pesquisas puramente bibliográficas, onde se pretende comparar autores ou analisar a fundo um conceito, entre outros, como também pesquisas empíricas que se utilizam de pesquisa bibliográfica para fundamentar, conceituar a análise e auxiliar na construção do instrumento de pesquisa bem como pesquisa bibliográfica que se utiliza de exemplos reais para complementar o estudo (DENZIN E LINCOLN 2001)

Teoria fundamentada (*Grounded theory*): é uma forma de se desenvolver uma teoria que emerge dos dados que vão sendo sistematicamente

levantados e analisados. A teoria vai surgindo pela contínua comparação entre os dados e sua análise também pode ser vista como um método de contínua comparação. Utiliza-se geralmente de entrevista, observação e pesquisa em documentos, bem como análises qualitativas e quantitativas. Seus precursores são GLASER & STRAUSS em 1967.

Método biográfico (História de vida): Busca documentar ou relatar a história de vida de uma pessoa, são geralmente narrativos, pessoais e objetivos. Método histórico: estuda um contexto histórico através do levantamento de dados em censo, jornais, cartas e documentações antigas. Requer uma análise interpretativa para que se possa compreender os fatos e relatá-los. (DENZIN & LINCOLN 2001) (REJOWSKI 1997).

Pesquisa Ação e pesquisa aplicada (*Action Research*): é um tipo de pesquisa realizada com participantes em seu ambiente natural, onde os pesquisadores tentam estudar suas ações e problemas de forma científica, guiando, corrigindo e avaliando ações. Os passos deste processo de pesquisa são três:

- a. planejamento e reconhecimento;
- b. ações a serem tomadas e
- c. análise dos resultados das ações tomadas.

Pode ser vista como uma pesquisa qualitativa, informal, reflexiva, e experimental onde todos os indivíduos envolvidos no estudo estão conscientes da pesquisa e procuram contribuir com ela. (DENCKER 2001).

Observação participante: faz-se necessária quando a preocupação do pesquisador é investigar a experiência de indivíduos, como pensam, sentem e agem. Para isso, a forma mais confiável de se obter tais informações é compartilhar de suas experiências.

Assim, a observação inicial toma-se o ponto de partida para a formulação de questões simples ou complexas. Existem quatro tipos de envolvimento do pesquisador: (1) O participante completo: que opera de forma encoberta, concentra toda a sua intenção de pesquisa na observação do cenário; (2) O participante como observador: que cria relacionamentos e participa nas atividades, mas não faz segredo de sua intenção de observar os eventos; (3) O observador como participante, que mantém apenas contato com os indivíduos estudados através de perguntas; (4) Os observadores completos, que meramente ficam por trás de todos os acontecimentos. (BOGDAN, 1984).

Etnografia: Para Atkinson (DENZIN & LINCOLN, 2001; 248) Etnografia geralmente se refere a formas de pesquisa social que têm: (1) forte ênfase em explorar a natureza de um dado fenômeno ao invés de estabelecer teste de hipóteses; (2) tendência a trabalhar com dados não estruturados; (3) investigação de um pequeno número de casos ou apenas um; e (4) análise de dados que envolvam interpretação de significados.

De acordo com PATTON (1990) a pesquisa etnográfica oca na questão "Qual a cultura do grupo de pessoas a serem estudadas?".

O método está substancialmente ou parcialmente apoiado na observação participante. Segundo SAUDERS (citado por BORTHWICH; 1994), "Etnografia no contexto da comunicação e estudos culturais, é um método de pesquisa de campo, originado da antropologia, onde o pesquisador busca adentrar na cultura de um grupo em particular e entender os significados e atividades a partir do seu interior".

Fenomenologia: É a tentativa de uma descrição direta da nossa experiência tal como ela é, sem nenhuma interferência e explicações do cientista. A fenomenologia sofreu algumas adaptações quando foi transposta da filosofia para o âmbito da pesquisa.

A partir de sua utilização por KARL JASPERS em 1913, consolidouse ao longo das décadas seguintes como uma ferramenta de pesquisa qualitativa. Esse método de investigação é utilizado quando se deseja conhecer fenômenos importantes de vários contextos. Em qualquer momento em que se queira dar destaque à experiência de vida das pessoas e como os seres humanos constroem e dão significado às suas ações, o método de pesquisa fenomenológico pode ser apropriado.

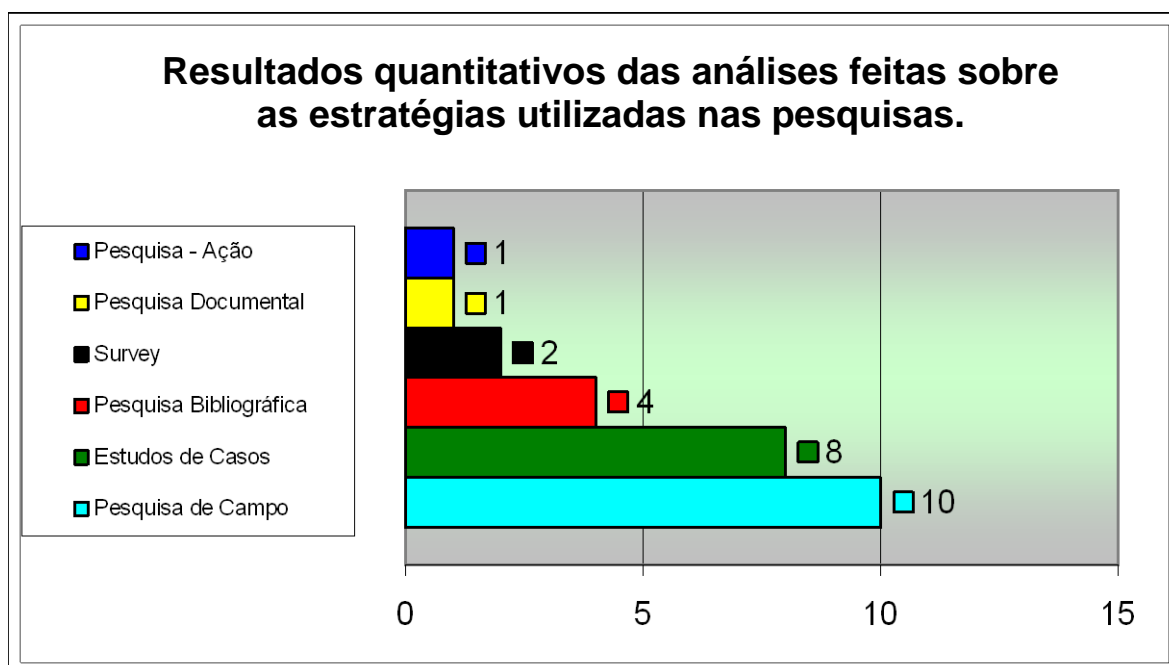
Etnometodologia: Este termo foi criado por HAROLD GARFINKEL em 1967. A etnometodologia foca na rotina e nos detalhes do dia a dia. (DENZIN & LINCOLN; 2001, 264). "Do ponto de vista da etnometodologia, o mundo dos "fatos sociais" é alcançado pelo trabalho interpretativo de seus membros - atividade esta a qual atores organizam as próprias circunstâncias da vida diária".

Experimentos em Laboratório e Campo: Método controlado que busca determinar as existências de relações causais entre variáveis. No experimento em Laboratório é feito um isolamento físico do objeto a ser pesquisado, as variáveis vão sendo manipuladas individualmente, enquanto nos Experimentos em Campo as variáveis vão sendo testadas em seu ambiente natural. (RITCHIE & GOELDNER

1994) (COSTA 2001).

b) Resultados encontrados na pesquisa: Quanto às estratégias de pesquisa, de acordo com o Gráfico 3 (abaixo), pode-se notar que as 26 monografias analisadas a pesquisa de campo foi a mais utilizada, com dez (10) utilizações cada uma. Em seguida aparece o estudo de caso com oito utilizações cada uma. A pesquisa bibliográfica foi utilizada quatro vezes. Durante a investigação encontramos dois *Survey*, e por fim apareceram a pesquisa documental e a pesquisa-ação com uma utilização cada (Ver também quadro 11).

Gráfico 3 – Resultados quantitativos das análises feitas sobre as estratégias utilizadas nas pesquisas.



10.3 Análise dos Métodos de Coleta

a) Definições das tipologias de acordo com os autores analisados

Observação de documentos e registros: materiais escritos que servem como fontes de informação, ex.: Arquivos Particulares e/ou Públicos, Fontes Estatísticas, Fotografias e vídeos, jornais e revistas.

Análise Textual: análise em bibliografia publicada que tenha relação direta ou indireta com o tema em estudo, que forneça ao pesquisador uma base teórica sobre o assunto em questão.

Entrevista: busca descrições ou opiniões do entrevistado com respeito a interpretação e significados de um determinado fenômeno. O pesquisador fica frente

a frente com o entrevistado e através da fala são coletados os dados necessários. A entrevista pode ser para confrontar dados já existentes, levantar sentimentos, opiniões, problemas etc. Pode ser estruturada, seguindo um roteiro pré-estabelecido, ou não estruturada, dando total liberdade ao entrevistado em falar sobre o assunto.

Observação: examina fatos ou fenômenos pela observação, ou seja, vendo, ouvindo e participando ou não da realidade estudada. Através da observação pode-se conhecer as influências que atuam no comportamento de indivíduos as quais os próprios não têm consciência. (Ritchie e Goeldner 1994)

Questionário: instrumento composto por perguntas ordenadas, que devem ser respondidas pelo entrevistado sem a intervenção do entrevistador. Anexo ao questionário segue uma carta explicando a natureza da pesquisa e informação sobre forma de preenchimento. Pode ser enviado por correio, meio eletrônico, etc.

Formulário: instrumento composto por perguntas ordenadas, que devem ser respondidas na presença do pesquisador e anotadas ou gravadas pelo pesquisador. Existe interação entre ambos.

Grupos de Discussão (*Focus groups*): grupos organizados pelo pesquisador onde a questão da pesquisa é levantada e discutida. Em geral, as reuniões são gravadas ou mesmo filmadas para posterior análise. Registros visuais: corresponde à utilização de documentação fotográfica, imagens, filmes ou lendas. Às vezes, o método é utilizado juntamente com observação e entrevistas para a reconstrução do cenário da pesquisa.

Experiência pessoal: O método assemelha-se ao método da observação participante, porém, os dados são extraídos do próprio pesquisador que já viveu em algum momento os fatos relatados. Através deste método, o pesquisador compartilha com os leitores suas experiências e conhecimentos e ao mesmo tempo as analisa com maior profundidade e formalidade.

Outros métodos de coleta de dados como a técnica Delphos (Gee 1999) (Fayos-Solá, 1997; 38), também são utilizados na pesquisa em Turismo.

b) Resultados encontrados na pesquisa

Como algumas estratégias de pesquisa envolvem diversos métodos de coletas como na estratégia de estudo de caso, por exemplo, buscou-se destacar os dois mais utilizados em cada trabalho.

Nas vinte e seis (26) monografias utilizadas como amostra, a entrevista foi a técnica mais utilizada de coleta de dados aparecendo doze (12) vezes. As

técnicas de questionários e métodos visuais cinco: (05) vezes. Os documentos aparecem com seis (06) utilizações cada uma. A observação participante aparece três vezes, o formulário três e por fim a observação não participante e os testemunhos de informação uma vez cada (Ver também quadro 11).

Freqüentemente estes instrumentos aparecem combinados a outros como por exemplo: Questionários e entrevistas, Questionários e formulários, Entrevista e observação.

No quadro abaixo pode-se ver maiores detalhes das combinações descritas acima:

Quadro 6 – Resultado numérico dos métodos de coleta encontrados em nossa pesquisa (instrumentos de coletas de dados).

Método de Coleta de Dados	Freqüên cia
Questionários	04
Entrevista	03
Documentos/Métodos Visuais	02
Entrevista/ Observações Participantes	01
Entrevista / Documentos	01
Métodos Visuais / Observação Participante	01
Entrevista/ Observação não participante	01
Entrevista/ Testemunho	01
Métodos Visuais / Entrevista	02
Documentos / Questionários	01
Documentos	02
Formulários / Entrevista	01
Observação Participante	01
Formulário	02

10.4 Resultado Quanto à Análise dos Dados

a) Definições das tipologias de acordo com os autores analisados

Comparativa: análise de um dado fenômeno ou sujeito, sua comparação com fenômenos que apresentem características similares, mas que sejam distintos entre si. São utilizadas em pesquisas feitas em diferentes locais ou países, com

diferentes amostras, ou diferentes ambientes sócioeconômicos.

Expositiva: são análises cujo foco principal é descrever os resultados obtidos da pesquisa de campo, são detalhadas, objetivas e acuradas. Alguns autores denominam de análise descritiva.

Narrativa - análise bastante utilizada em áreas como educação e psicologia, são resultados da utilização de estratégias de pesquisa como História da Vida ou Método Biográfico. O texto geralmente é narrado em primeira pessoa e a presença do narrador é marcante.

Interpretativa: a análise interpretativa possui características da pesquisa expositiva, narrativa e crítica. Em geral, os dados da pesquisa são apresentados de forma descritiva mas são analisados do ponto de vista do pesquisador, sendo influenciados pela sua visão do mundo e experiência pessoal.

Crítica: análise com forte influência do pesquisador, onde este busca analisar valores de ações e políticas. É freqüentemente decorrente de uma experiência pessoal do pesquisador na área pesquisada. No Turismo são utilizadas principalmente em temas como Impactos ambientais e Ecologia, bem como pesquisas normativas.

Computadorizada: o computador era de grande ajuda em pesquisas quantitativas, análises estatísticas e gráficos, como por exemplo, o Excel (Microsoft), Minitab e SPSS. Atualmente, o computador também pode ser útil na análise de dados qualitativos através de softwares de análise de conteúdo. Alguns dos mais utilizados em pesquisas qualitativas são: E *Hypercard (Apple Corp)*, NUD-IST - *Qualitative Solutions and Research, The Ethnograph.(qualis research associates)*. (DENZIN & LINCOLN 2001)

Diagnóstico: busca desenvolver práticas ou formas de atuação em relação a propostas, proposições de alternativas, sugestões de medidas e ações, classificações, desenvolvimento de possíveis estratégias e proposições de medidas de eficácia, entre outros.

Teste de Hipóteses: presente nas pesquisas quantitativas, com base a priori, busca provar estatisticamente um dado fenômeno.

Estatísticas: análises feitas utilizando-se de cálculos estatísticos, para determinar as correlações entre as variáveis, entre outros. São utilizadas na Pesquisa em Turismo para calcular demanda e tendências.

Comprobatórias: são as análises que buscam comprovar teses ou

premissas. Diferem-se do Teste de Hipótese por serem qualitativas. Geralmente o pesquisador já tem conhecimento sobre a área mas não possui dados que comprovem suas observações.

Conteúdo: são as análises feitas a partir de respostas abertas. As respostas são gravadas ou anotadas pelo pesquisador para posterior análise. Também são feitas a partir de textos e discursos impressos. Utiliza-se da contagem de palavras, categorizações das respostas, e outros esquemas de análise.

b) Resultados encontrados na pesquisa:

Quando a análise de dados nota-se que análise por diagnóstico e as descritiva/expositiva são as que mais se destacam, com nome e sete utilizações respectivamente, seguidas pela análise interpretativa (04), comparativa e de conteúdo/discurso (duas cada uma delas) e o restante, estatística crítica e o de modelo tipologia aparecendo uma vez cada. (Ver também quadro 11)

O quadro abaixo serve para descreve melhor análise acima:

Quadro 7 – Resultado numérico dos métodos de análise de dados encontrados em nossas pesquisas.

Método de Análise de Dados	Frequência
Descritiva (Expositiva)/ Análise Crítica	1
Estatística / Descritiva (Expositiva)	1
Diagnóstico	9
Descritiva (Expositiva)	5
Interpretativa	4
Comparativa	4
Conteúdo / Discurso	2
Modelo / Tipologia	1

Quadro 8 - Resultados da Pesquisa por Tipo de Estudo com Base na Tipologia Apresentada por Rejowski (2002) com algumas Adaptações de nossa parte

Tipo de estudo	Monografias	
	Nº	%
Análise: Decompõe parte(s) de um todo, visando conhecer sua natureza, proporções, funções, relações etc. Análise comparativa, econômica, crítica, mercadológica, diagnóstica, climatológica, de comunicação, de desempenho e do consumidor	12	46,2%
Estudos de caso: Enforca um caso (numa região, cidade, local, instituição, grupo etc.) Normalmente diagnostica o problema indicando soluções	6	23,0%
Modelos: Constrói ou adapta modelo (metodológico, matemático, estatístico, teorométrico) a ser aplicado ou não como regra de análise	1	3,9%
Programa: Formula ou avalia programa(s), planos(s) ou projeto (s)	3	11,5%
Classificações: Elabora sistema classificatórios de elementos de um todo (classificações ambiental, da demanda, tipologia)	2	7,7%
Estudos compreensivos: Busca compreender os elementos que compõem o todo, baseados em bibliografia, documentos ou depoimentos	2	7,7%
Total	26	100%

A análise por tipo de estudo trouxe os seguintes indicadores: A produção máxima (12) é de análises, seguida de uma considerável produção de Estudos de Caso (06). Os programas registraram apenas 03 (três) produções, seguidos de Classificações e Estudos Compreensivos, com 02 (duas) cada. E por fim tivemos apenas 01 (um) estudo do tipo Modelo.

Dentre todos os tipos de análise classificados, a análise de Diagnóstico é a mais preferido pelos pesquisadores – 33,32% de todas as análises. As análises do tipo Comparativa, Mercadológica, de Comunicação e Econômico figuraram com

apenas 02 (duas) produções cada perfazendo um total de 66,68%.

Quadro 9 - Resultados da Pesquisa por Tipo de Análise com Base na Tipologia Apresentada por Rejowski (2002), com Algumas Adaptações de Nossa Parte

Tipos de análise	N°	Dissertações e teses
		(%)
Comparativa	2	16,67
Mercadológica	2	16,67
De diagnóstico	4	33,32
De comunicação	2	16,67
Econômica	2	16,67
Total	12	100

Quadro 10 - Resultados da Pesquisa sobre as Monografias que Abordam a Temática de Gestão de Negócios Turísticos do Curso de Turismo da UFMA por assunto (temática) Utilizadas em nossa Pesquisa

Período: 2001/2005

Área do Conhecimento	Quantidade
Turismo de eventos	4
Turismo de Lazer	1
Turismo em Hotelaria/Restaurante	3
Turismo e Propaganda	2
Turismo e Agências de Viagens/Transportes	7
Marketing Turístico	4
Turismo Empresa	3
Planejamento Turístico	2
Total de áreas de conhecimento	26 exemplares

O conteúdo temático das monografias foi classificado por assunto com base no conteúdo dos documentos utilizados. Os temas preferidos pelos pesquisadores foram: Turismo de Viagem (agências e transporte), com 07 (sete)

produções, Marketing Turísticos e Turismo de Eventos, ambas com 04 (quatro) produções cada. Outras com menos freqüências foram Turismo/Empresa 03, Turismo Hotelaria / Restaurante 03 produções também, planejamento turísticos e turismo e propaganda, ambas com duas produções cada e por último turismo e lazer com apenas uma produção.

Quadro 11 - Resultados da Análise das Monografias

Nº	Título	Ano	Paradigma	Estratégia	Coleta	Análise
1	Transporte Turístico	2001	P 4	E 3	M1/M4	A4
2	Estudo do potencial Turístico do Marafolia	2001	P 8	E 6	M4/M10	A4/A7
3	Qualidade na prestação de serviços: um estudo sobre a satisfação dos clientes da TAM em São Luís	2001	P 4	E 6	M1/M4	A6
4	O lazer e o uso de práticas recreativas nas excursões rodoviárias das agências de viagens de São Luís	2001	P 12	E 9	M4/M11	A5
5	Análise Sistêmica: estudo de caso da Agência Trapiche	2002	P 3	E 6	M11	A8
6	A qualificação profissional do bacharel em turismo em São Luís	2002	P 4	E 4	M5	A11
7	A qualidade dos serviços nos restaurantes típicos de São Luís	2002	P 8	E 3	M1/M5	A4
8	Hotel Abbeville: estudo de caso do setor de eventos	2002	P 15	E 6	M4/M11	A6
9	Captação de Eventos: a sua importância para o desenvolvimento do turismo de eventos em São Luís	2002	P 8	E 3	M4	A8
10	Geração de emprego e renda nos meios de hospedagem em São Luís – Maranhão através da realização de eventos	2002	P 3	E 5	M10	A1/A4
11	Promoção Turística de São Luís no espaço cibernético: análise das funções serviços oferecidos pelos sites de promoção turística de São Luís na internet	2002	P 7	E 5	M10/M14	A5
12	Turismo Náutico: Uma oportunidade de Negócios para São Luís	2003	P8	E4	M2	A6
13	A qualidade na prestação de serviços dos condutores turísticos nos lençóis maranhenses	2003	P 5	E 6	M3/M4	A8
14	A opinião dos turistas sobre a qualidade do serviço do Flat em São Luís: estudo de caso do Parthenon Mont Blanc	2003	P 4	E 6	M1/M4	A8
15	O papel logístico das agências de viagens no setor de eventos em São Luís	2003	P 8	E 3	M4/M5	A4
16	Plano de negócios: como elemento norteador na formação e desenvolvimento de empreendedores turísticos	2004	P 7	E 4	M4	A8
17	Turismo para evangélicos: uma nova opção de segmentação turística	2004	P 8	E 3	M1	A8

18	Marketing Hoteleiro: descrição da Política de Marketing do Hotel Abbeville(São Luís-MA)	2004	P 1	E 6	M4/M10	A4
19	Slogans no Turismo: a consolidação da identidade turística de uma localidade através da propaganda	2004	P 3	E 3 / E 4	M5/M10	A10
20	A importância do Vão Charter para o Turismo em São Luís	2004	P 8	E 3	M5/M10	A6
21	Planejamento Estratégico de Marketing na hotelaria	2005	P 3	E 6	M1/M4	A8
22	Políticas de desenvolvimento do setor turístico: contribuições sobre incentivos financeiros para o desenvolvimento de projetos	2005	P 4	E 4 / E 11	M5	A8
23	Planejamento estratégico de marketing da TAM	2005	P 4	E 6	M2/M4	A4
24	O potencial turístico dos eventos evangélicos: uma perspectiva para a atividade turística	2005	P 8	E 3	M1/M5	A8
25	Empreendedorismo Turístico: uma alternativa no processo de desenvolvimento da cidade de Barreirinhas-MA	2005	P 3	E 3	M4/M7	A4
26	Uma Releitura do espaço dos Lençóis Maranhenses no discurso da Publicidade Turística	2005	P 15	E 3	M5/M10	A10

11 ANÁLISE DA BIBLIOGRAFIA UTILIZADA (NÍVEL TEÓRICO)

No nível teórico procuramos identificar os principais temas abordados nos documentos produzidos pelos pesquisadores, os autores mais citados, as principais críticas e as principais propostas.

11.1 Principais Temáticas Trabalhadas:

As principais temáticas trabalhadas foram:

Turismo de eventos com 04 (quatro) monografias trataram de captação, logística, micareta e um novo segmento turístico que é um turismo para evangélicos. Logo em seguida tivemos um marketing turismo; turismo no ramo hoteleiro; turismo em propaganda, turismo voltado para aviação todas com 03 (três), monografias cada uma. Em seguida tivemos transporte turísticos tratadas em 02 (duas) monografias. Por fim diversas outras temáticas como de turismo e qualidade de serviços; turismo e recreação, qualidade de serviços em restaurante, turismo e plano estratégico, política de captação de recursos financeiros.

11.2 Autores mais Citados

Os autores mais citados nos estudos por nós analisados, por ordem de frequência, foram: Miguel Angel Acerenza, Marília Gomes dos Reis Ansarah, Maragarita Barreto, Mário Carlos Beni, Dores Ruschamann, Miriam Rejowski, Geraldo Castelli, Philipp Fillion, Ada de F. Denker, Luís Renato Ignarra e Fernando Dolabella.

11.3 Uso da Literatura Estrangeira

A literatura estrangeira pouco esteve presente. Acreditamos que isso se deve pelo fato de ser a pesquisa em nível de graduação. A literatura espanhola foi a mais consultada seguida da inglesa e somente duas literaturas em francês foram citadas.

Com respeito às fontes de consulta a internet é a principal fonte depois do livro, seguida de revista e periódicos, depois fonte documentais (relatórios, estatísticas e anais, etc), logo em seguida vem as monografias jornais e as monografias, além de outras de menor incidência.

Em nível teórico/técnico algumas observações são dignas de nota como por exemplo: muitas das conclusões não foram apoiadas na literatura pesquisada; as descrições metodológicas em grande parte das monografias, não estiveram claramente definidas, não apontada o número das amostras. Em várias monografias freqüentemente encontramos citações onde os autores não apresentam-se nas

referências, sem contar com alguns casos de incoerência de datas entre o texto da citação e data nas referências bibliográficas.

11.4 Principais Propostas

No que se refere as principais propostas apresentadas pelos autores podemos citar, no universo particular de cada temática:

- a) Criação de sites na internet que possuam banco de dados sobre os vários serviços turísticos;
- b) Que seja dado mais importância a frequência e qualidade de eventos turísticos;
- c) Que se seja criado uma proposta para captura de eventos turísticos;
- d) Que sejam criados cursos *lato-sensu* voltado para a formação de administradores e o empreendedores no ramo turístico;
- e) Que haja cursos de capacitação para condutores turísticos, Garçons, Cozinheiros, e pessoal de atendimento;
- f) Que o pessoal de turismo se especialize no segmento de turismo para evangélicos no sentido de satisfazer-lhes suas necessidades físicas emocionais e psicológicas.

12 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo do conhecimento da investigação epistemológica deve ser caracterizado pelo desvelamento do objeto, não de forma fragmentária e/ou fragmentada, como se numa perspectiva unilateral as respostas ao problema suscitado se mostrassem suficientemente contempladas; muito pelo contrário. Esse toma como sustentação maior a totalidade do objeto, escrutinando os domínios conceituais e metodológicos que, desvelando a abrangência contextual da problemática levantada, possibilita tanto a explicação, a descrição, a compreensão, como também encaminhamentos recorrentes como críticas ou contribuições alternativas a uma dada realidade.

Depois do desenvolvimento de nossa pesquisa em profundidade, concluímos que o estatuto científico não deve estabelecer sua “concepção de verdade” na perspectiva de um único paradigma, como já o afirmamos, pois além de tal postura ser contrária à definição do Próprio homem como homem (um ser sempre em busca de si e de novos conhecimentos e reocupado em tornar a sua realidade mais integrada) e de suas construções, classifica a ciência como limítrofe e reducionista.

A esse respeito, COSTA (2001) alerta que quando se enfatiza unilateralmente certo paradigma como o único capaz de explicar e investigar significativamente toda a produção humana, menosprezando-se “outros olhares” e “outras perspectivas” ou mesmo quando se lança mão indiscriminadamente de várias tendências paradigmáticas no estudo de um fenômeno relativizando-as (sem rigor e aprofundamento científicos), o investigador estará à mercê de, pelo menos, dois riscos:

1. O primeiro se refere a uma visão muito desfocada de seu contexto maior, contexto que requer diferenciadas leituras e sobre diversas perspectivas e;

2. O segundo, é o perigo do relativismo que não deve ser confundido com a pluralidade epistemológica, justamente porque, no relativismo a tônica central é o princípio da permissividade científica (*laissez-faire, laissez-passer*), na pluralidade epistemológica cada vertente paradigmática passa pelo crivo o rigor científico que, por sua vez, não se conduz de forma aleatória, mas é norteado por certos princípios justificadores de sua relevância no pensar e fazer. científicos.

Dessa maneira, sim, a pluralidade epistemológica tem validade, pois no rol do trabalho científico vai considerando a relevância de cada tendência paradigmática, mediante o enfoque que o pesquisador pretender trabalhar com seu objeto de estudo. A partir daí, portanto, se exime de entender a investigação científica pela via de mão única, simplista e fragmentadora.

O caráter parcimonioso presente em muitos trabalhos científicos, exaltando muitas vezes, somente a competência técnica como caminho único ao desenvolvimento da pesquisa, impossibilita esse diálogo e interrompe o processo emancipatório do homem, que a própria ciência se propõe a estabelecer (DEMO, 1999, p. 44).

Essa ampla visão nos foi possibilitada pelo aprofundamento investigativo da pesquisa epistemológica que, como denuncia SEVERINO (1996), é um campo ainda não muito trabalhado e, por isso mesmo, o volume pouco expressivo de produção científica no Brasil. Dessa maneira, abrem-se oportunidades consideráveis de estudo nesse campo específico, cujo objetivo deverá ser pautado pela vontade de desvelar a pesquisa científica nos seus multidimensionais aspectos, fornecendo elementos concretos aos pesquisadores, em geral e, em particular, aos pesquisadores que contribuam para uma profícua atitude crítico-reflexiva no desenvolvimento da pesquisa epistemológica.

Dentre os inúmeros problemas que ainda não foram estudados em profundidade, selecionamos três que poderão despertar nos pesquisadores a necessidade de trabalhá-los:

1. Na construção da pesquisa científica, quais conhecimentos do domínio metodológico e do domínio conceitual são necessários ou imprescindíveis à prática-relexiva do pesquisador ?

2. Em que medida os cursos de pós-graduação no Brasil, em nível de mestrado e doutorado, preocupam-se efetivamente com a formação epistemológica dos seus alunos no que tange à pesquisa acadêmica ?

3. Na opinião de alunos, professores e coordenadores de programas de pós-graduação (mestrado e doutorado), quais ações são necessárias para fortalecer epistemologicamente a produção científica no Brasil ?

A pesquisa é antes de tudo (DEMO, 1999) um processo mobilizado para e pela emancipação do homem como agente histórico, e por isso mesmo é considerada como princípio científico e educativo que se desdobra para além de

conhecimentos definitivos, assumindo uma postura de busca constante, onde o conhecimento não é um fim em si mesmo e nem tem caráter dogmático, mas é inacabado, é aproximado. Durante todo o percurso desse trabalho pautamo-nos por essa orientação como fio condutor, procurando estabelecer os nexos necessários entre os aspectos lógicos e históricos e entre a multidimensionalidade da pesquisa epistemológica e o contexto da produção científica no Brasil, o que nos deu o suficiente suporte para percebermos a relevância dessa construção e de sua preocupação em articular o desarticulado

12.1 Principais descobertas e conclusões

Através da pesquisa, muitas outras informações foram coletadas. O tema é abrangente e o objeto de pesquisa é complexo. Aparentemente alguns dados coletados podem não ter ligação direta com o objetivo da pesquisa, mas foram fundamentais para uma compreensão mais abrangente sobre a situação atual da pesquisa acadêmica em turismo e o pesquisador como um todo, seguindo a proposta inicial de desenvolver este estudo a partir de uma análise sistêmica. Primeiramente, decidiu-se por organizar os dados e as conclusões a partir de várias questões por nós levantadas em nosso trabalho, para que posteriormente pudessem ser feitas as considerações finais, o que não significa, de forma alguma, o esgotamento deste assunto mas sim sugerir, propostas para novas pesquisas.

12.2 Principais metodologias de investigação científicas aplicadas na pesquisa em Gestão de Negócios Turísticos

Esta questão foi respondida baseada nos dados colhidos da análise das Monografias que tratam de assuntos relacionados à Gestão de Negócios Turísticos. Para este tipo de análise foi necessária a leitura de diversos autores de metodologia de pesquisa, a comparação entre eles e a criação de um roteiro de análise e definição das diferentes tipologias. A forma de análise foi baseada nas fases de pesquisa de DENZIN & LINCOLN (1994), além de outros, e os resultados foram apresentados no Quadro 11.

Agregando os dados das Monografias, e apresentando sempre as quatro principais metodologias que mais se destacaram, nota-se que quanto ao paradigma de pesquisa, tem-se em primeiro lugar de utilização o Paradigma Exploratório, seguido do Descritivo, Pós-positivista e o Teórico.

Quanto à Estratégia de Pesquisa, a mais utilizada é a Pesquisa de Campo, seguida do Estudo de Caso, Estratégia Bibliográfica e *Survey*. Quanto ao

Método de Coleta de Dados, nota-se que a maioria utiliza-se de mais de um método de coleta de dados combinados entre si. Diversas estratégias de pesquisa requerem a utilização de mais de um método, principalmente a Pesquisa de Campo, Estudo de Caso e Histórica. Os métodos de coleta de dados mais utilizados foram Questionários, Entrevistas, Documentos e Métodos Visuais e Entrevista juntamente com Métodos Visuais.

Quanto ao método de Análise de Dados, os mais utilizados foram Diagnóstico, Descritivo, Interpretativo e por último o Comparativo, o quadro abaixo resume os dados encontrados pela pesquisa:

Quadro 12 – Resultado da Pesquisa por Categorias de Análise

Paradigma de Pesquisa	Estratégia de Pesquisa	Método de Coleta de Dados	Método de Análise de Dados
1) Exploratório	1) Pesquisa de Campo	1) Questionários	1) Diagnóstico
2) Descritivo	2) Estudo de Caso	2) Entrevistas	2) Descritivo
3) Pós-positivista	3) Estratégia Bibliográfica	3) Documentos/Métodos Visuais	3) Interpretativo
4) Teórico	4) <i>Survey</i>	4) Entrevistas/Métodos Visuais.	4) Comparativo

12.3 Discussão Final

O trabalho aqui apresentado é resultado de grande envolvimento da autora com o estudo de Metodologia de Pesquisa. Este envolvimento foi resultado, além de um interesse pessoal, de uma série de pesquisas que levaram à necessidade contínua de aprendizagem e aprimoramento no uso de diferentes métodos de pesquisa.

As análises dos autores de metodologia e a comparação entre eles tem sido uma inquietação constante, uma vez que as tipologias dos métodos de pesquisa são sempre encontradas de formas distintas em cada um dos autores referentes a este assunto.

As Fases da Pesquisa sugeridas por DENZIN & LINCOLN (1994) impulsionaram esta tentativa de estruturar e conseqüentemente analisar a produção acadêmica em Turismo no Brasil. O objetivo desta pesquisa foi cumprido, porém a ciência sendo dinâmica, novos métodos surgem em diversos momentos. Métodos estes que devem ser analisados, testados e utilizados sempre que servirem para melhorar o conhecimento de determinado assunto.

A análise dos trabalhos acadêmicos pode variar dependendo da formação e visão do pesquisador. Também os trabalhos podem ser re-analisados a partir de outras perspectivas teóricas. Para tanto, novos métodos devem ser incluídos na lista exposta neste trabalho a partir do momento que passem a ser utilizados na pesquisa em turismo ou que sejam criados em função de algum tipo particular de pesquisa. Um dos pontos que deveria ser analisado em profundidade seria a influência do orientador e da disciplina de metodologia de pesquisa quanto à escolha do método.

O Orientador exerce um papel de grande importância para o resultado da pesquisa, tanto no sentido de incentivar e guiar o orientando, como em tornar agradável o processo de pesquisa, principalmente nos momentos mais complicados como a coleta de dados e as pressões quanto ao tempo para conclusão dos Programas.

Os Métodos de Pesquisa são muitos e é utópico imaginar que os Orientadores devam conhecer a fundo todos estes métodos. Por isso, defende-se aqui a importância de cursar uma disciplina de Metodologia de Investigação Científica, que forneça ao pesquisador meios para que cada um consiga encontrar a literatura apropriada para aprofundamento no assunto.

Também é importante para que o aluno possa discutir com os outros alunos suas dificuldades, suas dúvidas e formas adequadas de procedimento de pesquisa, compartilhando e assim ampliando seus conhecimentos quanto aos diversos métodos. Isto servirá de base tanto para a sua pesquisa como para a orientação de alunos em suas atividades profissionais de docência.

Outra questão que chamou a atenção durante a análise dos resultados refere-se à constante reclamação dos pesquisadores quanto à falta de literatura a respeito do assunto. No entanto, a partir da análise das referências bibliográficas nos trabalhos analisados, percebeu-se a reduzida leitura (citação) de obras em línguas estrangeiras. Embora a literatura em língua portuguesa não seja tão grande quanto à de outras áreas, a pesquisa em turismo em países como Inglaterra, Espanha, México, Austrália, entre outros, é extensa.

Certamente não é possível encontrar muitas pesquisas aplicadas ao Brasil ou ao problema local, porém quanto ao tema que abrange, devem ser consideradas como contribuição à fundamentação teórica. Assim, percebe-se indícios de uma dificuldade na leitura de livros e periódicos em língua estrangeira, que não foi possível confirmar através desta pesquisa.

A utilização da Internet aumenta as possibilidades de compartilhamento de informações, bem como o conhecimento de trabalhos realizados nas diversas partes do mundo. No entanto tem sido pouco utilizada em pesquisas acadêmicas como referência bibliográfica. Em parte pode-se levantar a hipótese de que isto se deve à baixa credibilidade dada a Internet como fonte de informação para trabalhos científicos e acadêmicos.

Alguns autores como Ryan (1995) afirmam que a pesquisa em turismo tem forte ligação com o mercado e são guiadas por ele.

Assim, percebe-se indícios de que a pesquisa em Turismo no Brasil, especialmente em Gestão de Negócios Turísticos também sofre influências do mercado Turístico. Finalizando este trabalho, percebe-se que além de se responder às questões propostas, muitas outras foram formuladas. Acredita-se que esta é a força motriz que leva os pesquisadores a estarem sempre em busca de novas questões e novas respostas e conseqüentemente caminhar sempre em direção ao crescimento e aprimoramento das diversas áreas do conhecimento.

12.4 Limitações

As limitações desta pesquisa felizmente foram poucas, mas acredito que faça parte deste trabalho ressaltá-las. As limitações referem-se principalmente à coleta de dados. Pois poucos autores escrevem sobre a análise da produção científica na área de Turismo, e em especial na área de Gestão de Negócios Turísticos, onde acreditamos ser esta uma obra *sui generes*. Outra limitação foi relativa ao tamanho da amostra devido ao pouco espaço de tempo para um trabalho de largo espectro demandado por uma pesquisa dessa natureza.

12.5 Sugestões para Pesquisas Futuras

Seguem aqui algumas sugestões para Pesquisas Futuras ainda sobre o tema desta pesquisa, que não puderam ser abrangidas neste trabalho:

- Pesquisar os conteúdos programáticos das disciplinas de Metodologia de pesquisa tanto de graduação quanto de pós-graduação;
- Comparar as metodologias de pesquisa utilizadas no Brasil com a de outros países;
- Conhecer mais a fundo a relação orientador-orientando no que se refere à Metodologia de Pesquisa;
- Compreender as causas da reduzida utilização de pesquisa quantitativas em turismo no Brasil.

- Além de analisar as monografias, indagar também os autores sobre suas principais dificuldades, intenções, motivações, inspirações, etc;
- Que se estendam as pesquisas para o níveis de cursos lato e stricto sensu.

13 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1970.

ABBAGNANO, N. & VISALBERGHI, A. **História de la pedagogía**.. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.

ACOT, P. **História da ecologia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1990, 212 p.

ADES, C.. Treino em Pesquisa, Treino em Compreensão. **Psicologia: Ciência e Profissão**, I(1), 107 –140, 1981

ALMEIDA, L. M. do A. C. Sobre a Iniciação Científica ou Sobre a Difícil Tarefa de Formar Profissionais Críticos e Autônomos. **Anais do I Encontro de Iniciação Científica da USF**, 22-24, Universidade São Francisco, 1995

ALVES, A. J. Paradigmas de pesquisas em educação: uma avaliação dos desenvolvimentos recentes. ANPED, 1991.

ANDRÉ, Marli E. D. A. Técnicas qualitativas e quantitativas de pesquisa: oposição ou convergência **Cadernos CERU**, série II, p. 161-165, 1991.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. São Paulo: Cortez, 1995.

AUSUBEL, D. P. **Psicologia educacional**. 2. ed. Rio de Janeiro: Interamericana, 1978.

BARBOSA, Luiz G. **The economics aspects of an ecotourism development at Amazonas State**. 1998. Thesis (Master Degree) - Bournemouth University, UK.

BARDIN, L.. **A Análise do Conteúdo**. Lisboa: Edições Setenta, 1977.

BARIANI, I. C. **Estilos Cognitivos de Universitários e Iniciação Científica**, Tese de Doutorado, FE, Unicamp. 1998

BAZIN, M. J. **O que é Iniciação Científica**. **Revista de Ensino de Física**, 5(1), 81-88. 1983

BELLI, V. Ensino, valores e produção do conhecimento: a orientação de monografias no curso de graduação em pedagogia. In: X ENDIPE – ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO, Rio de Janeiro, 2000. **Anais...** Rio de Janeiro, maio./jun., 2000.527p., p. 407-408.

BETTOI, S. M. **O Pesquisar na Graduação: A Palavra do aluno de Psicologia sobre as Condições Presentes na sua Vida Acadêmica**. Dissertação de Mestrado, PUCCAMP, Campinas, SP, 1995

BOAVENTURA SANTOS, de S. **Um discurso sobre as ciências**. Porto: Afrontamento, 1995.

BOCHNIAK, Regina. Conversando com Ivani Fazenda sobre a confecção desta coletânea. In FAZENDA, Ivani. **Novos enfoques da pesquisa educacional**. São Paulo: Cortez, 1992.

BOGDAN, R. **Introduction to Quantitative Research Methods** . The Search for meanings. 2nd Edition. New York, John Wiley and Sons, 1984

_____. Roberto C. & BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.

BONFIM, E. de M. (Org.). **Coletâneas da ANPEPP**, Formações em Psicologia: Pós Graduação e Graduação, 1 (8), set., 1996.

_____. (org). **Diretrizes Para o Ensino de Graduação**: O Projeto Pedagógico da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, editora Universitária Champagnat, Curitiba, 2000.

BOTOMÉ, S. P. (org). **Diretrizes Para o Ensino de Graduação**: O Projeto Pedagógico da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, editora Universitária Champagnat, Curitiba, 2000.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BRANNER, Julia (ed) **Mixing methods**: qualitative and quantitative research. Aldershot: Avebury, 1992.

BRIDI, J. C. A. Desenvolvimento do Compromisso com o Curso ao Longo da Vida Universitária, **Relatório Final de Iniciação Científica PIBIC/CNPq**, Campinas, SP. 2000.

BROMLEY, d.b. **The case-study method in psychology and related disciplines** Chichester; New York: Wiley, 1986.

BRUGGER, Walter. **Dicionário de filosofia**. 3. ed. São Paulo: E. P. U, 1977.

BRUYNE, Paulo de. et alii. **Dinâmica da pesquisa em ciências sociais** : os pólos da prática metodológica. Ruth. 3. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, s/d.

BUENO, Cezar. A pesquisa científica no Brasil está em alerta. **Folha de Londrina**, Londrina, 20 nov. 1999. p. 2.

CALAZANS, J. (org). **Iniciação Científica**: Construindo o Pensamento Crítico, São Paulo : Cortez, 1999.

CARDOSO, T. **A Universidade da Comunhão Paulista**, São Paulo: Cortez, 1982.

CARVALHO, Maria Aparecida Vivan de Articulação pesquisa/ensino na universidade brasileira: o caso do Centro de Ciências Biológicas da Universidade Estadual de

Londrina. Londrina: Ed. da UEL, 1997. PUCCI, B. A indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. **Impulso**, v.5, n.10, p.33-42, 1997.

CASTANHO, S. E. G. Educação superior do século XXI: discussão de uma proposta. Caxambú, **ANPED/** 2000. Disponível em: <http://anped.org.br/> C. B. M. de. Avaliação em instituições de ensino superior. v.6, p.249-280, 1998.

CASSIANI, S. A. de B.; PASSARELLI, L. R. Pesquisa em enfermagem: um processo de ação da ação da enfermagem. **Revista Gaúcha de Enfermagem**. Porto Alegre, v. 20, n. 1 p. 91-110, Janeiro. 1999.

CAVALCANTI, Ilce Gonçalves Milet et al. Análise comparativa da produção científica entre as áreas sociais e tecnológicas. In: Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias, 10º, 2000, Florianópolis,SC. **Anais...** Florianópolis, 2000. [CD-ROM] ECO, U. Como se faz uma Tese. São Paulo: Perspectiva, 1983.

CIANCIARRULLO, T. I.; SALZANO, S.D.T. A enfermagem e a pesquisa no Brasil. **Revista da Escola de Enfermagem USP**, São Paulo, v. 25, n. 2, p 195-215, ago. 1991.

CIANCIARULLO, T. I; SALZANO, S.D.T. A enfermagem: um processo de ação da enfermagem. **Revista de Enfermagem**. Porto Alegre, v. 20. n.1, p. 91 – 110. jan.1999.

CHAUÍ, Marilena de Souza. Os ventos do progresso. **Revista Discurso**, n.8, p.31-56,1988.

_____. **Escrito sobre a universidade**. São Paulo: Vozes, 2001. 205 p.

CHURCHMAN, C.W. **Introdução à Teoria dos Sistemas**, São Paulo: Editora Vozes, 1972, p. 27.

COOK, T.D. & REICHARDT, C. S (org.). **Métodos cualitativos y cuantitativos en investigación evaluativa**. Madrid, Ediciones Morata, 1986.

_____. Hacia una superacion del enfrentamiento entre los métodos cualitativos y los cuantitativos. In COOK, T.D. & REICHARDT, C. S (org.). **Métodos cualitativos y cuantitativos en investigación evaluativa**. Madrid: Ediciones Morata, 1986.

COOPER, Chris et al. **Tourism Principles and Practice**. Melbourne, Australia: Longman, 1993.

COSTA, Maria Cristina Castilho. **Sociologia**: introdução à ciência da sociedade. São Paulo: Moderna, 1987.

COSTA, Sérgio F. **Método Científico – Os Caimnos da Investigação**. Ed. Habra, 2001.

CRONBACH, I.L. Beyond the two disciplines of scienfic psychology. **American Psychologist**, 30 (2) 116 , 127. 1975.

CUNHA, Luiz Antônio. **A universidade crítica: o ensino superior na república populista**. Rio de Janeiro: Francisco ALVES, 1983.

_____. Luís Antônio. **Qual universidade?** São Paulo: Cortez. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo), 1989.

_____. Universidade e sociedade: uma nova dependência? **Adusp**, n.9, p. 22 - 25, 1997.

DAMASCENO, M. N. A Formação de Novos Pesquisadores: a Investigação como uma Construção Coletiva a partir da Relação Teoria- Prática. In: CALAZANS, J. (org), **Iniciação Científica: Construindo o Pensamento Crítico**, São Paulo: Cortez 1999.

DEMO, Pedro. **Pesquisa: princípio científico e tecnológico**. São Paulo: Cortez, 1990.

_____. Qualidade e Modernidade da Educação Superior: Discutindo Questões de Qualidade, Eficiência e Pertinência. **Educação Brasileira**, 13 (27), 35-80, 1991a.

_____. **Qualidade e pesquisa na Universidade**. In: ENCONTRO DE DEMO, P. Qualidade e Modernidade da Educação Superior: Discutindo Questões de Qualidade, Eficiência e Pertinência. **Educação Brasileira**, 13(27), 35-80, 1991b.

_____. **Pesquisa: princípio científico e educativo**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

DENCKER, Ada de F. M. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Turismo**, 5. ed, São Paulo :Futura, 1998.

DENZIN, N, LINCOLN, Y, **Handbook of Qualitative Research**, Sega Publication, 2nd Edition, United States, 2001.

_____. **Handbook of qualitative researche**. Thousands Oaks: Sage Publications, 1998.

DESLANDES, S.F. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1994

DESTÁCIO, M.C. **Jornalismo científico e divulgação científica**. In: KRENINZ, G: PAVAN, C, (Org.). **Ética e divulgação científica**. São Paulo: NJR/ECA/USP). São Paulo, p. 93-102, (Coleção Divulgação Científica, v. 5), 2002.

DIAS SOBRINHO, José. **Avaliação institucional: integração e ação integradora**. Avaliação, v.2, n.2(4), p.19-29, jun, 1997.

_____. Quase-mercado, quase-educação, quase-qualidade: tendências e tensões na educação superior. **Avaliação**, v.7, n.1, p.9-33, 2002.

DRÈZE, J. & DEBELLE, J. **Concepções da universidade** . Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 1983.

DYNIWICZ, M; MARTINS M de. Pesquisar é preciso: escrever é difícil. **Cogitare**. Curitiba, v.3, n.1, p. 113-117. jan/jun, 1998

ECO, U. **Como se faz uma Tese**. São Paulo: Perspectiva, 1983.

EMBRATUR . **Anuário Estatístico 2001**. Brasília, DF, 2002.

_____. **Pesquisa sobre o Turismo Emissivo e Receptivo 1998**. Brasília, DF, 1999.

ENDIPE – X ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO, Rio de Janeiro, 2000. **Anais do X Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino**: Rio de Janeiro, UERJ,.527p, 2000

ENDIPE – XI ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO, Goiânia, 2002. **Anais do XI Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino**: Goiânia, p. 528. 2002.

FACHIM, O. **Fundamentos de Metodologia**. São Paulo: Saraiva, 2002.

FAYOS-SOLÁ, E. (Coord.) Introducción a TEDQUAL: **Uma Metodología para la Calidad em Educación y Formación Turísticas**, 1ª Edición, - Organización Mundia del Turismo, Madrid, Marzo 1997.

FAZENDA, I. **Metodologia da Pesquisa Educacional**, Cortez, São Paulo. 1991.

FAZENDA, I; LINHARES, C. (Orgs.) Os Lugares dos Sujeitos na Pesquisa Educacional. Campo Grande: UFMS, GIL, A C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 2. ed. São Paulo; Atlas. 2001.

FEATHERSTONE, Mike. Da universidade à pós-modernidade? Explorando as possibilidades de novas formas de comunicação. In: SANTOS FILHO, José Camilo dos; MORAES; Sílvia E. **Escola e universidade na pós-modernidade**. São Paulo: Mercado das Letras, p.61-99. 2000.

FILSTEAD, William J. Métodos cualitativos: una experiencia necesaria en la investigación evaluativa. In COOK, T.D. & REICHARDT, C. S (org.). **Métodos cualitativos y cuantitativos en investigación evaluativa**. Madrid, Ediciones Morata, 1986.

FRANCO, Maria Laura P. Barbosa. Qualidade total na formação profissional: do texto ao contexto. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 76, nº 182/183, p. 117-138, jan/ago. 1995.

FREDDO, A. C. C. O Trabalho de Conclusão de Curso como Proposta de Reflexão. **Horizontes**, Bragança Paulista, v.12, n.1, p.69-75, jan./jun,1994.

GAJARDO, Marcela. Pesquisa participante: propostas e projetos. In BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

GAMBOA, Silvio Ancízar Sánchez. A pesquisa na construção da universidade: compromisso com a aldeia num mundo globalizado. In: LOMBARDI, José Claudinei (Org.). **Pesquisa em educação: história, filosofia e temas transversais**. São Paulo: Autores Associados, p.77-93,1999.

GARVEY, W. D. **Communication: the essence of science**. Oxford: Pergamon, 332p, 1979.

GATTI, Bernadete Angelina, **A construção da pesquisa em educação no Brasil**. 2. ed. Brasília: Plano, 87 p. 2004.

GEE, C,Y, (Ed.) **International Turism: A global perspective**, Organization 2. ed. May 199, Madri.

GENTILI, Pablo. **A falsificação do consenso: simulacro e imposição na reforma educacional do neoliberalismo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

_____. **Universidades na penumbra: o círculo vicioso da precarização e a privatização do espaço público**. In: GENTILI, Pablo (Org.). **Universidades na penumbra: neoliberalismo e reestruturação universitária**. São Paulo: Cortez, 2001.

GLASER, Barney G. and STRAUSS, Anselm L. **The Discovery Grounded Theory. Strategies for Qualitative Research**. New York: Aldine Publishing Company. 1967)

GOELDNER, Charles R. ; RITCHIE, J.R. Brent; McIntosh, Robert W. **Turismo: Princípios, Práticas e Filosofias 8ª. Edição Bookman, São Paulo, 2002.**

_____. **A crise da identidade da universidade moderna**. In: SANTOS FILHO, José Camilo dos; MORAES, Sílvia E. **Escola e universidade na pós-modernidade**. São Paulo: Mercado das Letras, p.101-161. 2000.

GOERGEN, Pedro. A divulgação da pesquisa educacional. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v.66, n.153, p.201-214, 1985.

GRAMSCI, A. **Concepção dialética da história**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

GRINSPUN, Mirian Paura Sabrosa Zippin. Os novos paradigmas em educação: os caminhos viáveis para uma análise. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v.75, n. 179/180/181, p. 211-242, jan/dez. 1994.

GUBA, E. In: DENZIN, N, LINCOLN, Y, **Handbook of Qualitative Research**, Sage Publication, 2nd Edition, United States, 2001.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 3. ed. rev. atual. Petrópolis: Vozes, 1992.

HENRIQUES, Vera Maria P. de Miranda. Sobre a resenha: “a crise dos paradigmas de Waldemar de Gregori”. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 74, n. 176, p. 131-184, jan/abril. 1993.

HOUSE, Ernest R. Integrating the quantitative and qualitative. In REICHARDT, C. S. & RALLIS, S. F. (ed.). **The qualitative-quantitative debate: new perspectives**. New Directions for Program Evaluation nº 61. San Francisco: Jossey-Bass, 279, 1994.

INÁCIO FILHO, G. A monografia na universidade. Campinas: Papirus. In: TRINDADE, V; LEAL, Maria C. **Razão Científica e Educação Científica**, 1995.

IZIQUÉ, Cláudia. Produção crescente. **Pesquisa Fapesp**, n.81, p.18-22, nov. 2002.

KERSCHER, M. A; KERSCHER, S. A. **Monografia como fazer**. Rio de Janeiro: Thex Editora, 1999.

KIRK, Jerome. **Reliability and validity in qualitative research**, 1986. Beverly Hills: Sage Publications, 1986.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 1987.

KUNSCH, M.M. **Universidade e comunicação na edificação da sociedade**. São Paulo: Loyola, 1992, 195 p.

LEAL, Maria C. Razão Científica e Educação Científica. In: TRINDADE, V; FAZENDA, I. LINHARES, C. (Orgs.) **Os Lugares dos Sujeitos na Pesquisa Educacional**. Campo Grande: UFMS, 2001.

LEITE, S. A. Desafios para a pesquisa sobre iniciação científica em psicologia. In: LE COADICK, Y. **A ciência da informação**. Brasília: Brinquet de Lemos, 1996.

LE COADIC, Y. **A ciência da informação**. Brasília: Brinquet de Lemos/Livros, 1996. p. 199.

LEHER, Roberto. **Da ideologia do desenvolvimento à ideologia da globalização: a educação como estratégia do Banco Mundial para “alívio” da pobreza**. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

LÖWY, Michael. **As aventuras de Karl Marx contra o barão de Münchhausen: marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento**. 2. ed. São Paulo: Busca Vida, 1988.

_____. **Ideologias e ciência social: elementos para uma análise marxista**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

_____. **Método dialético e teoria política**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

LUCKESI, Cipriano; BARRETO, Elói; COSMA, José; BAPTISTA, Naidison. **Fazer universidade: uma proposta metodológica**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

_____. De alianças, atrasos e intelectuais. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 24 abr. 1994. p.6-8. Caderno Mais.

_____. A universidade em ruínas. In: TRINDADE, Hégio (Org.). **Universidade em ruínas: na república dos professores**. Rio de Janeiro: Vozes, 1999a. p.211-222

_____. A universidade operacional. **Adunicamp**, v.1, n.1, p.6-9, 1999b.

_____. Ideologia neoliberal e universidade. In: OLIVEIRA, Francisco de; PAOLI, Maria Célia (Orgs.). **Os sentidos da democracia: políticas do dissenso e a hegemonia global**. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes; Brasília: NEDIC, 2000. p.27-51

_____. **Escritos sobre a universidade**. São Paulo: UNESP, 2001.

LÜDKE, Menga & ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1986.

LYOTHARD, Jean François. **O pós-moderno**. Rio de Janeiro: Ed. José Olímpio, 1988.

MACIAS-CHAPULA, César. **The role of informetrics and scientometrics in the national and international perspective**. [Apresentado ao Scientific Literature Evaluation Seminar, São Paulo, 1998.

MARCONI, M. de A. Leitura. In: _____. **Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2000.

MARTINS, Joel. A pesquisa qualitativa. In FAZENDA, Ivani (org). **Metodologia da pesquisa educacional**. São Paulo: Cortez, 1997.

MASSARINI, L; MOREIRA, L.C, **A retórica e a ciência dos antigos originais à divulgação científica**. Revista Ciência & Ambiente, v. 1, p. 31 – 47, jun 1990.

MATTAR NETO, J. A. **Metodologia científica na era da informática**. São Paulo: Saraiva. 2000.

MAXWELL, In: WINTER, Glyn 2000 – **The Qualitative Report**, Vol. 4 Numbers 3 & 4. March 2000.

MEC/SEF. Referenciais para Formação de Professores. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1999.

MENEGHEL, S. M. **Zeferino Vaz e a Unicamp – Uma Trajetória e um Modelo de Universidade**, Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1994.

MENEZES, Luís Carlos de. **Universidade sitiada: a ameaça de liquidação da universidade brasileira.** São Paulo: Perseu Abramo, 2000.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

MIRANDA, D.B. O periódico científico como veículo de comunicação: uma revisão de literatura. **Revista ciência da informação**, v.25, n.3 p. 375 – 380, 1996.

MONTEIRO, G. **Guia para Elaboração de Projetos, Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs), Dissertação e Teses.** São Paulo: Edicon, 1998.

MORAES, Sílvia E.; SANTOS FILHO, José Camilo dos. Apresentação. In: SANTOS FILHO, José Camilo dos; MORAES, Sílvia E. Escola e universidade na pós-modernidade. São Paulo: **Mercado das Letras**, 2000. p. 7-14.

MOREIRA, M.^a; BUCHWEITZ, B. **Mapas conceituais: instrumentos didáticos, de avaliação e de análise de currículo.** São Paulo: Moraes, 1987.

MOROSINI, Marília. **Internacionalização de sistemas universitários: o Mercosul.** In: SGUISSARDI, Valdemar; SILVA Jr, João dos Reis (Orgs.). Políticas Públicas para a Educação Superior. Piracicaba: UNIMEP, 1997. p.225-254.

MOROSINI, Marília; LEITE, Denise B. C. **Avaliação institucional como um organizador qualificado: na prática, é possível repensar a universidade?** In: SGUISSARDI, Valdemar (Org.). Avaliação universitária em questão: reformas do estado e da educação superior. São Paulo: Autores Associados, 1997. p.123-147.

MORSE, In: DENZIN, N, LINCOLN, **Handbook of Qualitative Research**, Sage Publication, 2nd Edition, United States, 2001.

OLIVEIRA, AZZI. Concepção do Conceito de Pesquisa por Alunas Concluintes de um Curso de Pedagogia. In: VI CONGRESSO ESTADUAL PAULISTA SOBRE FORMAÇÃO DE EDUCADORES. Águas de Lindóia: São Paulo, nov.,2001. **Anais...** Águas de Lindóia, ago., 2001. 214p., p.169.

OLIVEIRA, G. P.; PEREIRA, M. A. L. Visão do aluno_ futuro professor_ sobre o Trabalho de Conclusão de Curso em Pedagogia. In: X ENDIPE – ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO, Rio de Janeiro,2000. **Anais...** Rio de Janeiro, maio./jun., 2000. 527p., p.433-434.

OLIVEIRA, Romualdo Portela de (Org.). **Política educacional: impasses e alternativas.** 2.ed. São Paulo: Cortez, 1998b. p.11-25.

PACHANE, G.G. **A Universidade Viva: A Experiência Universitária e Sua Contribuição ao Desenvolvimento Pessoal a Partir da Perspectiva do Aluno.** Dissertação de Mestrado, FE, Unicamp, Campinas, 1998

PAIM, A. (1981). **A UDF e a Idéia de Universidade.** Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro.

PATTON M.Q. **Qualitative Evaluation and Research Methods** (2nd ed.) Newbury Park, CA: Sage Publications, 1990.

PEREIRA, Regina Bochniak. Avaliação e pesquisa: um mesmo estatuto epistemológico em perspectiva interdisciplinar. **Pro-posições**, vol. 6 n. 1 [16], p.115-124, mar. 1995.

POBLACIÓN, D.^a Globalização do conhecimento e difusão da produção científica gerada na universidade brasileira, **Revista Brasileira de Comunicação**. v. 17. n. 1. p 121 – 138, jan/jun 1994.

POLIT, D. F; HUNGLER, B.P. Relatório de Pesquisa: **Leitura e Revisão da Literatura científica**, In: _____ Fundamentos da pesquisa em enfermagem. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995 cap. 3 p. 41 – 65.

POPKEWITZ, Thomas S. **Paradigm and ideology in educational research**. Philadelphia: The Falmer Press, 1984.

PORTO, I. S. **O processo ensino-aprendizagem no curso de graduação de enfermagem**: perspectiva do professor. 1990. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Escola de Enfermagem Ana Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro .

PUCCI, B. A Indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. **Impulso**, v.5, n.10, p.33-42, 1991.

RAMOS, Oswaldo Luiz. Saúde. In: SCHWARTZMAN, Simon (Ed.). **Ciência e tecnologia no Brasil**: política industrial, mercado de trabalho, instituições de apoio. Rio de Janeiro: Fund. Getúlio Vargas, 1996. p.389-409.

REJOWSKI, M. **Realidade Turística nas Pesquisas Científicas** – Visão de Pesquisadores e Profissionais, Teses de Livre Docência, São Paulo 1997.

_____. **Pesquisa Acadêmica em Turismo no Brasil (1975-1992)**: configuração sistematização documental. Tese (Doutorado) 1993.

_____. Pesquisa em Turismo nas Universidades Brasileiras. **Turismo em Análise**, São Paulo, v.5, n.1, p.49-66, 1994.

_____. **Turismo e Pesquisa Científica**: Pensamento Internacional x Situação Brasileira. Campinas: Papyrus, 1996.

ROCHA, S. M. M.; BOEMER, M. R. Impacto social da pesquisa em enfermagem. **Revista da USP**, São Paulo, v.26, p. 49-60, out. 1992. Número especial.

RODRIGUES, M. E. F. (org). **Fórum de pró-reitores de graduação das universidades brasileiras**: resgatando espaços e construindo idéias: de 1997 a 2002, Eduff, Niterói, RJ: PAIM, A. (1981). A UDF e a Idéia de Universidade. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 2002.

RIBEIRO, Maria Luisa SANTOS. **História da educação brasileira: a organização escolar**. 5.ed. São Paulo: Moraes, 1984.

RIBEIRO, R. J. Por uma SBPC com maior atuação social. **Folha de São Paulo Tendências/Debates**. São Paulo, 13 mai, 2003 p A 3.

RICHARDSON, R. J. et al. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

RIOS, M. de F. S. Experiências dos Alunos de Pedagogia da Universidade Estadual do Maranhão Durante a Avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso. **Pesquisa em Foco**, São Luís, v.7, n.9, p.203-215, jan./jun. 1999.

_____. Experiências dos Alunos de Pedagogia da Universidade Estadual do Maranhão Durante a Avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso. **Pesquisa em Foco**, São Luís, v.7, n.9, p.203-215, jan./jun. 1999.

RITCHIE, B. JR. & GOELDNER, C. R. **Travel, Tourism, and Hospitality Research – A Handbook for managers and researchers**, Second Editions, John Wiley & Sons, Inc. (1994; p. 97).

ROCHA, S. M. M.; BOEMER, M. R. Impacto social da pesquisa em enfermagem. **Revista da USP**, São Paulo, v.26, p. 49-60, out. 1992. Número especial.

ROSALDO, R. **Culture and truth: the remaking of social analysis**. Boston: Beacon, 1989.

RYAN, C. **Researching Tourist Satisfaction: Issues, concepts, problems**, Routledge, London, 1995.

SANTOS FILHO, J. C. O Ensino superior com uma Área de Estudos e Pesquisa: A Experiência Internacional. **Pró-Posições**. v.5, n.2. Campinas: Unicamp.

SANTOS FILHO, J. C. (2000). Universidade, Modernidade e Pós-modernidade in: SANTOS FILHO \, J. C. e MORES, S.E.(orgs) Escola e Universidade Pós-modernidade, Campinas, SP: **Mercado das Letras**, 1994

SEVERINO, J. A. **Metodologia do Trabalho Científico**. 19. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

SILVA, Maria Abadia da. **Intervenção e consentimento: a política educacional do Banco Mundial**. Campinas: Autores Associados, 2002.

SCHAFF, Adam. **A sociedade informática**. São Paulo: Ed. da UNESP, 1995.

SCHWARTZMAN, Simon. Desempenho das unidades de pesquisa: ponto para as universidades. **Rev. Brasileira de Tecnologia**, v.16, n.2, p.54-60, 1985.

_____. Funções e metodologias de avaliação do ensino superior. In: SOUSA, E. da; SCHWARTZMAN, Simon et al. **Ciência e tecnologia no Brasil: política**

industrial, mercado de trabalho, instituições de apoio. Rio de Janeiro: Fund. Getúlio Vargas, 1998. p.1-59.

_____. O ensino superior no Brasil: a busca de alternativas. **Educação Brasileira**, v.18, n.37, p.1-45, 1996.

_____. Funções e metodologias de avaliação do ensino superior. In: SOUSA, Eda C. B. M. de. **Avaliação em instituições de ensino superior**. v.6, p.249-280, 1998.

SCHWARTZMAN, S. et al. Um sistema de indicadores para as universidades brasileiras. In: SCHAFF, Adam. **A sociedade informática**. São Paulo: Ed. da UNESP, 1995.

SILVEIRA, Elisabeth; VALLE, Lílian do; ALVES, Nilda. **A pesquisa no Brasil: de volta à clandestinidade?** Tempo e Presença, n.299, p. 20-24, 1998.

SINCLAIR, M. T. **The economics of tourism** – Progress in Tourism Recreation and Hospitality Management. London: Belhaven Press, 1995. v. 3, p. 1–27.

SNYDERS, G. (1995). **Feliz na Universidade: Estudo a Partir de Algumas Biografias**, Rio de Janeiro: Paz e Terra. Tradução Antônio de Padua Danesi.

SOBRINHO, José Dias. Avaliação institucional: a experiência da Unicamp – condições, princípios, processo. In **Pro-posições**, Campinas/SP, vol. 6 nº 1 [16], p. 41-54, mar. 1995.

SOUZA, Fernando Menezes Campello de. Avaliação institucional na Universidade Federal de Pernambuco: o laboratório de qualidade e a avaliação de sistemas. In **Pro-posições**, Campinas/SP, vol. 6 nº 1 [16], p. 79-84, mar. 1995.

SOUZA, M. F. de; GUTIÉRREZ, M.G.GR. de. Pesquisa em enfermagem. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v.3, n4, p.137-142, dez. 1990.

SOUZA SANTOS, Boaventura de. **Um discurso sobre as ciências**. 8. ed. Porto: Afrontamento, 1996.

STYNES, D. J. **The economic impacts of tourism**. Michigan State University, 1999. Mimeo.

SUAIA, A. C. A. Monografia racional. In: SEMINÁRIO EM ADMINSTRARÇÃO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 1., 1996, São Paulo. **Anais...** São Paulo, SP: FEA-USP, 1996, p.276,295.

TARGINO, M.G. Comunicação científica: uma revisão de seus elementos básicos, **Revista Informação & Sociedade**, v. 10, n.2, p.37-85,2000.

_____. Divulgação de resultados como expressão da função social do pesquisador. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 29, n.1, p. 11-35, jan/jun. 2001.

TEIXEIRA, A. **A Universidade de Ontem e de Hoje**. Coleção Universidade, editora da UERJ, Rio de Janeiro. 1977

THIOLLENT, M. (1984). Aspectos qualitativos da metodologia de pesquisa com objetivos de descrição, avaliação e reconstrução. **Caderno de Pesquisa**, n. 49, p. 45-50. São Paulo: Fundação Carlos Chagas.

TRIVIÑOS, A. N. S.. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais – a Pesquisa Qualitativa em Educação: o Positivismo, A Fenomenologia, o Marxismo**. São Paulo: Atlas. 1987

UNICAMP, **Revista Unicamp vestibulando**, Campinas, SP. 2001.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 5. ed. São Paulo: Atlas 2004

VICTORIANO, B.A. D.; GARCIA, C.C. **Produzindo a monografia: Trabalho de Conclusão de Curso**. São Paulo: Publister, 1996.

VIDICH, Arthur J. & LYMAN, Stanford M. Qualitative methods: their history in sociology and anthropology. In DENZIN, Norman & LINCOLN, Yvonna (ed.) **Handbook of qualitative research**. Thousand Oaks: Sage Publications, 1994.

VON ZUBEN, N. A. (1995). A Relevância da Iniciação Científica na Universidade. **Pró-Posições**, v. 6, nº 2[17], Campinas, SP.

YIN, R., **Case study research: design and methods**, 2. ed. Thousand Oaks Sage, 1994.

WINTER, Glyn 2000 – **The Qualitative Report**, Vol, 4. Numbers 3 & 4, March 2000.

RELAÇÃO DOS SITES ACESSADOS

<http://www.revistapesquisafapesp.br>. 20 Out. 2002: acesso em 20/12/2005
<http://anped.org.br/> acesso em 20/12/2005.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO 2001: banco de dados. Disponível em: <<http://www.world-tourism.org>>. Acesso em: 21/12/2005.

ANEXOS

ANEXO A – INVENTÁRIO DE MONOGRAFIAS DO CURSO DE TURISMO DA UFMA QUE ABORDAM O FENÔMENO DA GESTÃO DE NEGÓCIOS TURÍSTICOS (SOMENTE AS SELECIONADAS)

Ano 2001

BARBOSA, Idner Cavalcante. **Transporte Turístico**. São Luís: UFMA, 2001.

Estudo sobre o transporte turístico com enfoque para as locadoras de veículos de São Luís. É um balanço deste segmento na capital maranhense, sendo analisadas o início do setor, o seu crescimento e suas perspectivas.

Orientadora: Prof^a. Ms. Fabiana Mendes Lobato.

CARVALHAL, Adriana Freitas. **Estudo do potencial Turístico do Marafolia**. São Luís: UFMA, 2001.

Estudo do potencial turístico do Marafolia. Aborda-se o turismo de eventos, conceitos, tipos, aspectos: data, porte e perfil dos participantes, impactos na economia, sua relevância para diminuir os efeitos da sazonalidade e benefícios. Enfoca-se o Marafolia como instrumento de fomentação do turismo de São Luís

Orientadora: Prof a. Ms. Fabiana Mendes Lobato.

COSTA, Flávia de Sousa. **Qualidade na prestação de serviços**: um estudo sobre a satisfação dos clientes da TAM em São Luís. São Luís: UFMA, 2001.

Pesquisa sobre a satisfação dos clientes da companhia aérea TAM no aeroporto Marechal CUNHA Machado. Apresentam-se os conceitos de qualidade nos serviços, o sistema de controle do mesmo e uma análise dos clientes. Analisam-se e são interpretados os dados da pesquisa, da transportadora aérea em São Luís.

Orientadora: Prof a. Ms. Fabiana Mendes Lobato.

RUY, Lorraine Silva. **O lazer e o uso de práticas recreativas nas excursões rodoviárias das agências de viagens de São Luís**. São Luís: UFMA, 2001.

Estudo sobre o lazer e o uso de práticas recreativas nas excursões rodoviárias das agências de viagem de São Luís. Estuda-se a história do transporte rodoviário brasileiro e técnicas de animação em excursões. Analisam-se as atividades de animação utilizadas nas excursões rodoviárias das agências de viagem. Elaboram-se propostas para a animação turística nas excursões rodoviárias.

Orientadora: Prof a. Ms. Fabiana Mendes Lobato.

Ano 2002

FARIAS, Sheyla Yonara Dantas de. **Análise Sistêmica: estudo de caso da Agência Trapiche**. São Luís: UFMA, 2002.

Abordagem sobre a análise sistêmica do turismo enfocando o caso da agencia Trapiche Viagens e Turismo. Descreve-se as ações da cibernética e a Teoria Geral dos Sistemas.

Orientadora: Prof^a Ms. Conceição Belfort

CARVALHO, Luís Fernando Arruda de. **A qualificação profissional do bacharel em turismo em São Luís**. São Luís: UFMA, 2002.

Estudo analítico que visa identificar a qualificação atual do bacharel em turismo formado na capital deste estado, sua relação com o mercado profissional de turismo, o nível de conhecimento em relação a que este mercado espera dele, relacionado as

diversas deficiências encontradas e propondo soluções para o que deve ser feito para haver maior proximidade entre o que é ideal e o que é real no que tange a uma excelência na sua formação.

Orientador(a): -----

FARIAS, Maria do Livramento. **A qualidade dos serviços nos restaurantes típicos de São Luís**. São Luís: UFMA, 2002. 65p.

Estudo sobre a qualidade dos serviços nos restaurantes típicos de São Luís. Apresentando a visão do empresário sobre os serviços prestados pelo seu restaurante, bem como a opinião dos clientes a respeito desses serviços.

Orientador: Prof. Luís Antônio Pinheiro

NEVES, Kláudia Costa da. **Hotel Abbeville: estudo de caso do setor de eventos**. São Luís: UFMA, 2002.

Um estudo de caso sobre o setor de eventos no Hotel Abbeville. Comenta-se alguns conceitos sobre turismo, as organizações de hospitalidade, assim como algumas motivações turísticas inerentes a área hoteleira. Faz-se abordagens sobre os eventos no setor hoteleiro.

Orientadora: Prof^a. Ms. Mônica de Nazaré Ferreira de Araújo

PEREIRA, Luciana de Freitas. **Captação de Eventos**: a sua importância para o desenvolvimento do turismo de eventos em São Luís. São Luís: UFMA, 2002.

Estudo sobre captação de eventos com foco na sua importância para o desenvolvimento do turismo de eventos em São Luís. Aborda-se o turismo de eventos nos aspectos de equipamentos e serviços e políticas públicas e privadas para o setor.

Orientador: Prof^o. Luiz Antônio Pinheiro

BEZERRA, Marcelle Santos Jacintho. **Geração de emprego e renda nos meios de hospedagem em São Luís – Maranhão através da realização de eventos**. São Luís: UFMA, 2002.

Apresenta-se o turismo de eventos e sua importância sócio econômica, abordando-se a potencialidade do mercado de eventos.

Orientador: Prof. Ms. Leopoldo Gil Dulcio Vaz

PAZ, Adriana Câmara. **Promoção Turística de São Luís no espaço cibernético**: análise das funções serviços oferecidos pelos sites de promoção turística de São Luís na internet. São Luís: UFMA, 2002.

Análise das funções e serviços oferecidos pelos sites de promoções turística de São Luís na Internet. Apresenta-se a Internet, sua história, evolução, funcionamento e seu processo de comunicação, dando-se um panorama de sua utilização no mundo relacionando-a com o turismo. Aborda-se o produto turístico e a utilização do marketing e do comércio eletrônico para o turismo.

Orientadora: Prof^a. Ms. Mônica de Nazaré Ferreira de Araújo

Ano 2003

LOUZEIRO, Flávia Oliveira da Silva. **Turismo Náutico: uma oportunidade de negócios para São Luís**. São Luís: UFMA, 2003.

Um estudo sobre as possibilidades de desenvolvimento do Turismo Náutico em São Luís. Comenta-se alguns conceitos sobre turismo, transporte aquático e turismo náutico.

Orientadora: Prof^a. Ms. Mônica de Nazaré Ferreira de Araújo

RODRIGUES, Sandra de Miranda. **A qualidade na prestação de serviços dos condutores turísticos nos lençóis maranhenses**. São Luís: UFMA, 2003.

O presente trabalho aborda as características do turismo praticado nos Lençóis Maranhenses, enfocando a condição de Parque Nacional como seu principal atrativo e como o Município de Barreirinhas sofre os impactos econômico-sociais da exploração turística. Analisa-se o perfil dos condutores turísticos atuantes no Município de Barreirinhas e elabora-se uma proposta de qualificação desses recursos humanos.

Orientadora: Prof^a. Ms. Fabiana Mendes Lobato.

MESQUITA, Jamille Fernandes. **A opinião dos turistas sobre a qualidade do serviço do Flat em São Luís: estudo de caso do Parthenon Mont Blanc**. São Luís: UFMA, 2003.

Estudo sobre a opinião dos turistas sobre a qualidade do serviço prestado pelo Flat Mont Blanc. Aborda-se sobre a hotelaria no Maranhão, um breve apanhado dos anos 70 aos dias atuais. Exemplificam-se os setores de um hotel, seus principais cargos e relata-se sobre qualidade destacando-se a qualidade dos serviços.

Orientador: Prof^o. Luís Antonio Pinheiro.

CHAVES, Ariadne Ribeiro. **O papel logístico das agências de viagens no setor de eventos em São Luís**. São Luís UFMA, 2003.

Estudo sobre o papel logístico das agencias de viagens no setor de eventos em São Luís. Apresentam-se os conceitos, tipos e evolução do turismo de eventos. Aborda-se o funcionamento das agencias de viagens, principais entidades e os fenômenos que revolucionaram suas atividades.

Orientadora: Prof^a. Ms. Conceição Belfort

Ano 2004

BATISTA, Max Weiber Fernandes. **Plano de negócios: como elemento norteador na formação e desenvolvimento de empreendedores turísticos**. São Luís: UFMA, 2004.

Este trabalho tem o objetivo de apresentar os conceitos, o uso, a importância e a estrutura de um Plano de Negócios Turísticos, além de auxiliar na formação e desenvolvimento de empreendedores com habilidades e visão do sistema turístico.

Orientador: Prof. Luís Antônio Pinheiro

AZULAY, Raissa Ribeiro de Gusmão. **Turismo para evangélicos: uma nova opção de segmentação turística**. São Luís: UFMA, 2004.

Faz-se uma análise do público evangélico e de suas características próprias e estilo de vida. Estuda-se a segmentação de mercado como forma de maior satisfação do cliente e se analisa o turismo para evangélicos como um novo e crescente segmento do mercado turístico.

Orientadora: Prof^a. Ms. Fabiana Mendes Lobato

BOTELHO, Amisterdan Silva. **Slogans no Turismo: a consolidação da identidade turística de uma localidade através da propaganda.** São Luís: UFMA, 2004.

Estudo do uso dos slogans no turismo e da consolidação da identidade turística de uma localidade através da propaganda. Analisa-se a utilização do marketing na divulgação dos slogans de localidades turísticas. Estuda-se o uso do marketing tradicional pelo turismo.

Orientadora: Prof^a. Ms. Fabiana Mendes Lobato

ALMEIDA, Samia Vedoato. **A importância do Vôo Charter para o Turismo em São Luís.** São Luís: UFMA, 2004.

Estudo sobre a importância que o crescimento das companhias de vôo Charter apresenta para o turismo na cidade de São Luís- MA, levando em conta o número de visitantes que essas empresas trazem para essa capital. Faz-se uma relação entre turismo e aviação. Comenta-se os seus tipos, bem como quanto a regulamentação dos procedimentos nesse âmbito.

Orientador: Prof^o. Luiz Antônio Pinheiro

CARACAS, Fernanda Guterres. **Marketing Hoteleiro: descrição da Política de Marketing do Hotel Abbeville (São Luís-MA).** São Luís: UFMA, 2004.

Aborda-se o Marketing, conceituando-o e comentando sobre as aplicações deste que são consideradas imprescindíveis à administração de um empreendimento hoteleiro. Traça-se o histórico da hotelaria em São Luís. Identificam-se as estratégias de marketing utilizadas pelo Hotel Abbeville.

Orientadora: Prof^a. Ms. Fabiana Mendes Lobato

Ano 2005

LIMA, Mayana Virginia Viégas LIMA. **Planejamento Estratégico de Marketing na hotelaria.** São Luís: UFMA, 2005.

Estudo do planejamento estratégico de marketing na hotelaria. Apresentam-se noções sobre o marketing turístico e sobre o mercado no qual está inserido. Estudam-se aspectos conceituais e estruturais do planejamento estratégico de marketing na hotelaria. Analisam-se as estratégias de marketing do Flat Number One Residence.

BECKMAN, Karoline Silva. **Políticas de desenvolvimento do setor turístico: contribuições sobre incentivos financeiros para o desenvolvimento de projetos.** São Luís: UFMA, 2005.89p.

Estudo sobre as políticas de desenvolvimento do turismo. abordam-se aspectos gerais da atividade turística, refletindo sobre seus impactos e efeitos. Discute-se a importância do planejamento turístico e os programas governamentais no Brasil e no Estado do Maranhão, questionando-se as possibilidades de incentivos financeiros para empreendimentos de cunho turístico através de linhas de financiamento.

Orientadora: Prof^a. Linda Maria RODRIGUES.

AMADO, Thiago da Silva. **Planejamento estratégico de marketing da TAM.** São Luís:UFMA,2005.92p.

Planejamento estratégico de marketing da TAM. Apresentam-se noções sobre o marketing turístico sobre o mercado no qual está inserido. Faz-se um estudo a respeito do mix de marketing e seus componentes. Estudam-se os aspectos

conceituais e estruturais do planejamento estratégico de marketing voltado para as companhias aéreas. Analisa-se o planejamento estratégico de marketing utilizado pela TAM Linhas Aéreas.

Orientadora: Prof^a. Ms. Fabiana Mendes Lobato

SILVA, Lithson Andrey Melo da. O potencial turístico dos eventos evangélicos: uma perspectiva para a atividade turística. São Luís:UFMA,2005.65p.

Estudo sobre o potencial turístico dos eventos evangélicos. Faz-se uma análise sobre os evangélicos no país destacando seu crescimento populacional e a sua ligação com o turismo. Estuda-se o turismo de eventos e se destaca o turismo evangélico através de congressos realizados no Brasil e em São Luís, como segmento importante para o mercado turístico, trazendo sugestões de planejamento e divulgação desses eventos. Apresenta-se os resultados de pesquisa sobre o perfil do evangélico no Maranhão em relação ao turismo de eventos.

Orientadora: Prof^a. Ms. Fabiana Mendes Lobato

ROCHA, Polyana Coimbra. Empreendedorismo Turístico: uma alternativa no processo de desenvolvimento da cidade de Barreirinhas - MA. São Luís: UFMA, 2005.111p.

Discorre-se sobre o desenvolvimento da cidade de Barreirinhas, seus empreendimentos e empreendedores. O estudo mostra que o empreendedorismo é uma alternativa consistente e viável neste desenvolvimento, entretanto, denota-se a necessidade de se educar e preparar estes empreendedores para a administração de seus negócios, despertando nos mesmos a capacidade empreendedora e gerencial.

Orientadora: Prof^a. Ms. Conceição Belfort

DIAS, Liz Renata Lima. Uma Releitura do espaço do Lençóis Maranhenses no discurso da Publicidade Turística. São Luís: UFMA, 2005.73p.(2 exemplares)

Apresenta-se o discurso publicitário, a partir da teoria francesa de Análise do Discurso. Destaca-se a diferença entre texto e discurso, em diferentes teorias. Indicam-se as principais marcas que caracterizam o discurso publicitário e sua estruturação, considerando as particulares da atividade turística.

Orientadora: Prof^a. Dr.^a Ilza Galvão Cutrim

Orientadora: Prof^a. Ms. Fabiana Mendes Lobato

ANEXO B – ÍNDICE POR TÍTULO DAS MONOGRAFIAS APRESENTADAS NO CURSO DE TURISMO DA UFMA QUE ABORDAM O ASSUNTO DA GESTÃO DE NEGÓCIOS TURÍSTICOS (PERÍODO 2001-2005)

Transporte Turístico – 2001

Estudo do potencial Turístico do Marafolia – 2001

Qualidade na prestação de serviços: um estudo sobre a satisfação dos clientes da TAM em São Luís – 2001

O lazer e o uso de práticas recreativas nas excursões rodoviárias das agências de viagens de São Luís – 2001

Análise Sistêmica: estudo de caso da Agência Trapiche – 2002

A qualificação profissional do bacharel em turismo em São Luís – 2002

A qualidade dos serviços nos restaurantes típicos de São Luís – 2002

Hotel Abbeville: estudo de caso do setor de eventos – 2002

Captação de Eventos: a sua importância para o desenvolvimento do turismo de eventos em São Luís – 2002

Geração de emprego e renda nos meios de hospedagem em São Luís – Maranhão através da realização de eventos – 2002

Promoção Turística de São Luís no espaço cibernético: análise das funções serviços oferecidos pelos sites de promoção turística de São Luís na internet – 2002

Turismo Náutico: uma oportunidade de negócios para São Luís – 2003

A qualidade na prestação de serviços dos condutores turísticos nos lençóis maranhenses – 2003

A opinião dos turistas sobre a qualidade do serviço do Flat em São Luís: estudo de caso do Parthenon Mont Blanc – 2003

O papel logístico das agências de viagens no setor de eventos em São Luís – 2003

Plano de negócios: como elemento norteador na formação e desenvolvimento de empreendedores turísticos – 2004

Turismo para evangélicos: uma nova opção de segmentação turística – 2004

Marketing Hoteleiro: descrição da Política de Marketing do Hotel Abbeville (São Luís-MA) – 2004

Slogans no Turismo: a consolidação da identidade turística de uma localidade através da propaganda – 2004

A importância do Vôo Charter para o Turismo em São Luís – 2004

Planejamento Estratégico de Marketing na hotelaria – 2005

Políticas de desenvolvimento do setor turístico: contribuições sobre incentivos financeiros para o desenvolvimento de projetos – 2005

Planejamento estratégico de marketing da TAM – 2005

O potencial turístico dos eventos evangélicos: uma perspectiva para a atividade turística – 2005

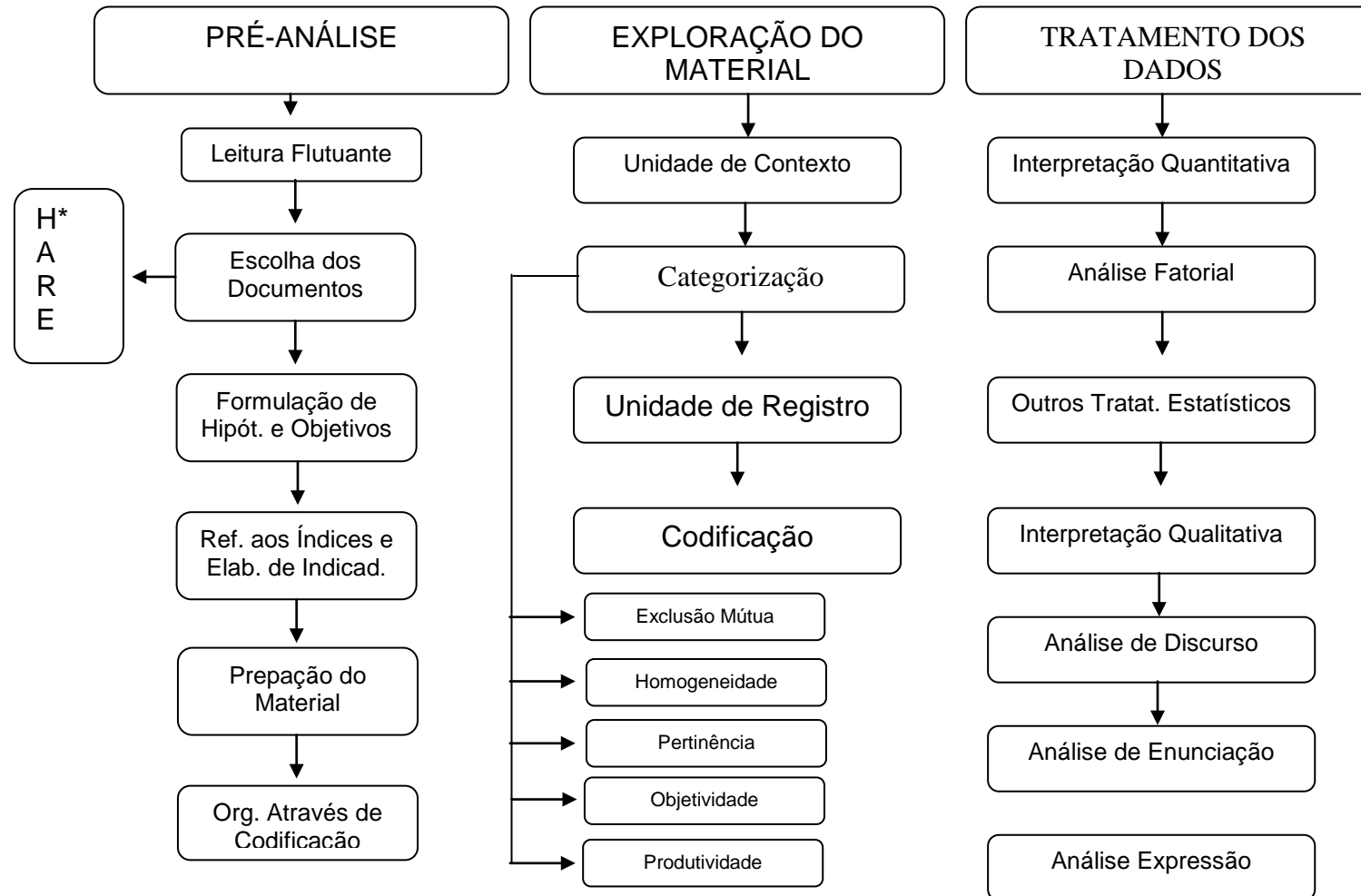
Empreendedorismo Turístico: uma alternativa no processo de desenvolvimento da cidade de Barreirinhas – MA – 2005

Uma Releitura do espaço dos Lençóis Maranhenses no discurso da Publicidade Turística – 2005

APÊNDICES

APÊNDICE A - MAPA CONCEITUAL

Mapa conceitual, produzido a luz dos estudos de RICHARDSON (1999), BARDIN (1977), TRIVINÕS (19870,



* H = homogeneidade; A = Adequação; R = Representatividade; E = Exaustividade.

APÊNDICE B – MATRIZ PARADIGMÁTICA

1. IDENTIFICAÇÃO

- 1.1. Autor:
- 1.2. Título:
- 1.3. Área de concentração:
- 1.4. Data de Defesa:
- 1.5. Orientador (a):

2. NÍVEL TÉCNICO

- 2.1. Caracterização da Pesquisa:
- 2.2. Técnicas Utilizadas na Coleta de Dados:
- 2.3. Instrumentos Utilizados na Coleta de Dados
- 2.4. Procedimentos Utilizados no Tratamento dos Dados:

3. NÍVEL METODOLÓGICO

- 3.1. Principais Passos e Procedimentos Adotados:
- 3.2. Tipos de Paradigmas:
 - 3.2.1. () Quantitativo
 - 3.2.2. () Qualitativo
 - 3.2.3. () Outro

4. NÍVEL TEÓRICO

- 4.1. Principais temáticas trabalhadas:
 - 4.1.1. Problemas privilegiados:
 - 4.1.2. Problemas referentes à construção da pesquisa
 - 4.1.3. Problemas sociais privilegiados:
- 4.2. Críticas Desenvolvidas:
- 4.3. Propostas Apresentadas:
- 4.4. Autores Mais Citados:

5. NÍVEL EPISTEMOLÓGICO

- 5.1. Critérios de Validação Científica:
- 5.2. Concepção de Causalidade:
- 5.3. Concepção de Ciência:
- 5.4. Pressupostos Lógico-Gnoseológicos (Relação sujeito-objeto)